

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CEARÁ
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA
APLICADA



ANA KAROLINE SABOIA DE ALBUQUERQUE

COMPOSIÇÃO MULTIMODAL DE NARRATIVAS DIGITAIS:
um estudo sobre processos e estratégias de produção

FORTALEZA – CEARÁ
2012

ANA KAROLINE SABOIA DE ALBUQUERQUE

**COMPOSIÇÃO MULTIMODAL DE NARRATIVAS DIGITAIS:
um estudo sobre processos e estratégias de produção**

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado Acadêmico Linguística Aplicada, do programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada do Centro de Humanidades da Universidade Estadual do Ceará, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Linguística Aplicada.

Área de Concentração: Estudos da Linguagem

Orientador ou Orientadora: Prof.^a Dr.^a Iúta Lerche Vieira

FORTALEZA - CEARÁ
2012

A345 Albuquerque, Ana Karoline Saboia

Composição multimodal de narrativas digitais: um estudo sobre processos e estratégias de produção / Ana Karoline Saboia de Albuquerque — Fortaleza, 2012.

183 p. : il.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Iúta Lerche Vieira.

Dissertação (Mestrado Acadêmico em Linguística Aplicada do Programa de Pós-Graduação em .Linguística Aplicada) – Universidade Estadual do Ceará, Centro de Humanidades.

1. Abordagem processual da escrita. 2. Processos de escrita na tela. 3. Composição multimodal. 4. Narrativas digitais. 5. Estratégias de redatores.

CDD: 377

Universidade Estadual do Ceará
Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada

**TÍTULO: COMPOSIÇÃO MULTIMODAL DE NARRATIVAS
DIGITAIS: um estudo sobre processos e estratégias de produção**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada do Centro de Humanidades da Universidade Estadual do Ceará, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre.

Área de Concentração: Estudos da Linguagem
Linha de Pesquisa: Leitura, Escrita e Multiletramentos

Autor: Ana Karoline Saboia de Albuquerque

Conceito obtido: Satisfatório

Defesa em: 28/03/2022.

Nota obtida: 30,0

BANCA EXAMINADORA

Iúta Lérche Vieira

Profa. Dra Iúta Lérche Vieira (Presidente)
Universidade Estadual do Ceará – UECE

Ana Maria Iório Dias

Profa. Dra Ana Maria Iório Dias
Universidade Federal do Ceará – UFC

Maria Helenice Araújo Costa

Profa. Dra Maria Helenice Araújo Costa
Universidade Estadual do Ceará – UECE

À minha família, pelo apoio nos momentos difíceis,
pela compreensão durante minha ausência, pelos
ensinamentos e valores que levarei para toda a vida.

Agradecimentos

A Deus, que abençoou todo o trabalho empreendido durante estes dois anos, que abriu os caminhos e as portas que eu precisava e também me fez encontrar pessoas maravilhosas e fortalecer laços de amizades.

Aos meus pais, Maria José e Marcos Antônio, por valorizarem minha educação, por me permitirem fazer minhas próprias escolhas e por apoiá-las sempre.

Ao meu irmão, Marcos Lins, pela surpreendente maneira de ser e se fazer presente no meu dia-a-dia.

Aos meus tios, tias, primos e primas, e ao vô Lins, por serem minha felicidade.

Ao Raphael, com quem planejo meu futuro e sonho em formar uma família feliz.

À Professora Lúta Lerche, que tem sido mais que orientadora, desde a iniciação científica, tem sido também companhia na construção de ideias, e amiga nas horas de dificuldade e de felicidade.

À Professora Rozania Moraes, por ter me auxiliado na iniciação científica, pelas preciosas observações na qualificação do projeto, e pelo apoio, apesar da distância.

À Professora Helenice Araújo, pela atenção ao estudo desde a qualificação.

À Professora Ana Lório, pela solicitude em contribuir com o estudo, participando da banca de Defesa.

Aos demais professores e funcionários do PosLA, pelo suporte e pela generosidade.

Ao núcleo gestor e pedagógico da Escola Estadual de Ensino Profissional Maria Dolores Alcântara e Silva, por receber a mim e ao projeto de braços abertos.

Aos amigos, pelas conversas, pelas sugestões e por partilharem vitórias.

Aos colegas de mestrado, em especial Walquiria, João Francisco e Edina, por compartilharem as dificuldades e as soluções.

À CAPES, pelo apoio financeiro, através da bolsa de estudo.

Resumo

O estudo investiga os processos de composição de redatores em narrativas digitais multimodais. Os textos foram construídos em slides, utilizando uma ferramenta de livre acesso (*BrOffice Impress*), durante duas oficinas pedagógicas dirigidas a estudantes do ensino médio, realizadas numa escola estadual de ensino profissional do município de Horizonte, Ceará. Trata-se de um estudo de caso envolvendo duas situações de produção: a primeira oficina foi uma experiência de ensino, com 14 sujeitos, conduzida pela docente/pesquisadora, fornecendo dados quantitativos e elementos de observação que foram aprofundados qualitativamente na oficina seguinte, realizada com os quatro melhores redatores da oficina anterior. Os dados de análise referem-se à observação e acompanhamento da composição de 29 textos gerados durante a primeira oficina, mais entrevistas semi-estruturadas sobre os 9 textos produzidos na segunda oficina. O estudo se baseou na abordagem processual da escrita, usando o modelo de HAYES (2000) aplicável a textos construídos na tela, que foram analisados nos aspectos de composição multimodal e nos aspectos gráfico-visuais (layout). Os resultados revelaram que: 1) os alunos não produziram no gênero narrativa digital, denotando forte influência dos gêneros “mensagem motivacional” e “carta-corrente digital”; 2) os processos de composição dos textos digitais na tela foram similares aos processos redacionais no meio impresso, mesmo apresentando novidades na inclusão de imagens e em suas relações com o texto verbal; 3) os redatores optaram por escrever diretamente na tela do computador, sem auxílio de esquemas em papel; deram prioridade à seleção de imagens no “Google Imagens” e não usaram áudio; 4) as operações de composição foram recursivas, atendendo à dinâmica da produção multimodal; 5) o texto verbal escrito teve mais peso nas composições que a imagem e o componente redacional priorizado foi a “interpretação textual”, com foco na revisão gráfica; 6) a estratégia de “visualização de imagens” surgiu como um recurso novo para gerar, selecionar e organizar ideias na escrita na tela (processo de “reflexão”); 7) no processo de “produção textual”, destacaram-se as estratégias para manter a coesão textual; 8) a colaboração entre redatores não foi diferente no meio digital, tal como no meio manuscrito ou impresso, redigir em grupo não é fácil e as estratégias usadas refletem uma divisão de tarefas. Uma contribuição paralela do estudo foi o procedimento metodológico de transcrição multimodal criado para passar os textos da tela para o papel.

Palavras-chave: Abordagem processual da escrita. Processos de escrita na tela. Composição multimodal. Narrativas digitais. Estratégias de redatores.

Abstract

This study investigates the composition processes of editors in multimodal digital narratives. The texts were constructed in slides, using a free access tool (*BrOffice Impress*), during two pedagogical workshops directed to high school students, developed in a state school of professional education of the municipality of Horizonte, Ceará. It describes a case study involving two situations of production: the first workshop was a teaching experience, with 14 students, conducted by the professor/researcher, providing quantitative data and elements of comment that were detailed qualitatively in the following workshop, developed with the four best editors of the previous workshop. The analysis data is related to the observation and accompaniment of the composition of 29 texts generated during the first workshop, in addition to semi-structured interviews about the 9 texts produced in the second workshop. The study was based on the procedural approach of writing, using the model of HAYES (2000) applied to texts constructed on screen, that were analyzed in the aspects of multimodal composition and in the visual-graphic aspects (layout). The results revealed that: 1) the pupils did not produce in the digital narrative genre, denoting strong influence of the “motivational message” and “digital chain letter” genres; 2) the processes of composition of digital texts on screen were similar to the compositional processes in the written text, even presenting new features in the inclusion of images and their relation with the verbal text; 3) the editors chose to write directly on the computer screen, without the aid of projects in paper; they gave priority to the selection of images in “Google Images” and they did not use audio; 4) the composition operations were recursive, following the dynamics of the multimodal production; 5) the verbal written text was more common in the compositions which the image and the “textual interpretation” component were prioritized, with focus on graphic revision; 6) the strategy of “image visualization” appeared as a new resource to generate, select and organize ideas in writing on screen (process of “reflection”); 7) in the process of “textual production”, the strategies to keep the literal cohesion were most used; 8) the contribution between editors was not different in the digital interface, as in the manuscript or printed productions, to write in group is not easy and the strategies used reflect a division of tasks. A parallel contribution of the study was the methodological procedure of multimodal transcription created to pass the texts from screen to paper.

Key words: Procedural approach of writing. Processes screen writing. Multimodal Composition. Digital narratives. Strategies editors.

Lista de Figuras

Figura 1 – Modelo original de Hayes e Flower (1980) (HAYES, 2000, p. 8)	20
Figura 2 – Modelo de Hayes e Flower (1980) (KATO, 2000, p. 87)	22
Figura 3 – Reformulações sugeridas por Kato (2000, p. 91).....	22
Figura 4 – Novo modelo (HAYES, 2000, p.10).....	23
Figura 5 – Relação imagem-texto (BARTHES, 1977)	41
Figura 6 – Relação imagem-texto (MARTINEC; SALWAY, 2005)	43
Figura 7 – Relação entre ideias para escolha de imagem	67
Figura 8 – Visualização de slides no Br.Office Impress	69
Figura 9 – Coesão através de imagens.....	71
Figura 10 – Critérios de escolha de imagens	73

Lista de Gráficos

Gráfico 1 – Reflexão	55
Gráfico 2 – Produção de texto	57
Gráfico 3 – Produção de texto	58
Gráfico 4 – Interpretação de texto	59
Gráfico 5 – O que foi revisado?	60

Lista de Tabelas

Tabela 1 – Produção de textos na primeira oficina	49
Tabela 2 – Textos produzidos pelos 4 sujeitos mais produtivos nas duas oficinas	51
Tabela 3 – Legenda para organização dos dados	53

Sumário

Introdução.....	13
Objetivos.....	15
Objetivo Geral	15
Objetivos Específicos.....	15
Questões de pesquisa	16
Organização do texto dissertativo	16
Capítulo 1 – Quadro Teórico.....	18
1.1 Os processos de composição escrita	18
1.1.1 Processos de composição: histórico e modelos	18
Planejamento.....	19
Textualização	20
Revisão	21
1.1.2 Modelo de Hayes e Flower (1980)	22
1.1.3 Novo modelo – Hayes (2000)	25
1.2 Narrativas: conceito e estrutura	30
1.2.1 Estrutura da narrativa	31
Enredo	31
Personagens	32
Tempo	32
Espaço	32
Narrador	33
Narrador em terceira pessoa	33
Narrador em primeira pessoa	33
1.3 Narrativas digitais.....	34
1.3.1 Digital Storytelling	36
1.4 Multimodalidade e escola	39
1.4.1 Discutindo relações imagem – texto	41
Barthes (1977)	42
Martinec; Salway (2005)	44

Capítulo 2 – Metodologia de pesquisa	46
2.1 Desenho da pesquisa	46
2.2 Contexto de pesquisa	47
2.3 Instrumentos utilizados	48
2.4 Procedimentos de análise	49
2.4.1 Oficinas de criação de narrativas digitais	50
Primeira oficina.....	50
Segunda oficina.....	52
2.5 Organização e codificação dos dados	54
Capítulo 3 – Análise e Discussão dos dados.....	56
3.1 Primeira oficina de ND: análise dos processos de composição “na tela”.....	56
Resumo das observações sobre a primeira oficina.....	63
3.2 Segunda oficina de ND: processos de “reflexão”, “produção” e “interpretação de texto”	63
3.2.1 O processo de “reflexão” na composição multimodal	64
3.2.2 O processo de “produção textual” na composição multimodal	67
Estratégias de composição: imagem e texto criando diferentes laços.....	67
Estratégias de coesão textual	71
Seleção de imagem e relações imagem-texto	75
3.2.3 O processo de “interpretação de texto” na composição multimodal	78
3.2.4 Recursividade dos processos de escrita multimodal	80
3.3 Aspectos gráfico-visuais nas composições multimodais: estilo dos participantes	81
3.4 Aspectos não previstos: fuga ao gênero e não utilização de áudio	85
3.4.1 Fuga ao gênero: “mensagem motivacional” e “carta-corrente digital” tomados como ND	85
3.4.2 Composições sem áudio	87
3.5 A colaboração na composição de ND	88
Considerações Finais	90
Algumas limitações	94
Referências	96
Anexos	100
Anexo A – Esquema da taxonomia de PAUL (2007) para elementos das narrativas digitais	100
Anexo B – resolução da atividade proposta no trabalho final da disciplina “Avaliação e Produção de Material Didático”, ministrada pela Profa. Dra. Lúta Lerche Vieira – PosLA-UECE – Experiência de criação de uma Digital Storytelling	101

Anexo C – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, exigido pelo Comitê de Ética da UECE, entre os participantes da oficina	102
Anexo D – Questionário simplificado aplicado no momento da inscrição dos sujeitos nas oficinas	103
Anexo E – Programação de atividade da primeira oficina	105
Anexo F – Propostas e temas da primeira oficina para os dias de produção	106
Anexo G – Propostas e tema da segunda oficina	107
Anexo H – Narrativas produzidas pelos participantes na primeira e na segunda oficina	108
Anexo I – Apreciações dos sujeitos sobre a primeira oficina e a experiência de composição de ND 165	
Anexo J – Levantamento das observações da pesquisadora acerca das operações predominantes na produção de ND na primeira oficina	168
Anexo K – Transcrição das entrevistas realizadas com os sujeitos após a composição das NDs na segunda oficina	169

Introdução

Na visão processual da escrita o ato de escrever é visto como um ato de resolução de problemas, envolvendo uma meta e um plano. O redator, por sua vez, precisa solucionar os problemas de redação tomando decisões e lidando com as restrições decorrentes de suas escolhas, face aos propósitos e às condições de produção do texto. (KATO, 1986) Esta abordagem predominou durante as décadas de 1970 a 1980, período em que inúmeros estudos e pesquisas foram desenvolvidos com a finalidade de desvendar que processos eram desencadeados na composição de um texto escrito e como o redator lidava com os problemas envolvidos na produção manuscrita de um texto produzido *no papel*. Um modelo representativo do processo de produção escrita, bastante popular nesse período, foi o de Hayes e Flower (1980), que, segundo Molitor-Lübbert (2009, p. 122-3). Tal modelo “estabelece metas, indica problemas e uma sequência de operadores, e contém um mecanismo para a análise e a avaliação do processo de resolução”.

Ora, com as mudanças na tecnologia da escrita e, em decorrência, nas condições de produção do texto, é possível que o gerenciamento do ato de redigir possa ter se tornado mais complexo, já que o texto não é mais escrito à mão, mas em processadores de textos, plataformas e aplicativos permitindo a integração da palavra à imagem, ao som e a outras possibilidades de criação.

Nesse novo cenário, os redatores são desafiados a compor utilizando diferentes recursos e modos de representação, o que, poderia afetar diretamente os subprocessos de escrita, forçando os redatores a estabelecerem novas estratégias de produção.

Acompanhando essas mudanças, vinte anos depois Hayes (2000) revisa o primeiro modelo elaborado com Flower (1980), aprimorando-o e levando em considerações as transformações ocorridas na tecnologia da escrita e incorporando a integração de outros modos semióticos. No novo modelo, além de investigar a influência da afetividade na escrita, Hayes revisa o papel de cada um dos processos cognitivos, agrupando-os em novas categorias: interpretação de texto (revisão);

produção de texto (tradução); e reflexão (planejamento), e inclui relação visual/espacial no processo de escritura.

Apesar de essas revisões teóricas do modelo permitirem a análise de composições multimodais sob a perspectiva do processo, poucas investigações têm focalizado esta abordagem. Assim, a curiosidade em entender como se dá a produção de um texto multimodal e que estratégias os redatores usam para lidar com os problemas da produção do texto verbal agora incorporando a imagem, levou-nos a realizar este estudo.

Aliamos nossa investigação a uma situação pedagógica em uma escola pública, através de oficinas de criação de narrativas digitais oferecida a alunos do ensino médio. Isso confere mais significado à investigação, por levar o ensino da multimodalidade para a escola, onde as mudanças nas teorias de escrita costumam a ser incorporadas ao currículo.

A integração pesquisa-escola despertou a partir de minha experiência anterior durante A Iniciação Científica (IC-UECE), no projeto “Inventário de Fontes e Recursos para o Letramento Digital e o Ensino da Escrita”, coordenado pela Dra. Lúta Lerche Vieira, onde foram investigados e explorados ambientes da web 1.0 e ferramentas da web 2.0 que auxiliassem o professor no ensino da escrita, no letramento digital e no estudo do hipertexto Além disso, acreditamos que a pesquisa realizada nas universidades deva chegar à sala de aula e que o pesquisador possa integrar- suas ações à comunidade escolar.

Com esta investigação, pretendemos contribuir para o ensino de produção textual em língua portuguesa e estrangeira, OU em diferentes áreas de conteúdo, dando a conhecer como os alunos lidam com os novos problemas envolvidos na produção de textos escritos na tela¹.

As situações de ensino nas quais foram gerados os dados desta investigação também podem contribuir e se integrar ao trabalho dos professores, muitos deles sem formação, ou espaço para trabalhar com tecnologia e, ainda assim, desafiados a acompanhar essas mudanças.

¹ Com a expressão “texto escritos para tela” estamos nos referindo às narrativas multimodais produzidas em uma ferramenta de criação de slides.

Provavelmente o estudo beneficiará interessados no ato de escrever, numa sociedade onde multiletramentos são exigidos, em especial aos participantes do projeto que se dispuseram a aperfeiçoar suas composições na tela. Além disso, poderá contribuir para o desenvolvimento de outros estudos sobre a escrita em meio digital.

Objetivos

Objetivo geral

Analisar, a partir da visão da escrita como processo, as estratégias envolvidas na composição de narrativas digitais por alunos do 1º (primeiro) ano do ensino médio, durante uma experiência de ensino conduzida pela pesquisadora.

Objetivos específicos

- a. Verificar que componentes são priorizados por redatores não proficientes na composição de narrativas digitais;
- b. Verificar se os componentes redacionais de narrativas digitais apresentam semelhanças em relação às operações envolvidas na composição de textos convencionais em papel;
- c. Analisar a sequência de processos redacionais manifestados na experiência, quanto à forma linear ou recursiva que a composição multimodal poderá apresentar para os redatores;
- d. Analisar o comportamento dos redatores quanto aos esquemas de planejamento para produção de narrativas digitais, se recorrem ao papel, ou se utilizam direto a tela.
- e. Identificar gêneros alternativos que influenciem na produção de narrativas digitais.

Questões de pesquisa

1. Quais componentes redacionais são priorizados pelos redatores na composição de narrativas digitais?
2. Que semelhanças, ou diferenças, podemos identificar entre as operações redacionais envolvidas na composição de narrativas digitais e na composição de textos convencionais em papel?
3. De que maneira funcionam as operações de escrita no grupo investigado, de forma sequencial, ou de forma recursiva?
4. Como os redatores planejam as composições digitais antes de escrevê-las: recorrem a esquemas em papel ou diretamente na tela do computador?
5. Que gêneros influenciam na composição de narrativas multimodais?

Organização da dissertação

Esta dissertação organiza-se em três capítulos: Quadro teórico, Metodologia da pesquisa e Análise e discussão dos dados.

O primeiro capítulo apresenta uma revisão da literatura que fundamenta a investigação e a análise dos dados. Fazemos um resgate da abordagem processual da escrita e mostramos a evolução do modelo de Hayes (2000), no qual centramos nossas análises. Também trazemos o conceito de narrativa e narrativa digital. Aspectos de multimodalidade envolvidos no estudo também são abordados no capítulo teórico.

O segundo capítulo apresenta a metodologia da investigação, explicitando o contexto da pesquisa, os instrumentos utilizados e os procedimentos de análise, detalhando as duas oficinas onde os dados foram construídos e organizados.

O terceiro capítulo, por sua vez, apresenta a análise e a discussão dos dados. Subdividimos este capítulo de acordo com as oficinas aplicadas. Apresentamos os dados coletados na primeira oficina de forma quantitativa e os da

segunda oficina divididos de acordo com cada subprocesso analisado (reflexão, produção textual e interpretação textual). Fazemos, ainda, uma análise dos aspectos gráfico-visuais das composições dos participantes da segunda oficina, mostrando aspectos não previstos (como a fuga do gênero narrativa digital e a não utilização de áudio) e abordamos a colaboração nas produções em duplas.

Finalizamos a dissertação com “Considerações Finais”, onde apresentamos as conclusões e resultados do estudo. Fechamos o trabalho explicitando algumas limitações percebidas durante a investigação, tendo em vista orientar pesquisas futuras.

Capítulo 1 – Quadro Teórico

1.1 Os processos de composição escrita

Neste tópico serão discutidos os processos de escrita no texto impressos, que fundamentam o estudo. Para fins didáticos, serão apresentados em separado.

1.1.1 Processos de composição: histórico e modelos.

Os estudos sobre processos de composição de textos escritos, realizados nos anos setenta e oitenta, sobretudo nos Estados Unidos, foram influenciados por teorias da psicologia cognitiva e por métodos de solução de problemas, dando ênfase ao processo de composição, ao contrário das correntes anteriores que estudavam o produto acabado. (CASSANY, 1990, p.1-2)

Os estudos realizados, através dessa perspectiva, revelaram a natureza conflitante dos elementos em jogo na composição de um texto escrito. Os escritores competentes lidam melhor com o conflito entre os processos envolvidos na redação de um texto, dando importância, primeiramente, ao conteúdo e às ideias e deixando para verificar aspectos estruturais ao final da escrita. (VIEIRA, 2005, p. 84),

Segundo Serafini (2004, p. 156-157), dois modelos de processos de composição têm sido usados: os modelos estáticos e os dinâmicos. Os primeiros “identificam de modo linear as etapas através das quais passa o escritor”. Já os modelos dinâmicos, “em oposição à tendência antiga de representar o trabalho do escritor com modelos estáticos ou por estágios”, apontam que “quem escreve desenvolve cada operação diversas vezes nas distintas fases de realização do texto”.

O modelo dinâmico ou recursivo observa os processos de composição como ocorrendo simultaneamente, dependendo das necessidades percebidas pelo escritor. Assim, “o escritor se concentra numa operação em cada fase, mas deixa certo espaço também a outras operações que se inserem, interrompendo brevemente a operação inicial.” (SERAFINI, 2004, p. 157)

Sánchez (2002, p. 23) propõe uma classificação semelhante. Para esta pesquisadora, os modelos variam entre “linear” e “interativo”. No modelo linear, os processos de composição acontecem de forma unidirecional (um processo inicia quando o anterior termina), semelhante à conceituação de modelo estático. No interativo, os processos são percebidos como de “ativação simultânea”, como no modelo dinâmico apresentado no parágrafo anterior.

A divisão, a denominação e o destaque dados a cada subprocesso de escrita não constitui um consenso nas teorias (COTTON, on-line; PARDAL, 2009; APPLEBEE, 1981). Além das sub-habilidades que são de conhecimento comum: planejamento, textualização e revisão (ver a seguir), podemos encontrar, ainda, referência à edição e à publicação, que tratam, respectivamente, de alterações mais superficiais do texto (ortografia, pontuação, gramática e escrita) e da apresentação do texto à audiência pretendida (COTTON, on-line).

Planejamento

O processo de planejamento pode ser associado à geração de ideias, mas envolve também a definição dos objetivos do texto e o estabelecimento do plano que servirá de base para a escrita. Para Hayes (2000, p. 9), o planejamento é o momento de decidir “o que e como dizer algo”².

Esse processo desdobra-se em três subprocessos: a) “estabelecer o objetivo em função da situação retórica”; b) “gerar ideias”; c) “organizar as ditas ideias em um plano coerente”³(SÁNCHEZ, 2002, p. 25).

² Tradução nossa: “[...] *what to say and how to say it.*”

³ Tradução nossa: “[...] *establecer el objetivo em función de la situación retórica, generar ideas y organizar dichas ideas em um plan coerente.*”

Assim, o escritor trabalha com um conjunto de subprocessos para compor um texto, os quais têm início quando ele assume o tema da composição, formando uma representação mental dos conhecimentos que possui e que contribuirão para a escritura. O escritor também analisa a audiência (leitor do texto) e suas necessidades de comunicação.

As ideias e respectivos enfoques podem ser arranjados em um plano textual coerente, pois a partir dele o texto será composto. O plano envolve todos os demais processos de composição, embora nem sempre se materialize em um esquema a ser seguido.

Sánchez (2002, p. 112-113) distingue planos para gerar idéias, para produzir texto e para controlar a atividade de escritura. Os primeiros são realizados a partir de um tema, de um mote, de uma idéia, de uma palavra, que serve para selecionar a informação e definir o mais relevante. Os planos para produzir texto tratam das operações que transformam as ideias em texto escrito. Aqueles para controlar a atividade de redigir são metacognitivos e permitem controlar o processo de composição, tornando o planejamento um processo de caráter recursivo.

Textualização

Textualização (redação, tradução ou esboço) é o desenvolvimento do plano previsto (apresentado anteriormente). “Significa transformar os planos em texto escrito”⁴ (HAYES, 2000, p. 9).

A respeito deste processo Sánchez (2002, p. 25) afirma que “exige muitas demandas léxicais, sintáticas, motoras etc, o que obriga a frequentes revisões e retornos ao processo de planejamento”⁵.

Olson e Homan (1993, p. 149) destacam que é nesta etapa que se coloca realmente “a caneta no papel”⁶. É nela que o escritor faz “uso das convenções da

⁴ Tradução nossa: “[...] *turning plans into written text.*”

⁵ Tradução nossa: “[...] *conlleva multitud de demandas léxicas, sintácticas, motóricas, etc., lo que obliga a frecuentes revisiones y retornos al proceso de planificación.*”

⁶ Tradução nossa: “[...] *pen to paper [...]*”.

linguagem escrita, incluindo as regras de pontuação, letras maiúsculas e uso da linguagem.”⁷ (SÁNCHEZ, 2002, p. 25)

Assim, todas as ideias que surjam a partir do conhecimento do tema e da audiência são postas “no papel”, mas não de qualquer maneira. É necessário, para a formulação do texto, unir estas ideias de forma coerente. Aqui nos reportamos a Kato, (2000, p. 55) quando disserta acerca da coerência global (adequada à realidade), coerência local (consistência interna ao texto) e da coerência temática (delimitação do tópico discutido).

Revisão

Este processo é considerado o de maior dificuldade para o escritor, que deve ler o texto, avaliar sua qualidade, corrigir os pontos inadequados e melhorá-los. Portanto, exige uma postura crítica do redator, que precisa identificar as falhas no texto em relação aos propósitos do texto e efeitos, à linguagem utilizada e a tantos outros aspectos inerentes à escrita.

Segundo Olson e Homan (1993, p. 150), os “escritores experientes tendem a rever seu trabalho com frequência, fazendo revisões e mudanças na composição, modificando, adicionando ou excluindo conteúdo; escritores inexperientes, muitas vezes, veem a revisão como um processo de edição e fazem apenas uma revisão superficial.”⁸

Vieira (1994, p.3-4) esclarece que existem duas atividades distintas de re-escrita: a revisão e a edição. A primeira consiste na re-elaboração do texto, “uma reorganização do texto em confronto com o próprio autor e com suas intenções”. Na edição “busca-se um refinamento do texto para torná-lo apropriado ao leitor.”

⁷ Tradução nossa: “[...] *involves using the conventions of written language, including the rules governing punctuation, capitalization, and language usage.*”

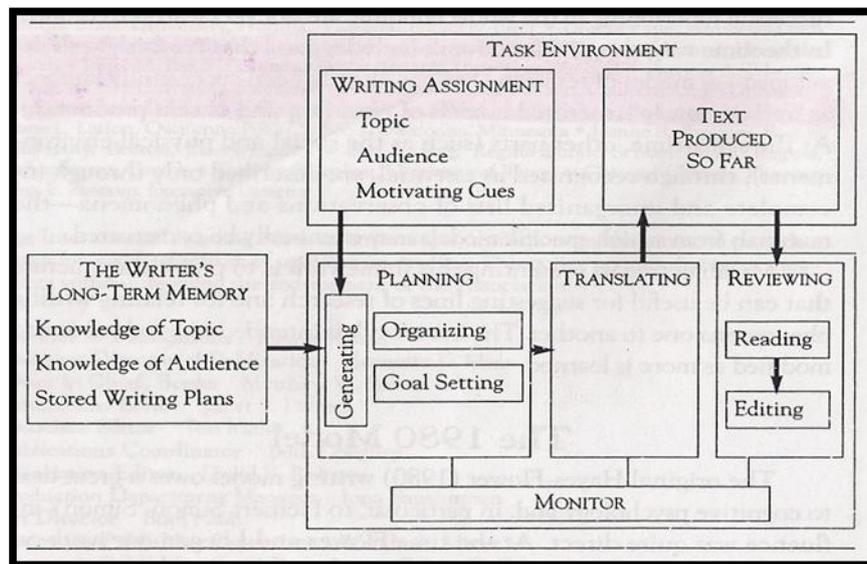
⁸ “Skilled writers tend to review their work frequently, making revisions that change a composition by modifying, adding, or deleting content; novice writers often see revision as an editing process and make only a few surface revisions”

A seguir, apresentamos o modelo original de Hayes e Flower (1980), que representa uma perspectiva dinâmica dos processos de composição. Depois discutimos o segundo modelo re-elaborado por Hayes (2000), que, apesar de menos divulgado, é o que utilizamos em nosso estudo, por sua atualidade e abertura para explicar os novos procedimentos de composição escrita em meio digital.

1.1.2 Modelo de Hayes & Flower (1980)

Vejamos os componentes do modelo Hayes e Flower (1980) no esquema original, proposto para representar como ocorrem os processos e subprocessos de produção de um texto:

Figura 1 – Modelo original de Hayes e Flower (1980) (HAYES, 2000, p. 8)



Este modelo, percebido como interativo e complexo, é formado por três componentes: a memória de longo prazo, a situação de comunicação (contexto) e o processo de escrita propriamente dito. Na memória de longo prazo é onde estão armazenados os conhecimentos acerca dos temas, as estruturas textuais e o conhecimento acerca da audiência. “A situação de comunicação ou contexto de

produção se refere à situação e ao contexto nos quais se produz o texto escrito.”⁹ (SÁNCHEZ, 2002, p. 25) Segundo o modelo apresentado, o processo de escrita propriamente dito se compõe de três processos altamente complexos: planificação, textualização e revisão.

Segundo Camps (2003, p. 16), este foi um modelo importante para o estudo dos processos redacionais que, enquadrado no modelo dinâmico, tornou-se obrigatório a todos os estudos nesta área.

Molitor-Lübbert (2009, p. 124), por sua vez, refere-se ao modelo elaborado por Hayes & Flower (1980) dizendo:

O modelo não pressupõe uma sequência fixa dos processos, e todos os processos podem ser repetidos tantas vezes quanto convier ao escritor. Com o monitor, que coordena, de acordo com determinadas regras, a sequência dos processos, descreve-se a estratégia de escrita utilizada pelo autor.

Portanto, não existe um procedimento correto que deva ser seguido por todos os escritores. O modelo em questão tenta mencionar todos os possíveis caminhos para a composição de um texto, mas cada redator reage de acordo com as suas habilidades e com a sua experiência.

O modelo de Hayes & Flower apresentado em 1980 já foi re-editado e outros modelos e sugestão de modificação foram apresentados. Kato (2000, p. 89 – 92) aponta algumas limitações desse modelo. Vejamos as limitações apontadas pela autora:

a) Função prioritária da “Geração”:

O modelo de 1980 de Hayes & Flower toma a geração de ideias como “latentes em nossa memória de longo termo”, quando o que é exposto por Bruce et al deixa claro que a modificação das ideias pode ocorrer durante a composição.

⁹ Tradução nossa: “*La situación de comunicación o contexto de producción se refiere a la situación y al contexto en los que se produce el escrito.*”

b) Utilização do termo Planejamento:

O termo Planejamento ligado às operações “geração; organização e estabelecimento de metas” leva ao entendimento equivocado de que “somente no nível de ideias é que temos planejamento e que o nível de Tradução é automático”.

c) Organização ligada apenas à “Geração”:

Não apenas a geração alimenta a organização, pois “no ato de organizar outros esquemas são ativados”.

d) O estabelecimento de metas teve uma descrição vaga e deve ficar junto ao Planejamento e deve aparecer como subfunção do Monitor.

e) A Editoração deve alinhar-se com o Planejamento e com o Estabelecimento de metas.

Vejamos agora o modelo original de Hayes & Flower e o modelo com as reformulações sugeridas por Kato (2000).

Figura 2 – Modelo de Hayes e Flower (1980) (KATO, 2000, p. 87)

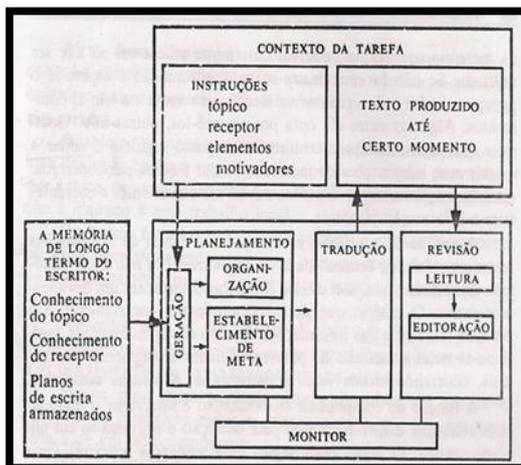
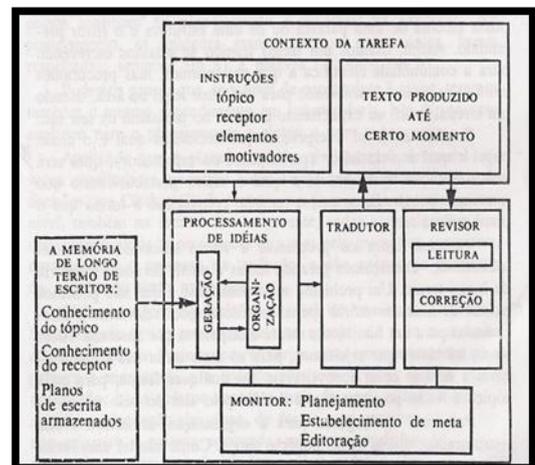


Figura 3 – Reformulações sugeridas por Kato (2000, p.91)



O modelo que foi utilizado na pesquisa que realizamos contém as reformulações do próprio autor. John Hayes, vinte anos após o primeiro modelo

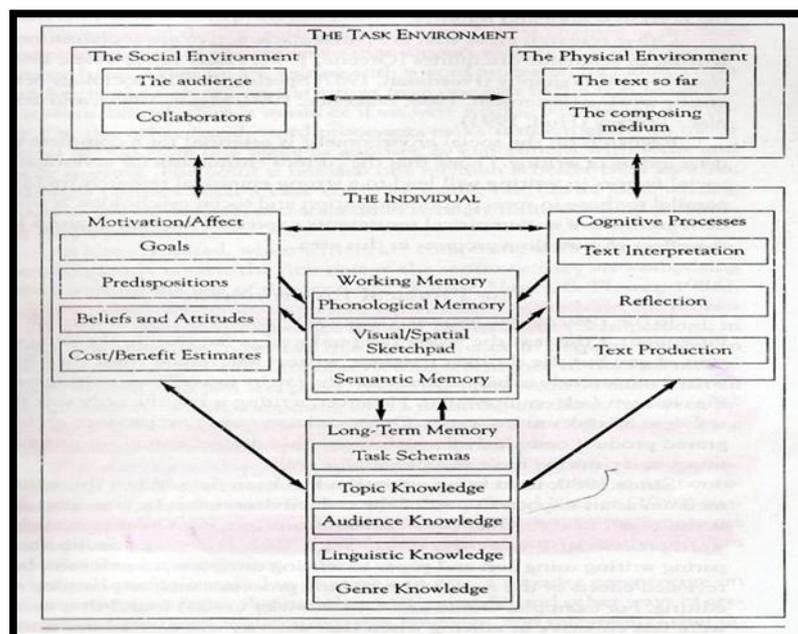
proposto em 1980, apresenta o que intitula de “Um novo modelo para a compreensão da cognição e do afeto na escrita”¹⁰.

1.1.3 Novo Modelo – Hayes (2000)

O segundo modelo de Hayes possui dois componentes maiores “Ambiente da Tarefa” (*Task environment* – inclui os componentes sociais) e “O Indivíduo” (*The Individual*). Vejamos o que Hayes (2000, p. 11) coloca acerca do ato de escrever:

Escrever depende de uma combinação adequada de condições cognitivas, afetivas, sociais e físicas [...]. Escrever é um ato comunicativo que requer um contexto social e um meio. É uma atividade geradora que necessita de motivação e é uma atividade intelectual que exige processos cognitivos e de memória¹¹.

Figura 4 – Novo Modelo (HAYES, 2000, p. 10).



Ainda de acordo com o autor, são quatro as maiores diferenças entre os dois modelos:

¹⁰ Tradução nossa: “A new framework for understanding cognition and affect in writing.” (Hayes, 2000, p. 6)

¹¹ Tradução nossa: “[...] writing depends on an appropriate combination of cognitive, affective, social, and physical conditions if it is to happen at all. Writing is a communicative act that requires a social context and a medium. It is a generative activity requiring motivation, and it is an intellectual activity requiring cognitive processes and memory.”

- a) Centralidade da “Memória de Trabalho” (“*Working Memory*”). Esta reformulação é considerada a de maior importância para Hayes.
- b) “Representação Visual-Espacial” (“*Visual/Spatial Sketchpad*”) traz ao novo modelo uma perspectiva multimodal da escrita, a qual nosso trabalho está intimamente ligado.
- c) “Motivação” e “Afeto” (“*Motivation*”/ “*Affect*”) têm lugar de destaque no novo modelo, pois desempenham papel essencial nos processos de escrita.
- d) Reorganização na seção dos processos cognitivos. Planejamento foi incluído na categoria “Reflexão”; Tradução também foi incluída numa categoria mais geral - “Produção Textual”, e Revisão foi substituída por “Interpretação de Texto”.

A quarta modificação para nós é mais relevante, pois diz respeito aos componentes dos redatores que pretendemos analisar. É importante ressaltar que o autor pressupõe que esses processos cognitivos estão envolvidos em outras atividades. Assim, segundo Hayes (2000, p. 22):

Interpretação de texto é uma função que cria representações internas a partir de insumos linguísticos e gráficos. Processos cognitivos que realizam esta função incluem leitura, escuta, e digitalização de gráficos. Reflexão é uma atividade que opera sobre representações internas para produzir outras representações internas. Processos cognitivos que envolvem reflexão incluem solução de problemas, tomada de decisão e inferência. Produção de texto é uma função que recebe representações internas no contexto do ambiente da tarefa e produz “output” escrito, falado ou gráfico.¹²

A partir da discussão das mudanças mais significativas entre os modelos de 1980 e de 2000, apresentamos a seguir os dois componentes do novo modelo e seus subcomponentes.

O componente “Ambiente da tarefa” é dividido em dois subcomponentes: “ambiente social” e “ambiente físico”. O “ambiente social” é importante para o “ambiente de tarefa” porque a escrita constitui “uma atividade social”, não apenas

¹² Tradução nossa: “*Text interpretation is a function that creates internal representations from linguistic and graphic inputs. Cognitive processes that accomplish this function include reading, listening, and scanning graphics. Reflection is an activity that operates on internal representations to produce other internal representations. Cognitive processes that accomplish reflection include problem solving, decision making, and inferencing. Text production is a function that takes internal representations in the context of the task environment and produce writte, spoken, or graphic output.*”

por ser um ato comunicativo, mas porque “é um artefato social que é realizado num ambiente social.”¹³ Ao discutir o ambiente da tarefa, Hayes ressalta a intertextualidade e a colaboração, esta última em desenvolvimento na escola, para melhorar a performance individual na escrita. (HAYES, 2000, p.12)

Já quando discute o “ambiente físico”, Hayes (2000, p. 13) afirma que a escrita não é construída de forma isolada, mas integrada a outras ações resultantes das inovações tecnológicas baseadas na comunicação. Segundo o autor, as pesquisas têm revelado que a mudança de meio (papel ou tela) influencia principalmente os processos de planejamento e de edição.

O outro componente – o Indivíduo – apresenta quatro subcomponentes: “memória de trabalho” (working memory); “memória de longo prazo” (long-term memory); “motivação/afeto” (motivation/afeto); e “processos cognitivos” (cognitive processes).

A “memória de trabalho” tem “importância central na atividade da escrita”, indicada pela posição deste subcomponente no esquema (ver Figura 4 – Novo modelo (HAYES, 2000, p.10)), representando justamente o acesso de todos os processos à “memória de trabalho”.

A “memória de longo prazo” torna a escrita possível, afirma Hayes (2000, p. 37), é nela que ficam armazenados os “conhecimentos de gramática, vocabulário, gênero, público e assim por diante.” Possui três elementos: “esquema de tarefas” (*task schemas* – conjunto de informações para realizar uma tarefa específica); “conhecimento da audiência” (*knowledge of audience* – interação com o público dependente da proximidade com ele); e o impacto da prática extensiva (*impact of extensive practice* – é essencial para desenvolvimento das habilidades de escrita).

Hayes (2000, p. 16) declara que “motivação não teve um lugar confortável nos modelos sócio-cognitivos”, isto porque estes modelos “não têm sido formulados nos termos dos processos psicológicos”. Contudo, a motivação está presente,

¹³ Tradução nossa: “[...] *writing is not social just because of its communicative purpose. It is also social because it is a social artifact that is carried out in a social setting.*”

segundo o autor, na predisposição para se integrar a atividades que requerem a “memória de longo prazo”.

Os processos cognitivos recebem maior atenção no modelo de 2000, que no modelo anterior. Hayes (2000, p. 21), explica que os estudos acerca dos processos cognitivos foram abandonados por dois motivos:

[...] primeiro, alguém poderia afirmar que tudo que há para saber já tenha sido aprendido sobre a relação da escrita com o conhecimento do tópico, a estrutura da linguagem, a capacidade de memória de trabalho, e assim por diante, e, portanto, não são necessárias investigações [...]. Segundo, pode-se argumentar que todas as questões que podem ser investigadas através de aspectos cognitivos, tais como capacidade de memória de trabalho ou nível de leitura são melhor ou mais convenientemente estudados através de fatores sociais, tais como raça, classe ou gênero.¹⁴

E ainda chega a afirmar que os estudos cognitivos foram substituídos por uma “infeliz tendência de modismo”¹⁵ que costuma envolver os estudos sobre escrita nos Estados Unidos.

A proposta de organização do novo modelo, como já foi dito, propõe as seguintes funções cognitivas: “interpretação de texto” (reading), “reflexão” e “produção de texto”.

Interpretação de texto cria representações internas de insumos linguísticos e gráficos [...] inclui a leitura, escuta e digitalização gráfica. Reflexão é uma atividade que opera em representação interna para produzir outras representações internas [...] inclui resolução de problema, tomar decisões e fazer inferência. Produção de texto é uma função que toma representações internas no contexto do ambiente de trabalho e produz a escrita, a fala ou o gráfico.¹⁶

O “processo de leitura” (interpretação de texto) é o centro do modelo, sendo responsável pelo diagnóstico e detecção de problemas. Quando lemos

¹⁴ Tradução nossa: “*First, one might argue that all there is to know has already been learned about the relation of writing to topic knowledge, to language structure, to working memory capacity, and so on, and, therefore, no further investigations are necessary. Second, one might argue that all of the issues that can be investigated through cognitive measures such as working memory capacity of reading level are better or more conveniently studied through social factors such as race, class, or gender.*”

¹⁵ Tradução nossa: “*The real reason for the current rejection of cognitive methods is an unfortunate tendency to faddishness that has plagued English studies in the United States, the locus of much research on writing, though certainly not all or necessarily the best work.*”

¹⁶ Tradução nossa: “*[...] text interpretation is a function that creates internal representations from linguistic and graphic inputs [...] include reading, listening, and scanning graphics. Reflections is an activity that operates on internal representation to produce other internal representations [...] include problem solving, decision making, and inferencing. Text production is a function that takes internal representations in the context of the task environment and produces written, spoken, or graphic output [...]*”

fazendo a revisão exercemos um papel diferente daquele de quando lemos para adquirir conhecimento. Assim, a revisão do texto é composta pela interpretação e produção de texto e pela reflexão. Segundo Hayes (2000, p. 26), há um esquema de tarefas que controla a revisão:

Um objetivo: melhorar o texto;
 Espera um conjunto de atividades a serem realizadas: leitura avaliativa, resolução de problemas, a produção de texto;
 Submetas de atenção: o que prestar atenção no texto a ser revisto, que erros evitar;
 Modelos e critérios de qualidade: critérios para paralelismo, e assim por diante;
 Estratégias para a fixação de classes específicas de problemas de texto. ¹⁷

É relevante citar o trabalho lembrado pelo autor, realizado com Haas, em 1986, que revelou aspectos importantes entre a leitura e os aspectos visuais do texto. Este estudo mostra que os leitores apreendem mais a noção espacial em duas folhas impressas do que em uma folha de cada vez na tela do computador. Segundo o autor, também houve evidência de que os leitores usam a imagem espacial do texto para posterior busca de informações nas páginas.

O “processo de reflexão” é formado por três subprocessos: resolução de problemas (atividade que exige uma sequência de ações, de passos, para alcançar um objetivo); tomada de decisões (imprescindíveis para a criação dos primeiros esboços e refletem na decisões tomadas durante a revisão) e inferências (processo em que a informação nova provém de uma anterior, podendo ser consciente ou inconsciente). (HAYES, 2000, p. 31-4)

Para Hayes (2000, p. 32), a conclusão mais importante na revisão do primeiro modelo formulado foi tornar claro que, apesar de vários estudos correlacionarem o tempo atribuído ao processo de planejamento e à qualidade do texto, muito desta qualidade também se deve ao tempo dedicado á realização da tarefa de revisar.

Ressaltamos o aspecto da representação visual na “reflexão”, de Stein (1972, apud Hayes, 2000), para quem os estímulos visuais e verbais acontecem de

¹⁷ Tradução nossa: “*The control structure for revision is a task schema that might include some or all of the following: a goal: to improve the text; an expected set of activities to be performed: evaluative reading, problem solving, text production; attentional subgoals: what to pay attention to in the text being revised, what errors to avoid; templates and criteria for quality: criteria for parallelism, dictation and so on; strategies for fixing specific classes of text problems*”

formas diferentes na memória, sendo processadas também de forma diferente pelo cérebro. No caso do nosso estudo, os alunos além de lidarem com os já complexos problemas da escrita com a representação verbal, teriam que trabalhar também com a representação visual, com a qual eles não estão habituados. E mais, buscando integrar o verbal e o visual.

A “produção de texto” ocorre com a recuperação do conteúdo semântico, de planos de textos já escritos e do que está armazenado na memória de trabalho.

1.2 Narrativas: conceito e estrutura

A história da humanidade e das sociedades é uma narrativa. Para Barthes (1977, p. 79), “não há em nenhum lugar e não existe um povo sem narrativa”¹⁸. As narrativas, por sua vez, permeiam a cultura das sociedades e evoluem com elas. “Ela [narrativa] simplesmente está lá, como a própria vida.”¹⁹ (Id.Ibid.)

São múltiplos os gêneros que se enquadram no tipo narrativo. Barthes (Id. Ibid.) afirma que “as narrativas são em primeiro lugar uma variedade prodigiosa de gêneros.”²⁰

Segundo Olson e Homan (1993, p. 123), os textos narrativos são aqueles que envolvem eventos distribuídos cronologicamente. Assim, os fatos que compõem uma narrativa se sobrepõem em uma relação de anterioridade e posterioridade, uma transformação no estado inicial, o que caracteriza a presença de narratividade no texto. Já para Labov (1967, apud PERRONI, 1992, p. 19), a narrativa é “um método de recapitular experiências passadas, fazendo corresponder uma sequência verbal de cláusulas à sequência de eventos que efetivamente

¹⁸ Tradução nossa: “[...] *there nowhere is nor has been a people without narrative.*”

¹⁹ Tradução nossa: “[...] *it is simply there, like life itself.*”

²⁰ Tradução nossa: “ *Narrative is first and foremost a prodigious variety of genres.*”

ocorreram”. A partir desta definição, percebemos a importância da sequência temporal como elemento da narrativa.

Para que possa haver uma proposição narrativa, é necessário que haja uma relação lógico-semântica entre funções e atores para que possa haver uma proposição narrativa e para que se tenha um texto narrativo coerente é preciso que os fatos denotados pelas proposições narrativas estejam ligados por uma relação cronológica e lógica. Além disso, é preciso haver uma transformação entre uma situação ou estado inicial e a situação ou o estado final que funcione como um fechamento do texto narrativo (VIEIRA, 2001, p. 560).

1.2.1 Estrutura da Narrativa

Para uma abordagem mais didática, adotamos as ideias de Gancho (2001), discutindo a seguir os cinco elementos da narrativa: enredo, personagens, tempo, espaço e narrador.

Enredo

O enredo tem dois principais aspectos: a “natureza ficcional” e a estrutura. A natureza ficcional trata da *verossimilhança*. Os fatos que são apresentados na narrativa devem obedecer a uma lógica interna ao enredo. Esta lógica interna deve cativar o leitor e fazê-lo crer no que lê. Quanto à estrutura, o enredo possui um elemento que o sustenta – o *conflito*. Segundo Gancho (2001, p. 11), o conflito “é qualquer componente da história [...] que se opõe a outro, criando uma tensão que organiza os fatos da história e prende a atenção do leitor”. Assim, o conflito passa a estruturar o enredo em quatro partes: a) exposição, b) complicação; c) clímax; d) desfecho.

Personagens

A personagem é um “ser fictício” pertencente à história, mesmo quando se trata de histórias baseadas em fatos reais. Sua existência é determinada pela ação e presença no enredo. Gancho (2001, p. 14-20), classifica os personagens quanto ao papel desempenhado e quanto à caracterização. Quanto ao desempenho, os personagens são protagonistas (personagem principal), antagonistas (opõem-se aos protagonistas) ou secundários (são os menos frequentes no enredo). Já quanto à caracterização, pode-se classificá-los em: planos (aqueles poucos complexos, de características facilmente identificadas) e redondos (envolvem maiores complexidades, possuem características físicas, psicológicas, sociais, ideológicas e morais).

Tempo

Em uma narrativa, os fatos relacionam-se através da dimensão temporal. Há vários níveis pelos quais o tempo pode apresentar-se: a) época em que se passa a história (pode ser diferente da época em que o livro foi publicado); b) duração da história (períodos longos ou curtos); c) tempo cronológico (mensurável em horas, dias, meses etc e, assim, estabelece a ordem do enredo); d) tempo psicológico (determinado pelo narrador ou pelos personagens, geralmente presente em enredos não-lineares).

Espaço

O espaço situa o local onde a narrativa transcorre. Segundo Gancho (2001, p. 23), tem como funções: “situar as ações dos personagens e estabelecer com eles uma interação, quer influenciando suas atitudes, pensamentos ou emoções, quer sofrendo eventuais transformações provocadas pelos personagens.” O termo “espaço” é utilizado quando se trata de lugar físico. Em narrativas de enredo psicológico é utilizado o termo “ambiente”, referindo-se à fusão do tempo e do espaço, acrescido ao clima (características determinantes da vida do personagem).

Narrador

Para Gancho (2001, p.26), o narrador “é o elemento estruturador da história”, pois é através do ponto de vista dele (foco narrativo) que conhecemos o enredo. Os principais são:

Narrador em terceira pessoa

O narrador apresenta-se em terceira pessoa, quando olha os fatos sob um ângulo externo. É caracterizado pela onisciência e pela onipresença, variando entre:

- Narrador intruso (fala com o leitor; julga atos e comportamento das personagens);
- Narrador parcial (identifica-se com uma das personagens, dando a ela mais espaço na narrativa).

Narrador em primeira pessoa

O narrador em primeira pessoa, ou narrador-personagem, é aquele que participa do enredo. A percepção deste narrador é limitada. Admite a seguinte variação:

- Narrador testemunha (narra os acontecimentos nos quais está presente, mas pode não apresentar destaque);
- Narrador protagonista (é o personagem principal, conferindo maior subjetividade à narrativa)

1.3 Narrativas digitais

As narrativas evoluíram e adaptaram-se ao novo suporte tela, ao meio de produção computador, à modalidade cada vez mais visual e à ampliação da possibilidade de publicar o que se produz.

As narrativas digitais são textos multimodais ou hipermodais, envolvendo em sua construção diferentes elementos audiovisuais e hipermediáticos, Neste estudo adotamos o conceito de hipermídia utilizado por Gosciola (2007, p. 107): “a hipermídia aqui é vista como um audiovisual, um meio e uma linguagem, e faz uso do som e da imagem para comunicar”. Para autora, os produtos em hipermídia se inserem de forma rápida na sociedade através da *web*, atendendo à necessidade da sociedade pós-moderna de publicar sua voz em ambientes de grande acesso. (Id. *Ibid.*, p. 108)

Nora Paul (2007) estudando os elementos das narrativas digitais, criou uma taxonomia que divide seus atributos em cinco elementos: mídia, ação, relacionamento, contexto e comunicação. Esta taxonomia, segundo a autora, “pretende ser útil na criação e na testagem da combinação de elementos usados na construção de narrativas on-line para determinar seu efeito nos consumidores de notícias on-line”. (PAUL, 2007, p. 123) Vejamos em que consiste cada elemento. (Para uma visão global, ver Anexo A – Esquema da taxonomia de PAUL (2007) para os elementos das narrativas digitais.)

O elemento “mídia” associa-se ao “tipo de expressão”, entendido como as mídias utilizadas no suporte de apresentação da narrativa. “O ambiente digital permite ao narrador usar qualquer um, ou todos esses tipos de mídia [vídeo, áudio, desenhos animados, texto, fotos, gráficos estáticos] na apresentação de seus textos” (2007, p. 123). A mídia, por sua vez, divide-se em quatro aspectos: configuração, tipo, ritmo e edição. O primeiro aspecto diz respeito às combinações de mídias para construção da narrativa, podendo o conteúdo ser classificado como de “mídia individual” (única mídia), “mídia múltipla” (mais de uma mídia, mas aparecem separadamente) e “em multimídia” (mais de uma mídia e há uma interligação entre

elas). O “tipo” caracteriza a mídia que está sendo utilizada. O terceiro aspecto – ritmo – refere-se ao fluxo da narração (ao vivo ou gravada). A edição trata do grau de alteração do conteúdo.

O elemento “ação” refere-se a aspectos distintos, ou seja, “o movimento do próprio conteúdo e a ação requerida pelo usuário para acessar o conteúdo” (2007, p. 124). Assim, o conteúdo pode ser dinâmico (há movimento) ou estático (inexistência de movimento); ativo (necessária intervenção do usuário para o conteúdo se movimentar) ou passivo (não é necessária intervenção do usuário para que ocorra o movimento).

O elemento relacionamento (entre o usuário e o conteúdo) tem como principal característica a “versatilidade”. Assim, quanto ao relacionamento, o conteúdo pode ser aberto, quando não limita a uma única ação, do contrário, o conteúdo é fechado. O conteúdo aberto, por sua vez, pode ser caracterizado como linear (não é possível escolher a ordem dos elementos) ou não-linear (usuário escolhe a ordem na qual verá os elementos); como customizável (possibilidade de identificar parâmetros informativos relacionados com o interlocutor) ou padrão (não é possível apontar os parâmetros informativos); como calculável (respostas registradas) ou não-calculável (repostas não são registradas); como manipulado (possibilidade de movimentar o conteúdo), fixo (não é possível alterar o conteúdo) e expansível (pode-se acrescentar informações), ou limitado (não é possível contribuir com o conteúdo).

O elemento contexto, que, no que se refere às narrativas digitais, é a habilidade de ampliar seu conteúdo remetendo a materiais diversos, que no meio digital acontece através de *links*. Há cinco formas de operacionalização desse elemento: hipermidiática (uso de *links*) ou auto-explicativa (ausência de *links*); embutido (*links* dentro da narrativa) ou paralelos (ao lado da narrativa); internos (*links* para materiais produzidos no mesmo site da narrativa) ou externos (*links* encaminham para ambientes diferentes das narrativas); suplementares (*links* para material diferente do conteúdo) ou duplicativos (*links* para informações já apresentadas) e contextual (objetivo do *link* é levar a material específico da narrativa), relacionado (o *link* está ligado a conteúdo similar ao da narrativa) ou recomendados (*links* que determinam tópicos de interesse).

O último elemento é a comunicação, relativa ao contato com outros usuários a partir da mídia. Neste caso, são permitidas comunicações síncronas e assíncronas. Seus principais aspectos são: configuração (corresponde a diferentes formas de comunicação); tipo (modo de comunicação estabelecido entre os usuários); direcionamento (comunicação gravada ou ao vivo); moderação (acompanhamento da comunicação pelos autores) e objetivo (refere-se aos objetivos dos *links* comunicativos).

A teoria de Paul (2007) foi proposta para o estudo de elementos de narrativas digitais em sites jornalísticos. Apesar disso, essa taxonomia pode ser utilizada na classificação de outras narrativas digitais, incluindo o tipo “*digital storytelling*” com o qual trabalharemos e que será explanado na próxima seção. A única exceção é o quinto elemento direcionado unicamente para avaliação de aspectos comunicativos em *websites* jornalísticos, que precisaria ser adaptado para diferentes formas de narração.

1.3.1 Digital Storytelling

Alexander e Levine (2008, p. 42) definem *web 2.0 storytelling* como a “ação de contar histórias utilizando ferramentas, estratégias e tecnologias da Web 2.0”²¹. Neste caso, as narrativas são apresentadas em plataformas on-line (blogs e miniblogs, *websites* de armazenamento e compartilhamento de documentos e de vídeos), entre outras formas de apresentação.

Ainda segundo estes autores, o contexto social e tecnológico conferiu novas características às narrativas digitais que são “abertas, ramificadas, hiperlinkadas, multimidiáticas, participativas, exploratórias e imprevisíveis”²²(op.cit, p. 40). Tais características mudaram o ritmo de produção e o fluxo das narrativas produzidas em ambientes digitais.

²¹ Tradução nossa: “[...] *the telling of stories using Web 2.0 tools, Technologies, and strategies.*”

²² Tradução nossa: “[...] *open-ended, branching, hyperlinked, cross-media, participatory, exploratory, and unpredictable.*”

Para o presente trabalho consideramos como narrativa digital apenas a chamada “*Digital Storytelling*”. Trata-se de narrativas compostas por diferentes sistemas multimodais (imagens, sons, vídeos) combinados com textos (BESSON; MISKELLY, on-line). Neste caso, o narrador, chamado de *storyteller*, comumente, produz narrativas multimodais com temas relacionados à família, história pessoal e acontecimentos históricos, com o intuito de publicação.

Segundo a revista *Educause* (EDUCAUSE, on-line), na publicação “*Seven things you should know about Digital Storytelling*”, a *digital storytelling* pode ser caracterizada como uma junção de peças e edição destas peças para criação de um filme de curta duração, de aproximadamente quatro minutos, que pode ser criado e salvo em formatos de arquivos diferentes. Elas “podem ser instrutivas, persuasiva, histórica ou reflexiva”²³. Robin (on-line), por sua vez, classifica as *digital storytelling* em três tipos: narrativas pessoais; documentários históricos e informações ou instruções. O primeiro tipo é caracterizado pelo conteúdo significativo para a vida do narrador, uma das principais razões para criação das narrativas. O tipo documentário histórico caracteriza-se por narrativas pessoais que incluem fatos históricos, ou se criam narrativas a partir deles. O tipo informação ou instrução é constituído de narrativas com conteúdos instrucionais.

O imenso universo de possibilidades de produção de narrativas digitais deve-se aos vários recursos disponíveis, que desenvolvem, por sua vez, entre outros letramentos, como o digital e o crítico. As possibilidades de aplicação pedagógica também são amplas. Para o estudo de língua portuguesa, percebe-se a oportunidade de desenvolver a produção de diferentes gêneros narrativos e observar a perspectiva do público em vista da publicação em mídias sociais.

Lambert (2002, apud SILVESTER e GREENIDGE, 2010, p. 287)²⁴ estabelece sete elementos que, combinados, são a base das narrativas digitais:

1. “Ponto de vista”: posição do narrador ao contar a história;
2. “Questão dramática”: um conflito para deter a atenção dos expectadores;

²³ Tradução nossa: “*Digital stories can be instructional, persuasive, historical, or reflexive*”.

²⁴ Tradução nossa: “*Point of view, dramatic question, emotional content, economy, pacing, the gift of voice and soundtrack*”.

3. “Conteúdo emocional”: envolve a audiência que partilha dos mesmos sentimentos;
4. “Economia”: uso do essencial para contar a história;
5. “Pacing”: ritmo no qual a narrativa é cadenciada;
6. “Tom de voz”: acrescenta-se a narração oral com elementos que deem mais emoção;
7. “Trilha sonora”: da mesma forma que acontece nos filmes, a trilha sonora envolve a audiência com as respectivas ações a que se associam, criando uma atmosfera propícia para o envolvimento com a história.

Uma revisão recente dessa abordagem de criação de narrativas digitais resultou numa reorganização didática dos sete elementos em sete passos, que, segundo Lambert (2010, p. 9) auxiliaram os “*storytellers*” na construção de narrativas digitais realmente significativas. Os sete passos são os seguintes: 1) Apropriando-se de suas idéias; 2) Apropriando-se de suas emoções; 3) Encontrando o Momento; 4) Vendo sua história; 5) Ouvindo sua história; 6) Montando sua História; 7) Compartilhando de história.

No primeiro passo, o objetivo é descobrir e clarear as ideias que serão passadas através da narrativa, através de questionamentos feitos aos *storytellers* durante a oficina que Lambert oferece.

No segundo passo, devem ser escolhidas as emoções que serão incluídas na narrativa e como serão incluídas, através do mesmo sistema utilizado no primeiro passo.

No terceiro passo, denominado “Encontre o momento”, a intenção é observar o momento no qual ocorre a mudança na história e, a partir desse momento, criar uma moral ou uma lição que pretenda expressar com a narrativa.

O quarto passo seguinte é a escolha das imagens que melhor identificam-se com a narrativa e que a tornem visual, geralmente selecionando partes essenciais da narrativa e procurando imagens para associar a essas partes.

O quinto passo é semelhante ao passo anterior, mas trata do som a ser escolhido para narrativa. Assim como acontece com a imagem, o som deve ter um significado. Geralmente, partes da história são narradas, são escolhidos trilhas sonoras e acrescentados efeitos sonoros no decorrer da narrativa.

Lambert (2010, p. 19) destaca que quando se faz uso de imagens e sons de outros, devem ser dados os respectivos créditos aos autores e, dependendo da situação, os autores devem ser consultados quanto à permissão para uso.

O sexto passo é o “Montar a História”, quando o *storyteller* deve unir todos os elementos visando atrair e envolver sua audiência na história. Onde e como inserir as imagens, os sons, até mesmo o silêncio, todos os elementos devem ser levados em consideração neste momento.

No sétimo passo, deve ser definido o momento de apresentar a narrativa e como apresentá-la à sua audiência. O autor destaca a importância de fazer uma revisão final antes de apresentar ou postar a *digital storytelling*.

Fechamos o tópico definindo qual narrativa digital constitui nosso objeto de análise. Trata-se de NDs produzidas em uma ferramenta de criação e apresentação de slides, com um aplicativo de livre acesso – *BrOffice Impress*. A produção de narrativas em slides foi escolhida em virtude da grande circulação e exibição destes textos em diferentes ambientes (escolas, e-mails, redes sociais, sites de apresentação de slides e de vídeos). Quanto aos temas, foram evitados os assuntos pessoais, que poderiam identificar os sujeitos, criando possíveis polêmicas, ou constrangimentos. (Ver Anexos F e G)

1.4 Multimodalidade e escola

A cultura ocidental durante séculos deu preferência à linguagem monomodal, mas as mudanças tecnológicas avançando, principalmente, para os meios de comunicação mudaram esta perspectiva. Acontece agora o “reverso”, para

além dos meios de comunicação, atingindo áreas consideradas mais tradicionais, como departamentos comerciais e empresariais e universidades. Kress e Van Leeuwen (2001, p.1) dizem que esses avanços tecnológicos trouxeram consigo a facilidade de produção utilizando linguagens diversas: “na era da digitalização, os diferentes modos têm tecnicamente se tornado o mesmo em algum nível de representação, e podem ser operados por uma pessoa utilizando interfaces polivalentes.”²⁵

Segundo Iedema (2003, apud GOMES, 2010, p. 96), multimodalidade é um termo usado para fazer referência à representação com diferentes modos que co-ocorrem no que vemos e fazemos. Essa perspectiva tem influenciado várias pesquisas e estudos, a citar: MARTINEC; SALWAY, 2005, GRIFFITH, 2010, YOUNGS; SERAFINI, 2011, e também o presente estudo. Gomes (2010, p. 96) considera duas tendências para os estudos que envolvem a análise multimodal:

a) a descentralização da linguagem como favorecedora da construção de sentido; b) um novo olhar sobre os cada vez mais tênues limites entre os papéis da linguagem, da imagem, do suporte, do layout, do desenho do documento etc.

Estas tendências refletem diretamente (ou deveriam refletir) o que é ensinado nas escolas, habilitando, ou mediando a aprendizagem de novas habilidades, necessárias aos jovens que convivem com a cultura multimodal. É o que aponta O New London Group (1996), no artigo “*A pedagogy of multiliteracies: designing social futures*”:

[...] alguns com acesso a ricos estilos de vida sem precedentes, e excluindo outras de formas que são cada vez mais relacionadas com os resultados da educação e da formação. É bem possível que nós tenhamos que repensar o que estamos ensinando, e, em particular, o que a nova aprendizagem precisa que ensinemos nessa conjuntura.²⁶

²⁵ Tradução nossa: “*in the age of digitisation, the different modes have technically become the same at some level of representation, and they can be operated by one multi-skilled person, using one interface [...]*”

²⁶ Tradução nossa: “The changing technological and organization shape of working life provides some with access to lifestyles of unprecedented affluence, while excluding others in ways that are increasingly related to the outcomes of education and training. It may well be that we have to rethink what we are teaching, and, in particular, what new learning needs literacy pedagogy might now adress”

Kress (2003, apud GOMES, 2010, p. 90) também revela preocupação com o alcance das questões da multimodalidade dentro das escolas, já que crianças e adolescentes são fortemente expostos aos meios de comunicação, utilizando diversos meios para transmitir mensagens. Para Kress, estudar as relações texto-imagem são tarefas de ordem curricular e pedagógica,

curricular porque pode-se sentir que uma entidade que tem existência espacial 'na realidade' é mais bem representada no modo espacial da linguagem; e pedagógica porque pode-se sentir que essa geração, e determinado grupo de alunos, é melhor atingido através da imagem. (Id. Ibid.)

O que se espera é, portanto, que as contribuições dos estudos sobre multimodalidade consigam chegar às escolas e ao público que consome e produz estes “textos”, para que, assim, possam desenvolver o conhecimento crítico sobre a sociedade e sobre o que nela é veiculado.

1.4.1 Discutindo relações imagem – texto

A monomodalidade foi por muito tempo predominante nos textos produzidos, ou, pelo menos, assim eles foram vistos. Já no século XVIII, as fábulas de La Fontaine vinham quase que obrigatoriamente acompanhadas de imagens. Nos livros, as relações imagem-texto foram (são) frequentes, mas antes não eram percebidas do ponto de vista estrutural.²⁷ (Barthes, 1977, p. 35)

Escrever deixou de ser sinônimo de colocar palavras em um papel, ou em um processador de textos, e passou a significar “composição”, junção de diferentes modos semióticos para construção de sentidos. Contudo, temos que ressaltar que imagem e textos são diferentes e têm funções diversas, implicando desde a utilização de diferentes hemisférios do cérebro até uma compreensão

²⁷ Tradução nossa: “In order to find images given without words, it is doubtless necessary to go back to partially illiterate societies, to a sort of pictographic state of the image. From the moment of the appearance of the book, the linking of text and image is frequent, though it seems to have been little studied from a structural point of view.”

diferenciada de sequência e de lógica temporal. Não significando que um seja mais ou menos importante, e, que quando juntas, digam a mesma coisa.

Gomes (2010, p. 89) resgatando as diferenças entre os modos semióticos, traz ideias de Kress (2003) sobre as consequências da imagem como o modo dominante de criar sentidos. A primeira consequência é justamente a mudança da perspectiva lógico-temporal, que passaria a ser espacial, já que os elementos da imagem são simultâneos, enquanto o texto verbal precisa de uma sequência temporal. A outra mudança é quanto à aptidão desses modos para representar eventos: o texto está apto a registrar “ao longo do tempo”, enquanto a imagem está apta a registrar relações.

Este estudo nos despertou um particular interesse nas questões de status entre imagem e texto, na identificação da predominância entre modos semióticos em narrativas multimodais, e nos levou ao estudo de Barthes (1977) e ao de Martinec e Salway (2005) que apresentamos a seguir:

Barthes (1977)

Barthes (1977, p. 35 - 41), em “*A retórica da imagem*” apresenta três possibilidades de relação entre a imagem e o texto: “ilustração”, “ancoragem” e “relay”.

A “ilustração” funciona como uma mensagem duplicada, na qual o texto apoia a imagem. Na imagem, identificamos “pura e simplesmente os elementos da cena [...]”²⁸, quase sempre descrita de forma incompleta no texto.

A estrutura da “ancoragem” é mais do que identificação, é *interpretação* da imagem influenciada por elementos (pré)determinados. “A ancoragem pode ser ideológica e de fato esta é a sua principal função, o texto dirige o leitor através dos

²⁸ Tradução nossa: “The text helps to identify purely and simply the elements of the scene and the scene itself [...]”

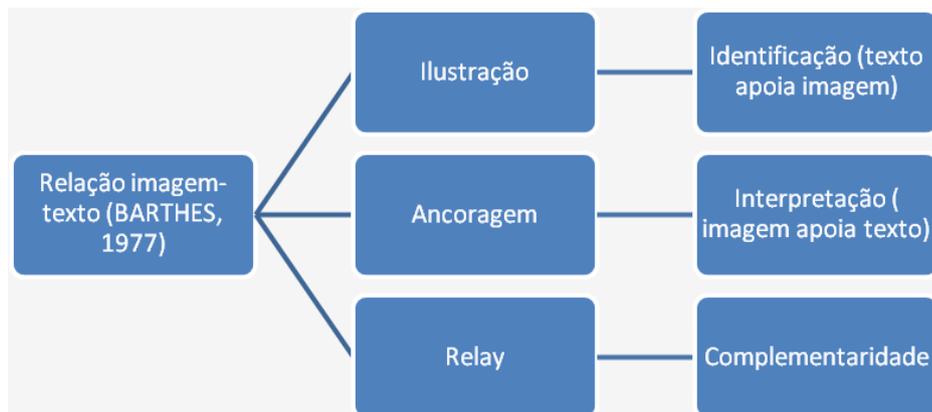
significados da imagem, sendo sutilmente controlado para um significado escolhido anteriormente.”²⁹

A diferença entre “ilustração” e “ancoragem” está nas palavras identificação e interpretação, enquanto a “ilustração” destaca os pontos que o leitor deve ver na imagem, a “ancoragem” leva à interpretação que foi predeterminada na criação da imagem. Enquanto, no primeiro modo o texto apoia a leitura da imagem, no outro, a imagem ajuda a compreender o texto. Não podemos deixar de ressaltar que tanto texto quanto imagem são polissêmicos, e a ação do autor não é ingênua no ato da criação.

A relação de “relay”, segundo Barthes (1977, p.39), é a menos comum, sendo encontrado, por exemplo, em tirinhas e quadrinhos. Neste caso, a relação texto-imagem se dá por complementaridade, assim “palavras e imagens são fragmentos do sintagma mais igual e a unidade da mensagem é realizada em um nível mais alto, tal como a história, a anedota, a diêgese [...]”³⁰. Ou seja,

[...] a mensagem [...] [é feita] de forma a coincidir para que o leitor apressado possa ser poupado do tédio de descrições verbais, que são confiadas à imagem, isto é, um sistema menos ‘trabalhoso’. (op.cit., p. 41)

Figura 5 – Relação imagem-texto (BARTHES, 1977)



²⁹ Tradução nossa: “Of course, elsewhere than in advertising, the anchorage may be ideological and indeed this is its principal function; the text directs the reader through the signifieds of the image, causing him to avoid some and receive others; by means of an often subtle dispatching, it remote-controls him towards a meaning chosen in advance.”

³⁰ Tradução nossa: “[...]the words, in the same way as the images, are fragments of a more general syntagm and the unity of the message is realized at a higher level, that of the story, the anecdote, the diegesis[.]”

Martinec e Salway (2005)

O sistema de relações de Martinec e Salway (2005) baseia-se em dois subsistemas que se combinam de forma independente: relações de status e relações lógico-semânticas. Nosso interesse está centrado no subsistema de relação de status.

O status entre imagem e texto pode ser igual ou relativo (desigual³¹). Para Martinec e Salway (2005, p. 345), “as combinações de status iguais são especialmente úteis para as novas mídias, [com potencial] ainda não explorado.”³² O status de igualdade entre imagem e texto pode ser dividido, ainda, em “independentes”, quando não há sinais de modificação, e “complementares”, quando modificam um ao outro mutuamente.

Martinec e Salway (2005, p. 245) discordam de Barthes (1977) quanto à combinação de imagem e de texto independentes para formar um sintagma maior. Para eles, “a informação acontece em paralelo – cada um forma seus próprios processos.”³³

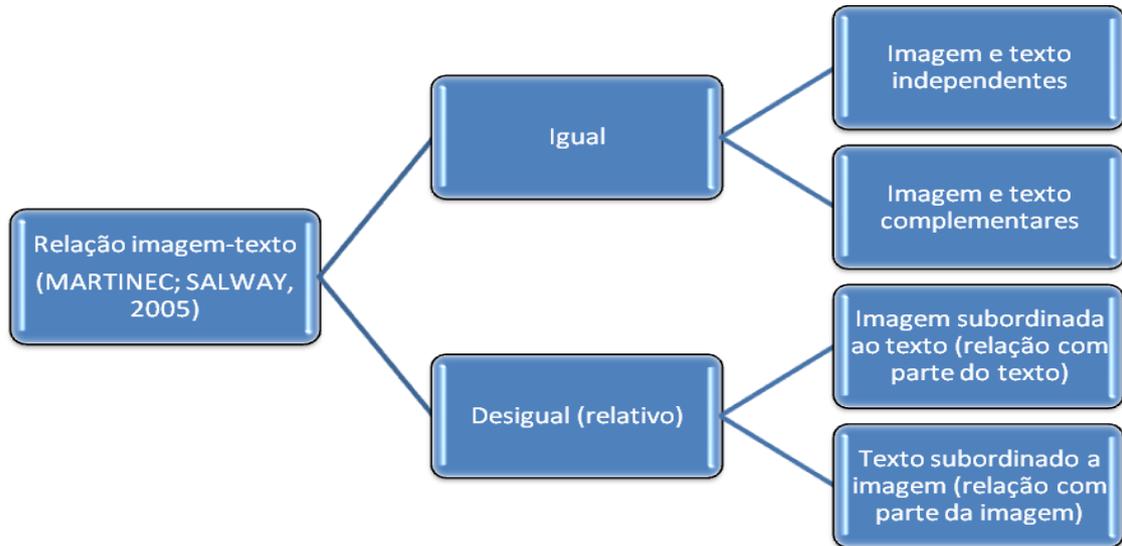
O status relativo acontece quando um dos modos semióticos modifica o outro, e assim passam a ser considerados desiguais. A desigualdade pode acontecer de duas maneiras: a) imagem subordinada ao texto, quando a imagem estabelece relação com uma parte do texto; b) texto subordinado à imagem, quando o texto se relaciona, geralmente, com parte da imagem.

³¹ Gomes (2010, p.83-88) denomina o “status relativo” de “desigual”.

³² Tradução nossa: “*We believe that equal status combinations are especially useful to new media, although their potential has so far not been fully exploited.*”

³³ Tradução nossa: “*When an image and a text are independent, they do not combine to form part of a larger syntagm (cf. Barthes, 1997b[1964]), but rather the information they provide exists in parallel – they each form their own processes*”

Figura 6 – Relação imagem- texto (MARTINEC; SALWAY, 2005)



Capítulo 2 – Metodologia de Pesquisa

Este capítulo apresenta a metodologia adotada para realização desta investigação, esclarecendo, nas sessões seguintes, o desenho e o contexto de pesquisa, os instrumentos utilizados, os procedimentos de análise, os dados gerados e a organização e codificação dos dados.

2.1 Desenho da pesquisa

Realizamos um estudo de caso, conduzido durante duas oficinas de criação de narrativas digitais, utilizando uma abordagem quanti-qualitativa para a análise dos dados.

Como metodologia de pesquisa, o estudo de caso pressupõe “um exame intensivo e profundo de diversos aspectos de um mesmo fenômeno” (ANGUERA, 1987, p.21 apud SERANO, 2001, p.80), procurando descrever fenômenos naturais, aplicados a um pequeno grupo, identificando temas ou padrões, e não afirmações absolutas. (DUKE; MARTIN, 2011, p. 14)

Duke e Martin (2011, p. 14) apresentam as principais qualidades dessa metodologia, como “descrição cuidadosa e completa dos dados, devido à experimentação do pesquisador durante a coleta; presença e interação do pesquisador com os sujeitos, conferindo maior sensibilidade à abordagem; utilização das anotações e observações do pesquisador, conferindo credibilidade ao estudo; comparação de diferentes evidências para confirmar os padrões identificados e fornecimento amplo das informações sobre o estudo.”

Apontado como método mais frequente nas pesquisas em Linguística Aplicada (MENEZES et al., 2008, p. 44), o estudo de caso se aplica a uma abordagem de interpretação qualitativa em educação, adequando-se perfeitamente aos objetivos dos estudos em L.A.

A abordagem quanti-qualitativa pressupõe a combinação das pesquisas quantitativas e qualitativas. A primeira envolve uma organização e análise

numérica dos dados, apresentando, como resultado, variadas estatísticas acerca do fenômeno estudado. A segunda exige do pesquisador uma interpretação subjetiva dos dados. (DÖRNEY, 2010, p. 24)

Caracterizamos, assim, a presente pesquisa como um estudo de caso, pois o estudo foi aplicado a um número reduzido de sujeitos envolvidos em uma situação real de ensino-aprendizagem, buscando evidências quanto aos processos de redatores de composição multimodal, mas sem a pretensão de generalizar o que foi observado. Mais: e os dados coletados durante as duas oficinas fomentaram a abordagem quanti-qualitativa.

2.2 Contexto da pesquisa

Organizamos duas oficinas pedagógicas sobre narrativas digitais, atendendo aos propósitos do estudo. *A ideia inicial era localizar uma escola adequada ao nosso projeto. Porém, ao encontrar a escola estadual profissionalizante, no município de Horizonte, Ceará, percebemos que cabia a nós nos adaptarmos às condições da escola e dos alunos. Integramo-nos, assim, à rotina da escola, para só depois iniciar as oficinas.*

As oficinas foram oferecidas a 20 alunos com idade entre 14 e 16 anos, cursando o 1º ano do Ensino Médio. Tais alunos foram indicados pela professora de português como bons redatores em atividades escolares, nos cursos profissionalizantes de Agroindústria, Enfermagem, Finanças e Informáticas integrados ao ensino regular.

Cada dia da primeira oficina teve a duração de 1h e 50min (uma hora e cinquenta minutos), totalizando 9h e 10min (nove horas e dez minutos) de atividades. Os encontros foram realizados, após o horário de aula, no laboratório de informática da escola, que oferecia um número de computadores com acesso à Internet em quantidade superior ao número de sujeitos participantes da oficina.

O primeiro dia da primeira oficina foi dedicado ao (re)conhecimento das características de uma narrativa digital e à familiarização com a ferramenta de composição - BrOffice. Nos 3 (três) dias seguintes, os sujeitos compuseram narrativas multimodais em meio digital: com tema livre e individual; tema direcionado

e individual; tema direcionado e em duplas (ver temas e propostas de produção no Anexo F). No quinto e último dia, os sujeitos escreveram apreciações (ver apreciações no Anexo I) acerca da oficina e de suas produções. Em todos os dias, os sujeitos foram observados por nós, que acompanhamos de perto suas ações e produções, anotando os aspectos mais relevantes.

Para a segunda oficina, convidamos os 4 (quatro) participantes da primeira oficina com melhor desempenho na produção de narrativas multimodais e na utilização da ferramenta de criação *Br. Office Impress*³⁴. Todos os alunos se revelaram dispostos a dar continuidade às produções.

Desta vez, além de nossa observação, capturamos a tela em vídeo durante a composição e realizamos uma entrevista semi-estruturada com cada compositor logo após o término da produção. Os sujeitos realizaram produções individuais e em duplas, escolhendo entre 5 (cinco) propostas apresentadas. A oficina aconteceu em horários alternados, de acordo com a conveniência dos alunos.

2.3 Instrumentos utilizados

Diversos instrumentos foram aplicados nas duas oficinas em que os dados foram gerados, o que facilitou a produção e a análise dos dados. Enumeramos os instrumentos aplicados, esclarecendo sua utilização e finalidades:

- a) Questionário (Anexo D): aplicado na inscrição dos alunos na oficina de criação de ND, teve por objetivo colher informações básicas quanto aos sujeitos participantes do estudo, como dados pessoais e dados referentes à sua experiência de produção em telas digitais;
- b) Construção de dados nas duas oficinas. As ND produzidas foram recolhidas, arquivadas e organizadas para análise e com a finalidade de orientar também

³⁴ BrOffice Impress faz parte do software livre BrOffice. As ferramentas deste software são similares às ferramentas do pacote Office da Microsoft. O software livre é o único permitido nas escolas públicas estaduais do Ceará. Segundo o site Br.Office.org “o Impress é uma ferramenta excelente para a criação de apresentações multimídia realmente eficientes.” Disponível em: <<http://www.broffice.org/broo/?q=produto/impress>>

- a análise das entrevistas e dos vídeos e, por fim, poder anexá-los à dissertação, para facilitar o entendimento da discussão que apresentaremos sobre os dados. (Anexo H)
- c) Observação e notas do pesquisador: utilizados nas duas oficinas, sendo fundamental para a percepção de determinados comportamentos dos redatores, objetivo da primeira oficina, e para a construção da entrevista semi-estruturada da segunda oficina.
 - d) Entrevistas semi-estruturadas: realizadas com os participantes na segunda oficina, individualmente ou em duplas, dependendo da situação de produção, logo após o término da atividade. (Anexo K)
 - e) Capturas de tela em vídeo: foram utilizadas tanto no momento das entrevistas, para que o aluno pudesse rever suas ações na tela, como no momento de análise das entrevistas, por ser um meio eficiente retomar o que cada aluno tinha realizado.
 - f) Transcrição multimodal³⁵. A passagem dos dados do meio digital para o meio impresso com fins de análise (narrativas digitais, áudio das entrevistas e tela capturada em vídeo). As produções em BrOffice Impress, formato odt., principalmente, foram transformadas em PowerPoint, formato ppt., na tentativa de facilitar o manuseio das produções. Depois as produções em tela foram transpostas para o papel, de modo a permitir os procedimentos de análise. Também foram transcritas as entrevistas em áudio.

2.4 Procedimentos de análise

O primeiro passo para realização do estudo foi a escolha, entre escolas públicas de ensino médio, de uma escola receptiva e com condições para sua apli-

³⁵ “A combinação de ferramentas novas e mais tradicionais para coleta de dados cria uma constelação dinâmica de recursos, onde os significados são produzidos através das inter-relações entre e dentro dos conjuntos de dados”³⁵ (FLEWITT ET AL., 2009, p. 44) ORIGINAL “The combination of ‘new’ and more traditional tools for data collection creates a dynamic constellation of resources, where meaning are produced through the inter-relationships between and within the data sets, permitting the researcher literally and metaphorical to ‘zoom in’ on fine-grained detail and to pan out to gain a broader, socially and culturally situated perspective”

cação. Dentre o “ranking” de escolas deste nível avaliadas pelo SPAECE³⁶, encontramos a escola estadual profissional do município de Horizonte (CE) apontada como primeiro lugar na área de linguagens e códigos.

Procuramos a direção e a coordenação pedagógica da escola para apresentar o projeto de investigação, oferecendo as duas oficinas de criação de narrativas digitais para os alunos do primeiro ano, a serem aplicadas no laboratório de informática da escola. Aceita a proposta, conversamos com a professora de português da escola para que nos indicasse **alunos proficientes em redação no meio impresso**. Vinte alunos indicados foram convidados a participar da oficina e dezesseis se inscreveram. A estes foram entregues: um questionário (Anexo D), o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para fins do Comitê de Ética (Anexo C) e o roteiro da primeira etapa da oficina de ND (Anexo E).

Como a aplicação do projeto de pesquisa e a análise se desenvolveram em duas oficinas, para melhor compreensão dos procedimentos aplicados, organizamos o **relato** da pesquisa de acordo com as oficinas, desejando que isto não signifique uma dissociação entre elas.

2.4.1 Oficinas de criação de narrativas digitais

Primeira oficina

A primeira oficina, com **14 participantes** regulares, foi fundamental para observar o comportamento dos redatores frente ao desafio de narrar na tela, usando mais que as palavras para construir significados. Partindo do conceito e da estrutura da narrativa, passamos à narrativa multimodal, apresentando alguns exemplos³⁷. Também introduzimos a ferramenta de apresentação e criação de slides

³⁶ “O Governo do Estado do Ceará, por meio da Secretaria da Educação (SEDUC), vem implementando, desde 1992, o Sistema Permanente de Avaliação da Educação Básica do Ceará – [...] caracteriza-se como avaliação externa em larga escala que avalia as competências e habilidades dos alunos do Ensino Fundamental e do Ensino Médio, em Língua Portuguesa e Matemática. As informações coletadas a cada avaliação identificam o nível de proficiência e a evolução do desempenho dos alunos. (<http://www.spaece.caedufjf.net/spaece-inst/inicio.faces>)

³⁷ Os exemplos utilizados no primeiro dia foram três (dois vídeos do projeto “Quer que eu conte” (Cris e Lu) e uma narrativa em PowerPoint produzida pela pesquisadora na disciplina “Avaliação e produção de material didático”, ministrada pela Dra. Lúcia Lerche Vieira, no PosLa-UECE. Os vídeos do projeto “Quer que eu conte” podem ser visualizados nos endereços:

Br.Office Impress, menos familiar aos alunos, e demos oportunidade para a explorarem livremente.

Os segundo, terceiro e quarto dias foram de efetiva produção, com 14 (catorze) alunos participando assiduamente. Acompanhamos de perto o momento da composição das narrativas, fazendo anotações acerca dos procedimentos, das escolhas e das ações de cada compositor.

Um momento do terceiro dia foi reservado para conversar em grupo sobre a escrita do primeiro texto que eles produziram na oficina. Este momento de interação e integração foi importante para perceber as perspectivas dos participantes acerca das suas próprias composições.

Os 3 (três) dias de produção resultaram em **29 (vinte e nove) textos**, que formam o corpus da primeira etapa, conforme pode-se visualizar na tabela abaixo:

Tabela 1 – Produção de textos na primeira oficina.

Dia da oficina	Nº de sujeitos que produziram em cada encontro	Nº de ND em cada encontro
1º dia	1	1
2º dia	9	10
3º dia	12	12
4º dia	12	6
Total	14	29

O quinto dia foi dedicado apenas à apreciação escrita sobre a oficina e a experiência pessoal de composição dos participantes (Anexo I). Neste dia, foram escolhidos também os quatro participantes da próxima oficina, agendando os encontros. Os alunos foram escolhidos pelo desempenho na primeira oficina, tanto em relação à produção, quanto em relação à habilidade de uso da ferramenta.

As produções foram recolhidas ao final de cada dia e arquivadas por dia de oficina. No início da análise da primeira oficina, agrupamos as NDs também

por participantes. As diferentes formas de organizar os dados nos permitiram perceber melhor e confirmar evidências por nós já observadas. Para facilitar o acesso aos dados, convertemos todas as produções, que estavam em .odt (formato Br.Office Impress) para .ppt (formato PowerPoint) – ver “transcrição multimodal”.

Segunda oficina

A segunda oficina, com os quatro redatores mais produtivos da primeira oficina, aconteceu entre os dias 15/06 e 01/07 de 2011, entre os turnos de aulas, quando encontramos os sujeitos, primeiro, individualmente e depois em duplas. Nesta etapa, utilizamos o laboratório de informática da escola apenas como local de trabalho. As produções eram feitas no nosso computador para permitir a captura da tela em vídeo com o programa “Free Screen to Video”³⁸.

A proposta inicial era uma produção por participante e mais uma por dupla, sempre seguidas pelas entrevistas. Contudo, como já havíamos previsto, quando os participantes produziam outro gênero que não fosse narrativa, não interferíamos, apenas marcávamos um encontro para outra produção. Assim, a amostra de narrativas digitais e outros gêneros totalizaram **9 (nove) textos**.

Os participantes também não conseguiam relatar como haviam procedido na composição das narrativas, por isso fizemos entrevistas semi-estruturadas, baseadas em aspectos relativos aos processos de composição, ao uso da imagem e sua integração ao texto, bem como à construção e escolha do layout, que dependiam do texto produzido pelo entrevistado e que era exibido no momento da entrevista.

Observamos e fizemos anotações durante a composição das narrativas na oficina, o que além de auxiliar no momento da entrevista, também auxiliou na análise dos procedimentos dos redatores em relação ao corpus de textos, às entrevistas gravadas e aos vídeos capturados na tela.

As entrevistas constituíram a principal fonte de dados para o conhecimento dos processos dos redatores na produção de narrativas multimodais. Transcrevemo-las e identificamos o que, na fala dos participantes, referia-se aos

³⁸ A captura da tela em vídeo auxiliou na análise das entrevistas.

aspectos de composição multimodal e/ou aos aspectos gráfico-visuais. (Anexo K)

É oportuno esclarecer o que denominamos “aspectos de composição multimodal” e de “aspectos gráfico-visuais”. Os primeiros aspectos referem-se aos processos dos redatores na composição de textos multimodais, incluindo a escolha e a integração da imagem ao texto escrito. Os gráfico-visuais se referem ao layout, entendido neste estudo como disposição dos elementos na tela, cores, tamanho e fonte de letras, plano de fundo etc.

Nesta etapa da análise, também reunimos todas as produções dos 4 (quatro) participantes, analisando longitudinalmente suas composições, percebendo os padrões e estilo de cada redator, as hipóteses que cada um projetou escrevendo na tela e a evolução de suas ND.

Tabela 2 – Textos produzidos pelos 4 sujeitos mais produtivos nas duas oficinas

Oficina Sujeito	Primeira oficina		Segunda oficina	
	Título da ND (individual)	Título da ND (dupla)	Título da ND (individual)	Título da ND (dupla)
S7	Cristo Redentor *	-	-	-
	-	Vida e Obra (com S13) *	-	-
	-	-	Família	-
	-	-	Quando ganhei na loteria*	-
	-	-	-	Uma viagem incrível (com S12)*
S8	Amigos	-	-	-
	Um dia sem internet*	-	-	-
	-	Paramore (com S4)*	-	-
	-	-	Texto sem título sobre família	-
	-	-	Texto sem título sobre “ganhar na loteria”*	-

	-		-	Texto sem título sobre superação (com S10)*
S10	-	Albert Einstein (com S6)*	-	-
	-	-	Amizade	-
	-	-	Texto sem título sobre viagem*	-
	-	-	-	Texto sem título sobre superação (com S8)
S12	História da Vida*	-	-	-
	@Pen Drive@*	-	-	-
	-	Restart (com S5)*	-	-
	-	-	História de Superação*	-
	-	-	-	Uma viagem incrível (com S7)*

* Gênero: Narrativas Digitais.

2.5 Organização e codificação dos dados

Com o propósito ético de não revelar a identidade dos 14 (catorze) alunos participantes da oficina de criação de ND (menores de idade), organizamos os sujeitos, numerando-os de 1(um) a 14 (catorze), precedido da letra “S”, assim temos: S1; S2; S3; S4; S5; S6; S7; S8; S9; S10; S11; S12; S13 e S14. Nas entrevistas o professor-pesquisador é identificado por “P”.

O corpus de texto totalizou 38 (trinta e oito) textos, reunindo todos os produzidos na primeira e na segunda oficina. Para organizá-los, buscando conferir eficiência à análise e à leitura dos dados, identificamos cada texto com um código:

Tabela 3 – Legenda para organização dos dados

Oficina (etapa)	Participante (s)	Textos
OI	S1(individual)	T1
OII	S3/14 (dupla)	T24

Assim, em OI-S1-T1 temos um texto produzido na primeira oficina, pelo sujeito 1, e é o primeiro texto no corpus. Em OII-S3/14-T24 temos um texto produzido na segunda oficina, em dupla pelos sujeitos 3 e 14 e é o vigésimo quarto texto no corpus.

Capítulo 3 – Análise e Discussão de Dados

Apresentamos os aspectos de composição multimodal iniciando com a análise quantitativa da primeira oficina, que revelou alguns aspectos dos processos de composição multimodal e nos permitiu traçar um perfil de ações dos participantes, levantando possibilidades para a outra etapa do estudo. Em seguida, apresentamos a análise dos dados gerados na segunda oficina, discutindo as estratégias dos sujeitos em cada um dos processos de composição (“reflexão”, “produção textual” e “interpretação de texto”). Por fim, refletimos sobre os aspectos gráfico-visuais dos textos dos quatro sujeitos observando estilo, uso dos recursos da ferramenta de criação e layout dos textos no decorrer das duas oficinas.

3.1 Primeira oficina de ND: análise dos processos de composição “na tela”

Participaram da primeira oficina de ND 14 (catorze) alunos, que produziram 29 (vinte e nove) textos. Os dados foram obtidos através da observação dos sujeitos no momento em que produziam suas composições na tela. Fazendo o levantamento de **práticas comuns**, agrupamo-las em categorias para investigar o comportamento dos redatores quanto aos processos de composição de narrativas digitais multimodais dominantes em cada texto.

As categorias adotadas foram extraídas do modelo de Hayes (2000)³⁹: “reflexão”; “produção textual”; “interpretação de texto”⁴⁰. Foi observado também o que foi revisado pelos participantes da oficina. Assim, tivemos uma primeira

³⁹ Em artigo sobre os resultados parciais desta pesquisa publicado nos anais da IV Congresso de Hipertexto e Tecnologias Educacionais, em 2011, que será publicado na Revista Quaestio, adotamos a terminologia usada no modelo Hayes e Flowers (1980), por ser a mais conhecida. Contudo, nesta dissertação mantivemos a terminologia do modelo Hayes (2000), base deste estudo.

⁴⁰ Os processos de composição de Hayes (2000) – “reflexão”, “produção de texto” e “interpretação de texto” correspondem respectivamente aos processos, “planejamento”, “textualização” e “revisão”, de Hayes e Flower (1980).

aproximação dos processos dominantes nos textos, tal como observado e registrado no levantamento organizado pelo pesquisador (ANEXO J).

A primeira categoria de observação – **Reflexão**⁴¹ – compreendeu três diferentes aspectos que levam em consideração as estratégias de geração, seleção e organização de ideias predominantes em cada texto:

- a) auxiliado pela imagem (os sujeitos recorrem à pesquisa de imagens para auxiliar a construção da narrativa) – 3 (três) ocorrências;
- b) auxiliado por plano escrito em papel (os compositores se organizam em esquemas e planos no papel antes de passar as ideias para o ambiente de escrita na tela) – nenhuma ocorrência;
- c) auxiliado pela escrita do texto diretamente na tela (inclui sujeitos que compõem o texto escrito direto no ambiente digital) – 26 (vinte e seis) ocorrências.



Como podemos observar, foram poucas as manifestações nas quais os sujeitos procuraram imagens antes de compor a narrativa. Mesmo com uma baixa ocorrência, este comportamento nos chamou a atenção, pois era uma opção que não havia sido levantada inicialmente, trazendo um novo aspecto para analisar na segunda oficina.

⁴¹ No modelo de Hayes e Flower (1980) corresponde ao processo de “planejamento”, incluindo os subprocessos de geração, seleção e organização de ideias.

Nenhum dos sujeitos optou pelo plano escrito no papel, antes de construir o texto na tela. No primeiro dia de produção foram entregues os chamados “storyboards”⁴² em papel e expostas suas possibilidades de utilização para a produção das narrativas digitais, junto a uma lista de links para acesso a bancos de imagem e de áudio⁴³. A reação dos sujeitos foi ignorar o “storyboard” em papel, dobrando-o e guardando-o nos cadernos, e partir para a lista de links, acessando alguns deles. Após alguns minutos, a lista de links também foi esquecida ao lado do teclado e as buscas por imagem e fontes de pesquisa passaram a ser feita no site de busca “Google”.

Essa reação diante do “storyboard” e da lista de links em papel já nos responde um dos questionamentos da pesquisa: “os redatores ainda recorrem ao papel na preparação das narrativas digitais?” Ignorar o “storyboard” e a lista de links nos mostrou que os sujeitos desta investigação não recorrem ao papel quando se trata de produção escrita na tela. Tanto os sujeitos com letramento digital mais desenvolvido, quanto os com menos letramento digital⁴⁴ tomaram a decisão de abandonar os “apoios” para a produção de ND entregues em papel (storyboard e lista de links), contrariando, inclusive, uma das hipóteses levantadas inicialmente de que isso fosse acontecer somente com aqueles sujeitos mais afeitos à escrita na tela.

A maioria dos alunos escreveu o texto diretamente no ambiente de escrita na tela, utilizando-o para organizar e iniciar a composição, e, em geral, procedeu da mesma forma em todas as produções, compondo o texto escrito e depois procurando imagens para inserir a ele.

A segunda categoria de análise – **Produção Textual**⁴⁵ – referente à atividade de esboçar o texto – compreendeu três aspectos complementares ao processo de “reflexão” em todos os 29 (vinte e nove) textos:

⁴² Storyboard é um esboço que auxilia na organização de uma história, definindo parâmetros de acordo com recursos, mídias e tempo disponível. (Stevens, 2011)

⁴³ Esses procedimentos foram adotados segundo o estudo de Sylvester e Greenidge (2009).

⁴⁴ Fizemos esta diferenciação entre as experiências de escrita dos participantes da oficina através das respostas dadas por eles ao questionário aplicado (Anexo D), antes do início da oficina.

⁴⁵ No modelo de Hayes e Flower (1980) corresponde ao processo de “textualização”.

- a) texto escrito nos slides e posterior inclusão de imagens – 14 (quatorze) ocorrências;
- b) texto e imagem compondo simultaneamente slide por slide - 14 (quatorze) ocorrências;
- c) escolha de imagens para posterior inclusão do texto escrito – 1 (uma) ocorrência.

Observemos o gráfico a seguir:



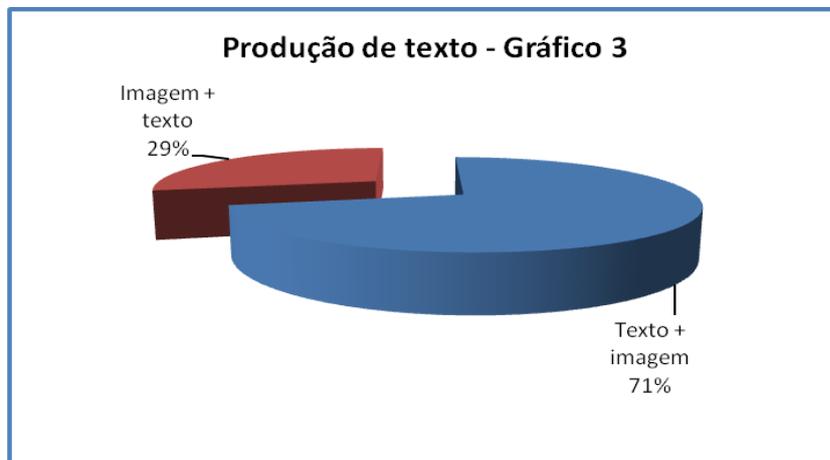
Nas produções realizadas durante a primeira oficina de ND, houve apenas 1 (uma) ocorrência onde o sujeito colocou primeiro todas as imagens nos slides, para depois incluir o texto escrito.

Os outros dois critérios tiveram igual incidência 14 (quatorze) ocorrências cada, apresentando-se como comportamento comum a todos os sujeitos. É importante ressaltar que, na maioria dos casos, um mesmo sujeito oscilava entre um comportamento e outro, dependendo da proposta apresentada, revelando a procura por uma estratégia que melhor atendesse às suas necessidades no momento da composição.

Detalhando os 14 (catorze) textos que apresentaram dominância de composição simultânea dos slides (“Texto e imagem compondo simultaneamente slide por slide” – ver gráfico anterior), observamos duas diferentes situações:

- a) quando o texto é incluído primeiro e a imagem acrescentada depois (texto + imagem) – 10 (dez) ocorrências;

- b) quando o texto é incluído depois da imagem (imagem – texto) – 4 (quatro) ocorrências.

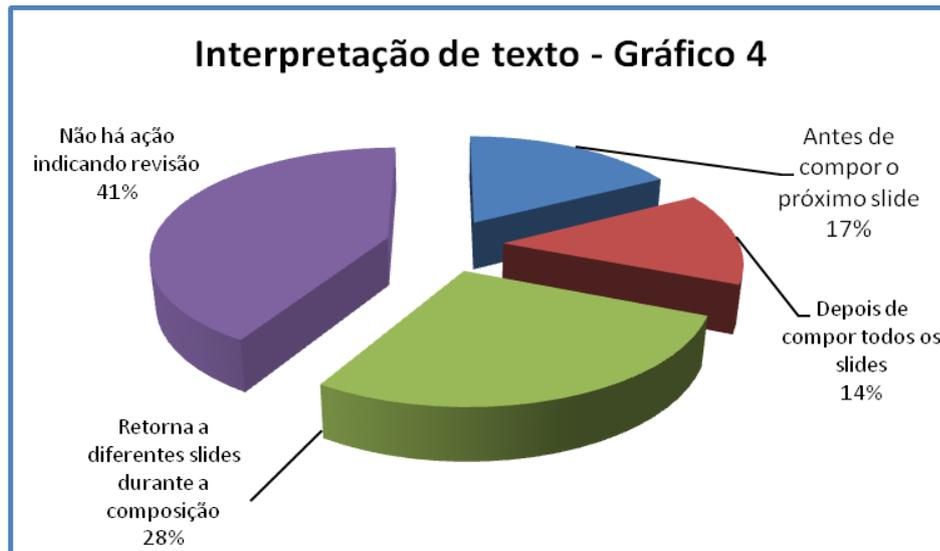


Como podemos visualizar no gráfico anterior, dentre os quatorze sujeitos que compuseram usando concomitantemente textos e imagens em cada slide, apenas em quatro produções a imagem do slide foi incluída antes do texto escrito. A identificação dessas diferentes ações confirma a **preferência dos sujeitos desta primeira fase da investigação em começar a composição na tela pelo texto escrito.**

Na terceira categoria de análise – **Interpretação de Texto**⁴⁶ – consideramos que os conceitos de revisão e edição podem se inter-relacionar e constituir um mesmo processo, que também pode ocorrer simultaneamente à “Produção Textual” e à “Reflexão”. Os comportamentos analisados referem-se a decisões dos redatores sobre o momento ou local do texto em que praticaram ações de revisão/edição no total de ND produzidas:

- a) antes de compor o próximo slide – 5 (cinco) ocorrências;
- b) depois de compor todos os slides – 4 (quatro) ocorrências;
- c) retorna a slides diferentes durante a composição – 8 (oito) ocorrências;
- d) quando não há uma ação indicando revisão ou edição – 12 (doze) ocorrências.

⁴⁶ No modelo de Hayes e Flower (1980) corresponde ao processo de “revisão”.



O gráfico anterior mostra que, na maior parte das composições, os sujeitos reviram (ou releeram) os slides *durante* o processo de composição, totalizando 61% (17 ocorrências) usando diferentes estratégias: a maioria (28% - 8 ocorrências) retoma diferentes slides durante a composição mais com a intenção de manter a coerência entre os próximos slides a serem criados, que com o intuito de revisar. Alguns repetiram o layout escolhido em todos os slides, ou modificaram-no, dependendo do conteúdo. Outros alteraram o conteúdo ou o layout dos slides anteriores, em favor do slide que estava sendo composto.

Com quantidades aproximadas, 17% (cinco ocorrências) e 14% (quatro ocorrências), temos, respectivamente, *revisões do slide anterior antes de compor o seguinte*, também com a intenção de manter a coerência entre os mesmos; e *revisões depois de compor todos os slides*, geralmente, com “visualizações em tela cheia”, para verificar a composição da narrativa como um todo.

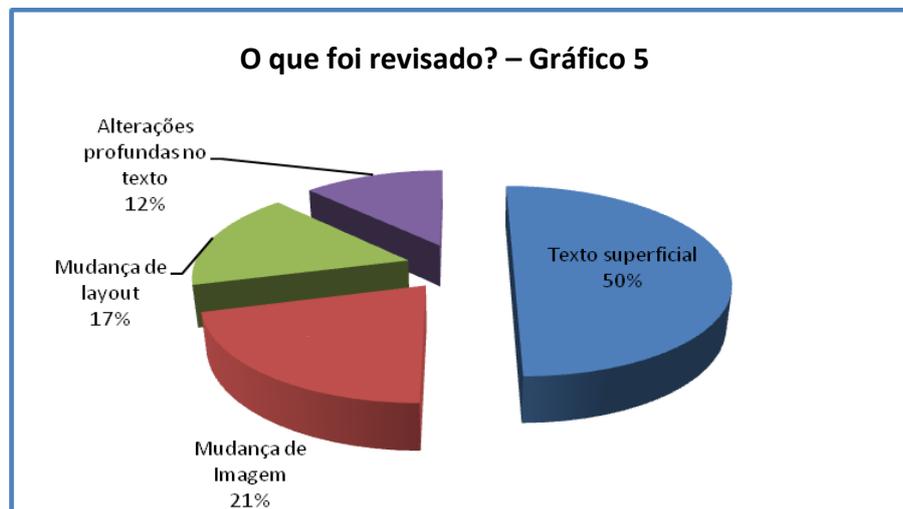
Do universo de 29 (vinte e nove) textos, tivemos 41% (12 ocorrências) com ausência de ações que indicassem a releitura, ou a revisão dos textos.

Aprofundando a análise acerca das ações de revisão, verificamos o *que foi revisado pelos sujeitos*.⁴⁷ Em metade das situações de composição, 12 (doze) ocorrências, há revisão superficial no texto, com correções ortográficas.

⁴⁷ A análise do que foi revisado pelos sujeitos não possui números proporcionais aos de textos produzidos, pois levamos em consideração a realização, em alguns casos, de mais de uma ação de revisão durante a composição de um mesmo texto.

Em apenas cinco situações de composição, durante a revisão/edição da narrativa digital, ocorreram mudanças de imagens, buscando uma melhor construção do sentido, ou mesmo, aprimorando a qualidade da imagem e da visualização na tela.

Com quantidade bem próxima ao procedimento anterior, 4 (quatro) ocorrências, a revisão do layout dos slides, mostra novamente a preocupação com a visualização do texto na tela. Já as alterações profundas no texto ocorreram em menor número (entendendo o texto como composição e incluindo aqui a realização de todas as revisões anteriores de texto verbal e imagem feitas concomitantemente). Apenas em três situações de produção, os sujeitos revisaram a narrativa digital integralmente (conteúdo, imagem, layout etc).



Vale ressaltar que, dentre as situações de produções analisadas na primeira oficina, um sujeito se diferenciou pela não-utilização de imagens e pela escrita do texto em um único slide. Foi uma escolha consciente do sujeito, mesmo conhecendo as possibilidades da ferramenta de criação de slides. Decidimos não desconsiderar suas produções e as incluímos nas categorias adequadas.

Resumo das observações sobre a primeira oficina

Através dos dados analisados⁴⁸, apontamos as ações mais recorrentes entre os sujeitos que participaram da primeira oficina. Assim, como podemos perceber nos gráficos e na interpretação apresentada anteriormente, a maioria dos sujeitos escreve direto na tela do computador, colocando primeiro o texto escrito (seja em todos os slides, ou escrevendo cada um deles) e depois acrescentando as imagens, revisa o texto durante a composição, utilizando diferentes estratégias, geralmente, para realizar alterações superficiais.

Vale ressaltar que o perfil aqui traçado ainda não pode ser generalizado. Com esta primeira exploração dos dados, percebemos alguns aspectos importantes para os resultados finais da investigação e para futuros estudos.

3.2 Segunda oficina de ND: processos de “reflexão”, “produção” e “interpretação de texto”

A análise dos dados gerados na segunda oficina, compostos pelas entrevistas, pelas observações anotadas da pesquisadora sobre os processos dos redatores e pelas produções multimodais, que orientam a compreensão destes processos também foi realizada com base no segundo modelo de Hayes (2000), segundo o qual, os processos de “reflexão”, “produção textual” e “interpretação de texto” acontecem concomitantemente e interferem um no outro dependendo da habilidade e da estratégia requerida pelo redator/compositor. (HAYES, 2000, p. 32)

Esta parte da análise terá um caráter mais qualitativo do que o aplicado às observações da primeira oficina. Os dados aqui discutidos referem-se a quatro

⁴⁸ Reforçamos que as ações dos sujeitos durante as composições de narrativas multimodais na tela foram observadas apenas pela pesquisadora que acompanhou a primeira oficina. Na segunda oficina, escolhemos 4 (quatro) sujeitos para produzir mais uma narrativa individual e outra em dupla, também observadas pela pesquisadora, com posterior entrevista acerca destas composições.

sujeitos escolhidos dentre os 14 (catorze) que participaram da primeira oficina de composição escrita em ambiente digital, ambiente este no qual ainda não tinham experiência suficiente e com um fator novo de produção – composição integrando imagem ao texto escrito, o que requer maior habilidade do redator/compositor. Veremos como estes quatro alunos, proficientes no texto impresso, mas inexperientes neste tipo de composição, criaram novas estratégias, ou adaptaram antigas estratégias para lidar com uma composição multimodal feita em slides. Esta parte da análise terá um caráter mais qualitativo do que o aplicado às observações da primeira oficina.

3.2.1 O processo de “reflexão” na composição multimodal

A análise das entrevistas e as observações sobre as composições mostraram que o processo de reflexão (geração, seleção e organização de ideias do texto) acontece mentalmente (SÁNCHEZ, 2002, p. 112-3), como já observamos na primeira oficina (ver tópico 3.1), confirmando que, no caso deste estudo, a reflexão sobre as ideias dispensou o planejamento em papel. O momento de planejamento do texto pelos participantes de forma “romântica”⁴⁹, como inspiração para redigir, como revelam os seguintes exemplos:

Exemplo 1: Trecho de entrevista

•OII - S7- T31

P: Como é que você pensa antes de escrever, como é que você elabora isso que você vai escrever? O momento antes de digitar aqui, como é a elaboração?

S7: Eu poderia dizer que é inspiração...

Exemplo 2: Trecho de entrevista

•OII-S7- T3

P: Então você fez isso com uma intenção, foi proposital [...] Aqui você coloca e apago um slide vazio. Por que foi?

S7: Não sei. Não vou saber te explicar. Foi mais questão de “ah! Se eu escrever, não fica legal, deleta tudo” e começa de novo.

⁴⁹ “A autoria romântica é o que nós pensamos tradicionalmente sobre a criação escrita do texto: isto é, ‘o autor é um gênio criativo solitário’” (DIAKOPOULOS, 2005 apud ERSTAD, 2008, p. 188)

A primeira hipótese que levantamos foi que a internet seria usada como fonte de pesquisa de informações para auxiliar na geração de ideias. Chegamos a pensar que isso pudesse ocasionar uma dispersão dos sujeitos perdidos no mar de informações disponíveis. No entanto, *nenhum sujeito* procurou fontes de informação, ou outros textos para remixagem. O uso da internet se restringiu à busca em bancos de imagens, tendo como preferência unânime o Google Imagens, nas duas etapas da oficina.

Exemplo 3: Trecho da entrevista

•OII-S7-T31

P: Você tirou do Ask para procurar no Google. Tem algum motivo?

S7: Tem! É porque eu prefiro as imagens do Google. Eu acho ele muito, sei lá [...] como eu posso dizer, ele não vai tão direto ao ponto, ele é mais rápido.

* “ele [Ask] não vai direto ao ponto, ele [Google] é mais rápido.

Observamos o uso do banco de imagens com um interesse especial. Três entre os quatro sujeitos que participaram da segunda oficina utilizaram o banco de imagens antes de iniciar a composição do texto propriamente dito, para auxiliar na geração, organização e seleção de ideias. Depois da escolha do tema, os sujeitos se direcionavam ao banco de imagens, vendo as que apareciam, em resposta à busca feita, e depois se voltavam para a ferramenta de escrita, o que deu mais objetividade e rapidez à produção. Algumas vezes os sujeitos voltavam a fazer esse movimento quando iam criando novos slides.

Exemplo 4: Trecho de entrevista

•OII-S10-T30

P: Eu só quero saber como você fez?[...] Eu notei que você abriu o primeiro slide e foi logo para internet?

S10: Humrrum [...]

P: E você foi atrás de que?

S10: Imagem.

P: Isso... E como você pensou para fazer isso?

S10: Pensando... A gente aqui na escola faz vários amigos [...] o que eu pensei foi isso [...] A gente vai primeiro na internet [...] deixo no slide, coloca o texto escrito [...] ajuda com a imagem.

Exemplo 5: Trecho de entrevista**•OII-S7-T31**

P: Quando você escolheu o tema família, o que você pensou? Por que foi primeiro nas imagens?

S7: Porque, assim, para mim existe muito aquele símbolo família. A família é uma base daquilo que a gente quer ser. É um espelho, porque primeiro eu fui nas imagens? Porque a imagem iria fluir alguma coisa na minha mente. É porque eu sou muito assim eu entendo o que eu vejo, eu sou muito de interpretar imagens. Então eu acho que se eu visse a foto primeiro faria uma coisa bem mais elaborada com bem mais amor.

Exemplo 6: Trecho de entrevista**•OII-S8-T32**

P: Você estava pensativo, olhou as imagens no Google

S8: Eu tenho que encaixar uma imagem com o que eu escrevi

Mesmo que os alunos tenham usado essa estratégia de visualização prévia das imagens relacionadas ao tema, para facilitar o início da composição, a insegurança do redator/compositor em começar a escrever ainda não parece resolvida. Para S8, que falou sobre esta dificuldade na entrevista, o dilema se encontra no momento de *passar para a tela o esquema criado*, deixando entrever que o processo de reflexão não é concluído antes de iniciar a escrita do texto.

Exemplo 7: Trecho da entrevista**•OII-S8-T35**

P: Você abriu o programa e ficou olhando a tela. Depois de escolher a proposta, como foi na sua cabeça?

S8: Hoje meio que estava tudo esquematizado na minha cabeça, mas eu não sabia a forma como eu ia escrever, passar o texto para a tela.

Aqui fazemos uma relação com Hayes (2000, p.32), quando compara o modelo de 1980 com o novo modelo. Para o autor, o modelo da década de 80 é centrado no processo de “planejamento”, conferindo a este processo a responsabilidade pela qualidade do texto produzido. No novo modelo, deixa-se claro que a atividade de planejar o texto ocorre durante toda a composição, a cada decisão tomada.

A consciência do compositor sobre as características do texto que produziu leva ao momento de “tomada de decisões”. (HAYES, 2000, p. 31-4) Para S10, o gênero narrativa digital elaborado em slides, para ser lido na tela de computador, *precisa ser curto*, o que requer um planejamento mais detalhado do

texto que vai ser escrito, para evitar repetições e para distribuir organizadamente as ideias entre os slides.

Exemplo 8: Trecho da entrevista

•OII-S10-T36

P: Diferente das outras vezes, você pensou bem mais antes de pesquisar a imagem. O que é que estava passando na sua mente?

S10: No início foi pior, tantos lugares lindos lá. Eu já tinha para mim essa escolha. Eu acho a Grécia magnífica. Na narrativa que seja curta, interessante, que fique com aquela, parar no meio e fique querendo saber o final, criar uma expectativa. Então uma coisa curta e ao mesmo tempo interessante. Tem que caprichar bem na escolha das palavras, para dar maior sentido, para justamente não ficar uma coisa repetitiva [...] cada slide uma coisa [...] a imagem, o que eu posso falar delas e vai ter uma ligação [...] interessante porque eu sempre coloco a imagem e depois escrevo, mas antes de procurar eu já sei o que eu vou escrever, justamente essa ligação para dar um sentido.

3.2.2 O processo de “produção textual” na composição multimodal

Redigir na/para a tela é um processo “conflituoso”, sobretudo para escritores inexperientes, como já percebemos pelo relato de S8, mesmo planejando bem. O conflito torna-se ainda mais complexo com a adição de um novo meio semiótico⁵⁰ – a imagem – com o qual estes redatores não estão habituados a lidar, principalmente no ambiente escolar.

Estratégias de composição: imagem e texto criando diferentes laços

Discutiremos, inicialmente, os dados obtidos nas entrevistas com os quatro sujeitos sobre o momento da integração do texto escrito com a imagem. Vale lembrar que a composição é entendida aqui como escrita multimodal, na qual texto

⁵⁰ Os sujeitos ainda poderiam incluir áudio em suas composições, mas novamente não fizeram esta opção, mesmo sendo lembrados disso nas orientações antes de iniciar as produções.

escrito e imagem ocupam o espaço textual, que neste estudo equivale ao conjunto de slides que compõem cada texto, em lugar da página impressa.

Na segunda oficina também verificamos pressupostos sobre a composição integrando texto verbal e visual: a) a inclusão da imagem deveria preceder a escrita do texto nos slides; b) a imagem não deveria ser incluída, se a busca pela mesma não corresponde ao esperado. Os sujeitos oscilam entre estas duas concepções. Vejamos em mais detalhes:

- a) A escolha da imagem precederia o texto escrito, isto porque o texto pode ser alterado em relação à imagem, já que esta, por sua vez, é escolhida diretamente em um banco de dados e não pode ser alterada⁵¹. Trata-se de uma estratégia para facilitar a integração entre os dois principais meios que compõem o texto. A percepção dessa possibilidade para S10, por exemplo, implica considerar a imagem como condição de produção, assim, para ele, todos os slides deveriam ser compostos, obrigatoriamente, pelos dois meios – verbal e visual.

Exemplo 9 – Trecho de entrevista

•OII-S10-T36

P: Quando escolheu a proposta, você mesmo falou que foi logo escolhendo as imagens. Por quê?

S10: É [...] porque uma história, essa história eu achei que ia ser muito difícil encontrar imagens de acordo com o texto, então eu fui colocando as imagens para depois o texto se aderir às imagens, não as imagens ao texto porque o texto você pode mudar as palavras para adequar às imagens, agora a imagem é difícil você achar uma imagem que você quer.

Apesar de ser uma estratégia interessante, inclusive pela consciência do sujeito quanto à dependência da imagem à composição do texto, ela não necessariamente expressa qualidade e nem garante uma relação entre imagem e texto adequada e perceptível, pois a necessidade de incluir uma imagem em cada slide pode acabar incorrendo em escolhas equivocadas. Vejamos no exemplo 10

⁵¹ A afirmação de que as imagens não podem ser alteradas restringem-se às condições de produção dos sujeitos participantes deste estudo específico, o que não significa dizer que, outros redatores compondo na tela façam o mesmo.

(OII-S10-T30), como estas escolhas equivocadas acontecem, prejudicando, algumas vezes, a coesão e a coerência do texto:

Exemplo 10: OII-S10T30

Slide 1 Slide 2 Slide 3

Slide 4 Slide 5

No slide 3 do exemplo acima, podemos notar que a imagem contradiz o slide final. O sujeito estabelece uma relação entre amizade e nascer do sol, que no slide 3 é quebrada pela imagem do pôr-do-sol, prejudicando a consistência, que influi diretamente na construção do sentido no texto⁵².

O slide 4 mostra como acontecem escolhas equivocadas e como elas prejudicam a composição harmoniosa do texto. Ao não encontrar uma imagem que atendesse às suas expectativas para representar “amizade falsa”, S10 parece criar outra relação mais distante e de difícil compreensão para o leitor:

Figura 7 – Relação entre ideias para escolha de imagem



⁵² A consistência está listada entre os fatores de contextualização, sugeridos por Marcuschi (1983), exigindo “que todos os enunciados de um texto possam ser verdadeiros, isto é, não-contraditórios.” (KOCH, 2004, p. 44)

A imagem usada no slide 4 é claramente diferente do padrão a que o sujeito vinha dando preferência na construção dos slides anteriores. É uma tentativa falha de se adaptar às condições de produção, mas para o sujeito parece resultante da busca com palavras-chaves abstratas (“amizade falsa” ou “amizade verdadeira”).

Exemplo 11: Trecho de entrevista

•OII-S10-T30

S10: Porque assim, diferentemente de [...] amizade rara [...] é uma coisa assim, sentimento abstrato, é uma coisa assim, de dentro pra fora, então eu achei que a imagem eu não encontraria com facilidade, eu fui primeiro procurar a imagem para poder adaptar o texto a ela. [...]

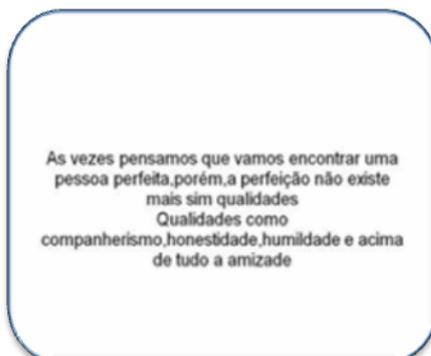
- a) Os outros sujeitos lidaram de maneira diferente com a relação imagem-texto. S7 e S8 optaram por não colocar imagens, se o resultado da busca não correspondesse ao esperado, deixando o slide apenas com o texto escrito. Também encontramos esta concepção em S12, que preferiu escrever uma moral para encerrar sua narrativa, a colocar uma imagem que, segundo ele, não se adequasse ao seu objetivo, como podemos observar nos exemplos a seguir:



•Exemplo 12:

•OII-S7-T31 Slide 1

•S7: Primeiro o conceito de família, porque não adianta nada eu colocar só imagens e quem vai ler, ver, o meu slide, não entender o que eu quero passar para ele. Então eu coloco primeiro o que eu estou sentindo, primeiro o que eu acho que deve ser colocado para depois colocar as imagens e comentar.



•Exemplo 13:

•OII-S8-T32 Slide 1

•P: Você só escreveu no slide 1? Não quis colocar imagem por quê?

S8: Porque eu não achei nenhuma imagem que se encaixasse no slide. Eu queria deixar bem assim para enfatizar o que eu queria mostrar.

Aqueles que antes riam daquele homem agora sentiam inveja de onde ele chegou

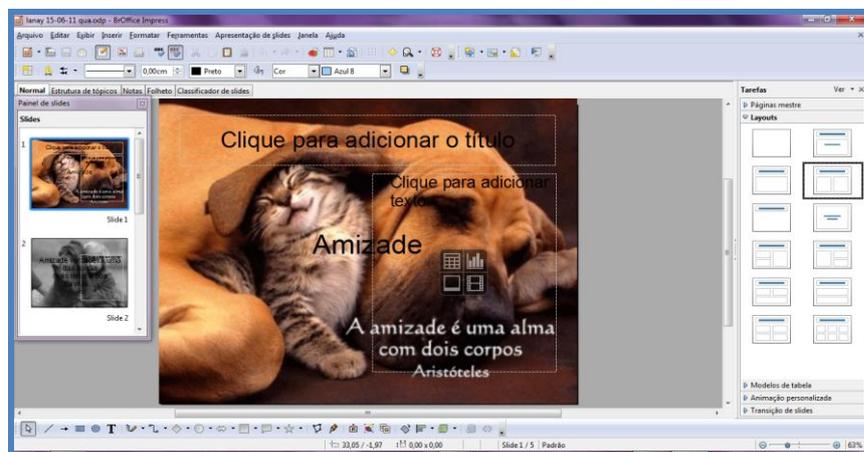
Moral: É melhor ser chamado de louco e se dedicar para melhorar sua vida, do que apenas julgar e não fazer nada

- Exemplo 14:
- OII-S12-T33 Slide 6
- P: No último slide, você não colocou imagem, e acrescenta uma moral. Pense aí o que é esse slide, como você fez? S12: Eu achei assim que o final dá um impacto aí eu coloquei uma moral e não coloquei imagem, porque não tinha como expressar isso.

Estratégias de coesão textual

Outra estratégia foi estabelecida pelos sujeitos para lidar com a composição na tela, desta vez para estabelecer a coesão entre os diferentes slides. Durante a produção, no momento da transição dos slides, na produção, a visualização do que já foi escrito é prejudicada, pois a ferramenta só fornece a miniatura dos slides anteriores no canto esquerdo da tela.

Figura 8 – Visualização de slides no BrOffice Impress



Para manter a coesão sequencial⁵³ entre os slides, os sujeitos retornam aos slides anteriores seguidas vezes durante a produção. Assim conseguem manter um fluxo contínuo entre os slides de cada ND. Nas entrevistas

⁵³ Por coesão sequencial compreendemos aquela que “diz respeito aos procedimentos linguísticos por meio dos quais se estabelecem, entre segmentos do texto (enunciados, partes de enunciados, parágrafos, e mesmo sequências textuais), diversos tipos de relações semânticas e/ou pragmático-discursivas, à medida que se faz o texto progredir.” (KOCH, 2004, p. 39)

(exemplos 15 e 16) identificamos esta preocupação dos sujeitos em criar uma ligação entre os slides.

Exemplo 15: Trecho de entrevista

•II-S10-36

P: Você antes de fazer alguns slides vai voltando para ler os anteriores...

S10: É porque é uma narrativa. Então é toda uma história, uma sequência de fatos. Eu voltava sempre para tentar ligar, fazer uma coesão entre os dois slides, para não ficar uma coisa diferente.

Exemplo 16: trecho de entrevista

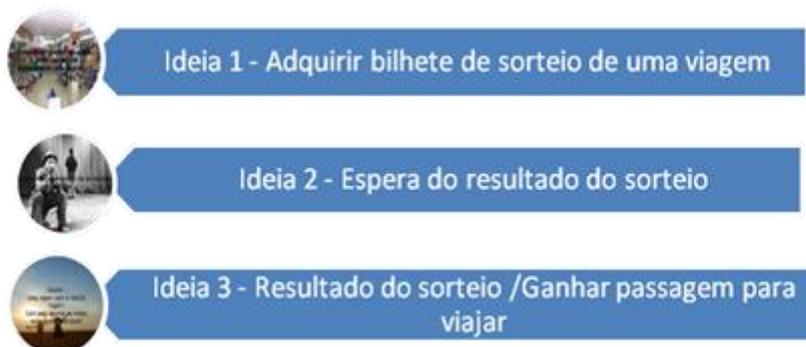
•II-S8-35

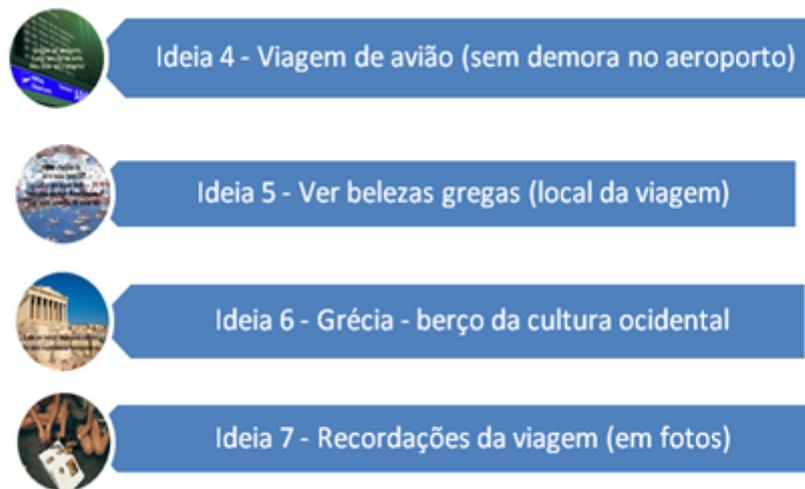
P: No slide 2, você voltou, leu o slide 1, para depois voltar para o 2 em branco e começar a escrever. Por que você leu o anterior?

S8: Para tentar dar um encaixe do segundo com o primeiro, aí eu peguei esse dia bonito, o dia que apostei na loteria, como se fosse um divertimento, sem a mínima intenção de ganhar, só para apostar.

Percebe-se que a coesão sequencial na tela ocorre de maneira equivalente ao que acontece quando distribuimos as ideias de um texto escrito em parágrafos. Uma visão completa de cada ND mostra como os sujeitos relacionam slides a parágrafos e como as ideias são distribuídas entre os slides, criando um fluxo, uma sequência entre eles. Para exemplificar, vejamos a distribuição de ideias nos slides do texto OII-S10-T36 (ver Anexo H).

Exemplo 17: Distribuição de ideias entre os slides





Outra estratégia coesiva de uso menos frequente foi a utilização de imagens como elo coesivo. Muitas vezes, esta estratégia acontece de forma inconsciente, os sujeitos parecem não perceber o que e como estão fazendo.

Figura 9 – Coesão através de imagens



Observa-se que o sujeito usa imagens de mãos apostando e de mãos com dinheiro. Parece uma metonímia comum e eficiente, mas, segundo o autor do texto, o uso da imagem das mãos não foi intencional. Em outra situação essa estratégia é usada, quando o mesmo sujeito tenta utilizar imagens que representem uma personagem como sendo do sexo masculino, efetivando buscas nos bancos de dados com palavras-chave como “homem rico”, “homem apostando”, “homem pobre” etc.

Outra estratégia é a utilização de “plano de fundo” nos slides, como observamos no exemplo abaixo. (Esta opção é oferecida pela ferramenta). Tal possibilidade foi apontada por Kress e van Leeuwen (2002, p. 349) discutindo a coesão através de cores e do plano de fundo em “PowerPoint” (ferramenta similar ao BrOffice Impress):

A coesão textual pode ser promovida pela “coordenação de cores”, ao invés da repetição de uma cor. Neste caso, há várias cores em uma página ou em uma seção dela [...]. Em software de computador, como o Powerpoint, isso é construído escolhendo inicialmente um plano de fundo, que seleciona automaticamente um esquema de cores [...]

Exemplo 19 – OII-S7-T31

Slide 1

Slide 2

Slide 3

Slide 4

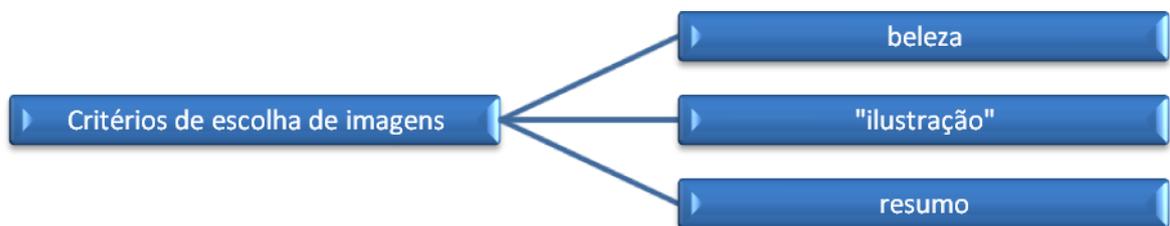
Slide 5

Slide 6

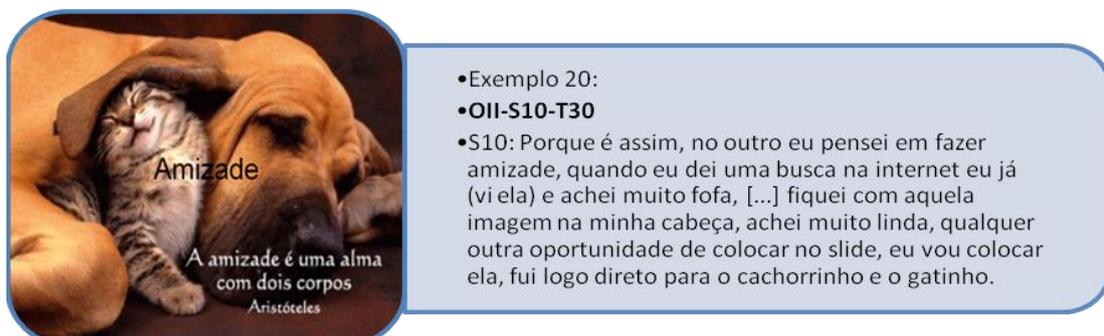
Seleção de imagem e relações imagem-texto

Quando investigamos o critério de escolha das imagens que iriam compor as ND desses sujeitos, percebemos que suas escolhas giravam em torno de três critérios comuns a todas as produções: beleza; “ilustração”⁵⁴ e resumo.

Figura 10 – Critérios de escolha de imagens



Quando o critério de **beleza** é levado em consideração, não significa a exclusão dos demais critérios (ilustração e resumo), mas diz respeito à aparência da imagem de acordo com as preferências do sujeito. Vejamos o exemplo de algumas imagens escolhidas segundo este critério, acompanhado dos comentários dos sujeitos.



⁵⁴ Usamos neste estudo a definição de “ilustração” proposta por Barthes (1977). Para o autor, a imagem ilustra o texto, quando identifica elementos, apoiando o texto. Para maior esclarecimento ver página 45 e esquema (“Relação imagem-texto (Barthes, 1977)”).



- Exemplo 21:
- OII-S7-T31
- S8: Eu escrevi aqui [...] e fui lá no Google, vi essa imagem, achei bonita, uma família unida e coloquei.

“**Ilustração**” é a denominação empregada por Barthes (1977) para indicar a relação em que o texto apoia a imagem e fornece os elementos para a leitura da imagem, estabelecendo uma relação descritiva entre imagem e texto.



Ele era muitas vezes chamado de louco por seus familiares e amigos, pois não saía de casa ficava só estudando e não saía para nenhum lugar ficava só em casa.

- Exemplo 22
- OII-S12-T33 Slide 2
- P: E essa imagem, por que foi que você escolheu?
- S12: Tem a ver também com o texto, que ele estudava muito.



• Estava passeando com meu cachorro quando encontrei um pedaço de papel amassado, com alguns números escritos.

- Exemplo 23
- OII-S7-T34 Slide 2
- S7: [...] Eu fui deixando a imaginação fluir para depois escolher uma imagem de acordo com o que eu tinha escrito.

Resolvi apostar na loteria, apostar na sorte pelo menos uma vez



•Exemplo 24

•OII-S8-T35 Slide 2

•P: Você escreveu o texto e foi atrás da imagem, como foi esta relação neste slide? Qual a relação dessa imagem que você procurou com o texto que você escreveu?

S8: É mega sena, apostar, meio que complementa. Aí eu peguei essa imagem de um homem apostando na mega sena.

Nessa relação em que a imagem apoia o texto, temos uma relação de desigualdade, na qual a imagem subordina-se ao texto verbal. (MARTINEC, SALWAY, 2005 ver figura 6) O uso frequente de imagens “ilustrando” o texto não significa que os sujeitos compreendam que a imagem também cria sentidos. É o que se percebe tanto no empenho em selecionar imagens adequadas, como no uso que fazem dela no final de alguns slides.

Nomeamos “**resumo**” o critério de escolha da imagem final de algumas ND necessária para concluir a mensagem do texto, como se a imagem final tivesse o papel de condensar tudo o que está nos slides anteriores, como podemos ver nos exemplos a seguir:



•Exemplo 25

•OII-S7-T31 Slide 6

•S7: É porque nós temos uma base que é família tradicional (papai, mamãe e filho) e pode perceber que na imagem que é uma família feliz, para mostrar às pessoas que a família, além de estar viva, tem de estar feliz com o que ela está fazendo, com o modo que ela convive.



•Exemplo 26

•OII-S8-T32 Slide 5

•P: No próximo slide, só a imagem, diferente de todos os outros [...] por quê?

S8: Porque é o momento de final do slide, onde vai enfatizar tudo que eu escrevi. Aí eu vou demonstrar o que eu escrevi pela imagem.

3.2.3 O processo de “interpretação de texto” na composição multimodal

Sobre as estratégias de “interpretação de texto”, observamos alguns aspectos interessantes que passamos a exemplificar. O primeiro aspecto é o modo como alguns sujeitos visualizam o texto, chamado “tela cheia”. Isso aconteceu, em geral, ao término da composição de todos os slides, ou de cada slide, quando retornavam ao primeiro para visualizá-los de um por um. É o que afirma S10, revelando preocupação com a audiência:



Enquanto os verdadeiros esperam o dia clarear!

- Exemplo 27:
- OII-S10-T30
- P: Quando você termina, foi olhar a apresentação em “tela cheia” [...] por quê?
- S10: Dá um diferencial e você, na “tela cheia”, você vê erros que você não percebe [...] e também é como as outras pessoas vão ver. Então tem que ver não só a sua visão, a visão dos outros também.

Apesar dessa estratégia de visualização/leitura pela perspectiva do leitor, a ação de revisar se concentrou mais na ortografia do texto escrito, e aconteceu de forma superficial, algumas vezes somente quando o corretor ortográfico apontava o erro. Consideramos superficial aquela revisão/edição que se atém apenas à questão ortográfica e despreza os outros planos que compõem o texto. Ao que parece a preocupação centrada nesse critério de correção reflete a cobrança dos professores quanto a este aspecto nos textos escolares.

Exemplo 28: Trecho de entrevista

•OII-S7-T31

P: Quando você escreveu a primeira vez “família”, você foi lá e consertou, corrigiu.
S7: Eu sou muito cobrada na acentuação pelos professores. E um slide com erro ortográfico não dá, né?

Exemplo 29: Trecho de entrevista

•OII-S12-T33

P: Como é que você planejou o texto? Por que você disse que tinha a história do seu amigo e você só parava para ler o texto quando o corretor ortográfico marca uma palavra [...] Como é que você faz?
S12: Eu escrevo e depois olho e acho melhor assim, aí vejo alguns erros.

Mas nem sempre as ações de revisão/edição se restringiram a “forma ortográfica”. Algumas vezes a atenção era direcionada ao conteúdo do slide, exigindo um novo planejamento e uma re-escritura do texto. Foi o que aconteceu com uma revisão de conteúdo onde a falta de continuidade do texto foi percebida pelo produtor, sendo alterada quando não correspondia ao planejamento inicial.

Exemplo 30: Trecho de entrevista

•OII-S8-T32

•P: No 4º slide você escreveu em tópicos [...] eu vi que você apagou alguns, escreveu de novo. Explica aí como você fez?

S8: Eu apaguei porque não ia dar certo o que eu estava pensando.

P: Como assim “não ia dar certo”?

S8:

Não ia dar certo, porque o que eu pensei em princípio, eu escrevi, aí quando eu pensei outra coisa para encaixar não deu, não se encaixava. Aí eu resolvi colocar em tópicos porque eu achei bem interessante assim os motivos porque eu pensei isso.

Exemplo 31: Trecho de entrevista

•OII-S8-T32

•P: Foi nisso que você pensou, então, a primeira coisa que você ia fazer e já começou escrevendo. No próximo slide, você diz que vai fazer uma longa viagem, primeiro ia conhecer todo o mundo, depois só a América do Norte, foi pesquisar, voltou, apagou América do Norte, escreveu Estados Unidos e acrescentou fazer novas amizades e conhecer pessoas diferentes. Foi lá na pesquisa, escolheu a imagem. Por que essa mudança?

S8: Eu coloquei Estados Unidos, mas não achei imagens muito legais para se encaixar com o slide, mas peguei Estados Unidos porque tinha muita vontade de conhecer.

P: Eu vi que você parou muito, leu, apagou, escreveu de novo, por quê?

S8: Eu faço se tiver uma boa aparência, uma boa ortografia, eu deixo, se eu ver que não está muito complementando, eu apago e refaço.

Também houve revisão de imagens, como vimos também no exemplo anterior. De alguma forma, o redator alterou seu planejamento quanto à imagem e revisou o texto, não apenas a imagem, como a ideia que queria transmitir com esta imagem no slide. Quando não corresponde à perspectiva do redator, a busca de imagens pode ocasionar uma revisão de conteúdo, como acontece em OII-S8-T35 (ver Anexo H), onde o sujeito, ao não encontrar imagens adequadas à busca “América do Norte”, resolveu a alterar o restante da história.

3.2.4 Recursividade dos processos de escrita multimodal

Uma das questões levantadas, acerca dos processos de composição escrita multimodal, foi a questão da recursividade entre os processos reflexão, produção textual e interpretação de texto. Hayes (2000, p. 26) afirma que a “interpretação de texto” é o processo que resgata a “reflexão” e a “produção textual”, porque é, a partir da revisão, que o redator vai de fato perceber o texto e, se for o caso, reformulá-lo.

Podemos destacar vários momentos nas composições observadas que demonstram que as operações de composição multimodal na tela são recursivas. Embora o que podemos detectar pela observação e pela falas dos sujeitos nas entrevistas seja muito menos do que, na realidade, possa acontecer no pensamento dos redatores no momento da produção, ainda assim o que flagramos é bastante para poder afirmar a presença do fenômeno da recursividade.

Exemplo 32: Trecho de entrevista

•OII-S10-T30

P: Quando você foi fazer o slide 4, você foi procurar a imagem do 2 [...]

S10: É verdade...

P: Por que isso?

S10: Porque assim, diferentemente de [...] amizade rara [...] é uma coisa assim, sentimento abstrato, é uma coisa assim, de dentro pra fora, então eu achei que a imagem eu não encontraria com facilidade, eu fui primeiro procurar a imagem para poder adaptar o texto a ela. Eu vou variar muito, primeiro o texto depois a imagem, imagem depois o texto, para justamente fazer uma relação para não ficar nada a ver com o outro.

Exemplo 33: Trecho de entrevista

•OII-S8-T32

P: No 4° slide você escreveu em tópicos [...] eu vi que você apagou alguns, escreveu de novo. Explica aí como você fez?

S8: Eu apaguei porque não ia dar certo o que eu estava pensando.

P: Como assim “não ia dar certo”?

S8: Não ia dar certo, porque o que eu pensei em princípio, eu escrevi, aí quando eu pensei outra coisa para encaixar não deu, não se encaixava. Aí eu resolvi colocar em tópicos porque eu achei bem interessante assim os motivos porque eu pensei isso.

3.3 Aspectos gráfico-visuais nas composições multimodais: estilo dos participantes

Nosso estudo não se ateve apenas à questão dos processos de redatores compondo na tela. Investigamos como os sujeitos criam sentidos utilizando imagem e texto, já que os textos, criados “em slides”⁵⁵, possibilitam o uso de planos de fundo variados, disposições da imagem e do texto escrito diversas, bem como formatações para textos e letras. A estas possibilidades de design dos slides chamamos de “aspectos gráfico-visuais”.

Assim, observando de forma mais ampla os dezoito textos produzidos pelos quatro sujeitos mais produtivos do estudo durante as duas oficinas, identificamos alguns padrões que passamos a discutir por sujeitos:

S7 utiliza a estrutura oferecida previamente pelo slide, que é o espaço para um título no topo e um espaço para a escrita do texto em tópicos com marcadores laterais. O espaço para a escrita do título é quase sempre utilizado nos textos, já a escrita com a estrutura em tópicos é manipulada pelo participante de acordo com as necessidades na construção do texto, vejamos o exemplo no texto OII-S7-T31.

Exemplo 34: Slides 3 e 4 do texto OII-S7-T31

OII-S7-T31 Slide 3

- ◆ *Altrás dela aprendemos sobre respeito,sobre sentimentos e sobre confiança. Altrás confiança é a base de tudo e é na nossa casa com nossos pais, irmãos,ios,primos que aprendemos a lidar com esse bem tão precioso.*
- ◆ *Fomos objetidos em nossas vidas e metas a serem conquistadas e quando conseguimos alcançar nossas metas nossa família esta presente,poem quando não conseguimos nossa família também esta lá para nos confortar.*

OII-S7-T31 Slide 4

Familia

- ◆ *É companheirismo*
- ◆ *Amor*
- ◆ *Compreensão*
- ◆ *Dedicação*
- ◆ *Confiança*
- ◆ *Amizade*

◆ *É parte completa e essencial em nossos dias de vida.*

⁵⁵ Na ferramenta BrOffice Impress , os textos são produzidos em slides e os sujeitos tiveram que se adaptar a esta condição.

Este participante apresenta um estilo interessante quanto à utilização do plano de fundo, que não se detém no contraste entre o texto escrito e a imagem para melhorar a visualização. S7 parece ver o plano de fundo como elemento para a significação do texto. Para ele, funciona como o primeiro passo na escrita desses textos multimodais.

Exemplo 35: Trecho de entrevista

•OII-S7-T31

P: Você escolheu um layout, como plano de fundo? Por que você escolheu logo, antes de escrever?

S7: Porque é uma coisa mais singela, mais meiga, lembra amor, família, tem toda uma ligação.

Exemplo 36: Trecho de entrevista

•OII-S7-T34

P: Vamos ver o 1º slide. Quando foi escolhido o tema, a primeira coisa que você fez foi mudar o plano de fundo, por quê?

S7: Assim, eu acho que é o começo de tudo, como eu já tinha dito, é o que me faz pensar que flui quando daí de dentro do tema.

P: E a escolha do plano de fundo?

S7: É o que eu acho que tem muito a ver, tem mais alegria, até mesmo a questão de ter alguma afinidade com o tema.

O texto e a imagem dividem o mesmo espaço, mas não de forma igual. O texto escrito vai, quase sempre, predominar sobre a imagem. Observando os textos produzidos por S7, verifica-se que há slides apenas com o texto e slides que contêm imagem e texto (na maioria de suas composições, o texto é apoiado pela imagem). Quanto à disposição do texto escrito e da imagem dentro dos slides nos textos de S7, há predominância de texto junto com imagem, novamente, outro caso em que a convivência das duas modalidades em um mesmo espaço não significa que tenham o mesmo status. Pelo contrário, a imagem, quase sempre, é secundária ao texto verbal. (ver textos OI-S7-T13; OI-S7/13-T29; OII-S7-T31; OII-S7-T34; OII-S7-12-T37 no Anexo H)

S8 também usa recursos gráfico-visuais oferecidos pela ferramenta, principalmente a estrutura de tópicos. Algumas vezes recorre à “estrutura em tópicos” como estratégia para distribuir ideias para as quais não consegue estabelecer uma conexão.

- As vezes nos momentos difíceis que passamos na vida nos sentimos só.
- E nesses momentos os nossos pais estão do nosso lado para nos apoiar, mesmo se estivermos errados eles estão do nosso lado para nos apoiar



- São eles a minha inspiração
- Meus pais são as pessoas onde encontrei mais qualidades
- Qualidades essas que me fazem querer ser uma pessoa melhor
- Não estar nesse mundo para ser só mais um

•Exemplo 37

•OII-S8-T32 (Slides 3 e 4)

P: No 4º slide você escreveu em tópicos [...] eu vi que você apagou alguns, escreveu de novo. Explica aí como você fez?

S8: Eu apaguei porque não ia dar certo o que eu estava pensando.

Em nenhuma produção individual S8 utiliza planos de fundo coloridos, estes são sempre brancos. Escreve com letras pretas e não tem preocupação com o tamanho ou com a distribuição do texto. (Ver textos OI-S8-T14; OI-S8-T15; OII-S8-T32; OII-S8-T35 no anexo H) Nestes textos há predominância de texto e imagem dividindo o mesmo espaço, geralmente dispostos lado a lado.

S10 é o sujeito com menos produções entre os quatro, mas nem por isso se pode subestimar os aspectos gráfico-visuais entre suas produções, pois o sujeito mantém um estilo forte e esquematizado, que influencia outros compositores, como ocorreu na produção em dupla com S8 (ver no Anexo H os textos OII-S10-T35 e OII-S8/10-T36).

O plano de fundo das produções de S10 são as próprias imagens escolhidas para compor o texto, ampliadas em toda a área do slide. Assim, em todos os slides o texto fica sobreposto às imagens, o que faz com que o sujeito se dedique mais às cores, fontes e distribuição do texto verbal, mas não implica dizer que obtenha uma boa visualização do texto.

Exemplo 38: Slides 2, 4, 5 e 7 do texto OII-S10-T36



Slide 2



Slide 4



Slide 5



Slide 7

S12 é um compositor que utiliza vários dos recursos gráfico-visuais disponíveis, na composição de suas narrativas digitais. Segundo ele, os textos que não têm esses recursos são de menor qualidade.

Exemplo 39: Trecho de entrevista

•OII-S12-T33

P: E você acha que é importante mudar a cor de letra, alterar o espaço do texto, ou você faz aleatoriamente?

S12: Acho que é importante, além de dar uma aparência melhor ao slide, é importante para dar a impressão de destacar, você pode colocar em negrito, pode aumentar o tamanho da fonte. Eu acho que é bem importante.

P: Quer dizer que essas alterações, você fez para melhorar a aparência. Você acha que o texto na tela tem que ter uma aparência legal?

S12: Porque só o fundo branco, com uma letrazinha qualquer, eu acho que não produz um slide tão interessante.

Nas composições de S12, texto e imagem dividem o mesmo espaço, o que outra vez não significa equivalência entre as duas modalidades. Geralmente, as imagens ocupam lugar secundário em suas composições. (ver Anexo H – textos OI-S12-T20; OI-S12-T21; OI-S5/12-T28; OII-S12-T33; OII-S7/12-T37)

O espaço do título é muito usado nas primeiras produções, mas não nas que foram criadas na segunda oficina (ver Anexo H – OI-S12-T20; OI-S12-T21;

OI-S5/12-T28; OII-S12-T33; OII-S7/12-T37). Também diferencia as produções nas duas oficinas a identificação do autor no final do texto, que deixa de aparecer na primeira oficina⁵⁶.

As mudanças de estilo ou estratégia que ocorreram durante as oficinas demonstram que os sujeitos ainda estão a procura de seu estilo e de um jeito de se identificar com o próprio texto. As alterações estilísticas ao longo das produções são perceptíveis na maioria dos sujeitos e entre os textos das duas oficinas, podendo significar que os sujeitos testem possibilidades oferecidas pelo meio e julguem quais ações acrescentariam ou não qualidade ao texto.

3.4 Aspectos não previstos: fuga ao gênero ND e não utilização de áudio

Durante o acompanhamento da produção dos sujeitos na primeira oficina e, posteriormente, relendo as observações a respeito, percebemos outros aspectos além daqueles que apresentamos nas seções anteriores e que também são relevantes à discussão dos dados: a) a produção de gêneros diversos da narrativa digital; b) a não-utilização de elementos sonoros nas produções.

3.4.1 Fuga do gênero: “mensagem motivacional” e “carta-corrente digital” tomados como ND

O aparecimento de gêneros diversos a narrativa digital responde a um dos questionamentos inicialmente levantados na problemática do projeto e expresso

⁵⁶ O slide contendo a identificação do sujeito foi suprimido do corpus.

na seguinte questão: “os redatores, usuários das telas digitais, constroem modelos usuais a partir da experiência cotidiana?”.

Desde a primeira oficina, especialmente durante a produção livre, e de maneira reduzida realizada no segundo dia da primeira oficina, e de maneira reduzida nas demais produções, surgiu um gênero alternativo à ND. Foram criadas “mensagens” com temas genéricos, como amor, amizade, família, sem que houvesse uma “narração” explícita ou implícita nas composições. Trata-se de mensagens que se assemelham às “correntes virtuais” exibidas em powerpoint e disseminadas por e-mail, cujo conteúdo, geralmente, é enriquecido por áudio e visualmente com conteúdos de “auto-ajuda”, também identificadas pelos sites de divulgação como “mensagens motivacionais”⁵⁷.

O conhecimento prévio desses modelos de composição na tela teve forte interferência, levando os sujeitos a aproveitarem sua estrutura na construção das “narrativas digitais” em foco, tanto no layout quanto na linguagem utilizada. E mesmo após abordarmos a estrutura da narrativa e a narrativa digital, durante a oficina, alguns sujeitos retornavam a estes gêneros.

Entre os 29 (vinte e nove) textos da primeira oficina, 4 (quatro) não foram narrativas (OI-S1-T1; OI-S2-T5; OI-S6-T11 e OI-S8-T14). E todos estes foram produzidos com tema livre. Outras ND oscilaram entre a narração e a exposição. Investigando esse fenômeno, decidimos acrescentar na segunda oficina duas propostas que ofereciam maior tendência ao gênero “mensagem motivacional”, que foram escolhidas por três sujeitos (ver Anexo H – OII-S10-T30; OII-S7-T31; OII-S8-T32).

Neste caso, a escolha de temas envolvendo “mensagem motivacional” pode ter ocorrido por uma ligação mais afetiva (HAYES, 2000, p. 16). Trata-se de sujeitos adolescentes que querem se expressar e escrever sobre aquilo que sentem e pensam - os amigos, a família etc. Assim, S7 e S8 escreveram sobre família e S10 escreveu sobre amizade. Para os que escolheram as propostas que induziam à escrita do gênero “mensagem motivacional”, foi reapresentada outra proposta para

⁵⁷ Indicamos exemplos do que vêm a ser “mensagens motivacionais” em formato ppt/pps: <<http://www.esoterikha.com/coaching-pnl/treinamento-lideranca-auto-estima.php>>. Almeida (2007) define o gênero “carta-corrente digital” e os seus propósitos comunicativos. A diferença entre “carta-corrente digital” e a “mensagem motivacional” é que a primeira exige do leitor que passe a mensagem adiante, prometendo graças ou desgraças.

escrever e realizada uma nova entrevista. S12, apesar de não escolher uma dessas propostas, preferiu outra que condizia com a história de um amigo próximo e sobre o qual já vinha pensando em escrever, o que pode reforçar a ideia de que a escolha do tema teria uma relação afetiva.

Exemplo 40: Trecho de entrevista

•OII-S10-T30

P: Isso... E como você pensou para fazer isso?

S10: Pensando... A gente aqui na escola faz vários amigos [...] o que eu pensei foi isso [...] A gente vai primeiro na internet [...] deixo no slide, coloca o texto escrito [...] ajuda com a imagem.

Exemplo 41: Trecho de entrevista

•OII-S7-T31

P: Quando você escolheu o tema família, o que você pensou? Por que foi primeiro nas imagens?

S7: Porque, assim, para mim existe muito aquele símbolo família. A família é uma base daquilo que a gente quer ser. É um espelho, porque primeiro eu fui nas imagens? Porque a imagem iria fluir alguma coisa na minha mente. É porque eu sou muito assim eu entendo o que eu vejo, eu sou muito de interpretar imagens. Então eu acho que se eu visse a foto primeiro faria uma coisa bem mais elaborada com bem mais amor.

Exemplo 42: Trecho de entrevista

•OII-S8-T32

P: Deixa eu perguntar uma coisa, quando você escolheu o tema, o que você pensou no começo é o mesmo que está aqui ou você mudou alguma coisa?

S8: No princípio eu pensei sobre meus amigos, os meus irmãos, aí depois veio a idéia de falar sobre os meus pais porque eles fazem muito por mim e [...] como eles fazem muito por mim aí eu não demonstro muito isso todos os dias. Aí eu resolvi fazer slides em homenagem.

Exemplo 43: Trecho de entrevista

•OII-S12-T33

•P: A partir da escolha do tema, como foi que você fez?

S12: Eu pensei, assim, no caso do meu amigo. Ele é tipo desse jeito. Ele é pobre, mas ele se dedica aos estudos muito. Eu fui pegando as imagens e fui fazendo o texto.

3.4.2 Composições sem áudio

A modalidade sonora, de fato, não foi usada, mesmo tendo sido apresentada uma lista de bancos de áudio e de os sujeitos terem sido informados sobre a possibilidade de enriquecer a composição com som. Nenhum dos sujeitos

utilizou este recurso, o que nos leva a considerar o total desconhecimento desta modalidade na composição multimodal.

Tal atitude reforça, ainda, a necessidade de se trabalhar com os alunos o papel do som, abrindo caminho para o desenvolvimento da multimodalidade com habilidades em outras mídias, além da modalidade escrita e da visual.

3.5 A colaboração na composição de ND

Analisando outro aspecto do modelo Hayes (2000) – a colaboração – observamos as equipes trabalhando em duplas. A elaboração desses textos foi sincrônica entre os dois sujeitos (S7/S12 e S8/S10) trabalhando ao mesmo tempo no mesmo texto.

A partir das instruções dadas, aconteceram produções conjuntas. Nas produções em duplas realizadas ainda na primeira oficina, identificamos percebemos alguns padrões de produção:

- (a) Participação dos dois sujeitos discutindo a preparação de cada etapa do texto;
- (b) Participação dos dois sujeitos, cada um fazendo partes determinadas do trabalho;
- (c) Um sujeito domina as ações de composição.

Na segunda oficina, as narrativas foram produzidas segundo o perfil (a) pela dupla S8 e S10 e segundo o perfil (b) pela dupla S7 e S12. Esta informação é incipiente se nós não detalharmos com o se deram, em detalhes, estas produções.

A dupla S8 e S10 discutia cada ação durante a composição, mesmo assim, percebemos que cada aluno se direcionava mais para o que considerava prioridade. Enquanto as observações de S8 geralmente se referiram ao texto escrito, S10 se direcionava à discussão da escolha das imagens e do layout do slide, imprimindo seu estilo no texto. A outra dupla (S7 e S12) dividiu as ações de forma

que cada um escrevia um slide e o outro dava continuidade, mas opinando um na produção do outro. A influência dos estilos entre os sujeitos ficou mais evidente na dupla S8 e S10, que possuem estilos mais diferentes. Foi notória a influência das preferências de S10 no texto elaborado pela dupla.

Exemplo 44 – Influência de estilos na produção de ND na dupla S8 e S10



A “interpretação do texto” aconteceu de forma conjunta, mas as ações, mesmo que já discutidas, revelaram a influência do que cada um dos sujeitos pensava em relação à escrita (mais com meio escrito ou mais com meio visual) e também a influência do estilo individual.

Considerações Finais

Tratamos agora dos comentários finais a respeito do estudo que realizamos entre março de 2011 e março de 2012, considerando os objetivos pretendidos, as teorias que usamos como fundamentos para a análise, a metodologia utilizada, os resultados alcançados para os questionamentos iniciais e, por fim, apresentamos algumas limitações encontradas no percurso.

Nosso objetivo geral foi analisar, a partir da visão da escrita como processo, as estratégias envolvidas na composição de narrativas digitais por alunos do 1º (primeiro) ano do ensino médio, no laboratório de informática da escola estadual profissional do município de Horizonte (Ceará). Ao lado do objetivo geral, tivemos cinco objetivos específicos: a) verificar que componentes são priorizados por redatores na composição de narrativas digitais; b) Verificar se os componentes redacionais de narrativas digitais apresentam semelhanças em relação às operações envolvidas na composição de textos convencionais em papel; c) analisar a sequência de processos redacionais manifestados na experiência, quanto à forma linear ou recursiva que a composição multimodal poderá apresentar para os redatores; d) analisar o comportamento dos redatores quanto aos esquemas de planejamento para produção de narrativa digital: se recorrem ao papel ou utilizam a tela; e) identificar gêneros prévios que influenciam na produção nas narrativas digitais.

O estudo teórico relevante para esta investigação baseou-se em quatro pilares: os processos de composição escrita, a narrativa, as narrativas digitais e a multimodalidade. Realizamos uma revisão de literatura sobre processos de composição e apresentamos o modelo de Hayes (2000) que consideramos na análise (CASSANY, 1990; HAYES, 2000; HAYES & FLOWER, 1981; KATO, 2000; SÁNCHEZ, 2002 SERAFINI, 2004; VIEIRA, 1994; VIEIRA, 2005). Revisamos algumas teorias sobre o tipo narrativo e sua estrutura (BARTHES, 1977; GANCHO, 2001; OSLOM; HOMAM, 1993; VIEIRA, 2001) e sobre as narrativas digitais (ALEXANDER & LEVINE, 2008; BESSON & MISKELLY, online; EDUCAUSE, online, GOSCIOLA, 2007; LAMBERT, 2002; PAUL, 2007). Não pudemos desprezar os

estudos sobre a multimodalidade em nossa pesquisa, revisamos, portanto, alguns conceitos básicos para a nossa análise (BARTHES, 1997; GOMES, 2010; KRESS E VAN LEEUWEN, 2001; MARTINEC & SALWAY, 2005; THE LONDON GROUP, 1996).

Nossos objetivos, questões de pesquisa e fundamentação teórica definiram a metodologia aplicada neste estudo. Iniciamos o estudo de caso, que também pode ser considerado como experiência de ensino. Preparamos e aplicamos duas oficinas, a primeira com catorze alunos e a segunda com os quatro alunos mais produtivos da primeira oficina. A construção de dados nos rendeu um material diversificado. Tínhamos os trinta e oito textos produzidos nas duas oficinas, as nossas observações e notas e o áudio de entrevistas. Os dados foram organizados de diferentes formas, o que rendeu diferentes pontos de vista para a análise.

Retomaremos as questões de pesquisa apresentadas no capítulo introdutório, apresentando os resultados mais relevantes para cada uma delas:

1) Componente redacional priorizado pelos redatores na composição de narrativas digitais - foi “interpretação de texto”, através da leitura crítica do texto. Hayes (2000, p. 26) concluiu que os outros componentes dependem desta “leitura”, para formar um ciclo de produção, por isso no novo modelo, dedicou muita atenção ao processo de interpretação de texto.

O destaque dado à “leitura” na experiência pode ter sido acentuada pelas características da ferramenta, que não permitia a visualização de todo o texto no momento da composição. Geralmente, para ler o que já havia sido composto, os sujeitos colocavam o texto em “tela cheia”, simulando a visualização do leitor. Nas entrevistas, os alunos revelaram, que além de ver na perspectiva do receptor, ainda ficava melhor a visualização de erros.

Verificamos que quando se referem aos “erros”, os alunos fazem referência, na maioria das vezes, a erro de grafia das palavras e segundo eles este cuidado com a ortografia vem da cobrança escolar destes aspectos.

As entrevistas só confirmaram o que já havíamos levantado na primeira oficina onde isto já se evidenciara: 61% de ações indicativas de revisão, sendo 50% delas em relação a erros de grafia.

O processo de “reflexão” nos surpreendeu por não corresponder as

hipóteses inicialmente cogitadas. Ao iniciar o estudo, considerávamos que o acesso à Internet serviria para que os alunos procurassem informações e/ou textos-fontes verbais para auxiliar na construção das ND. Na verdade, isto não aconteceu. Na primeira oficina, em três textos produzidos, os redatores recorreram a bancos de pesquisa de imagens, para auxiliar no planejamento da ND, antes de escrever qualquer coisa na tela. Na segunda oficina, três dos quatro sujeitos recorreram à mesma estratégia antes de iniciar a composição textual. Para nós, isso pode evidenciar que os alunos geram, organizam e selecionam as ideias para o texto baseados no que veem nas imagens. Um dos sujeitos (S10) explicita que essa estratégia é válida porque o texto pode ser adaptado ao que é visualizado, mas a imagem não.

No processo de “produção textual”, analisamos as estratégias de composição imagem-texto e sua prevalência ou ordem na composição, as estratégias de coesão textual na tela, a seleção de imagens e sua relação com o texto verbal. Duas estratégias de composição imagem-texto foram identificadas e comentadas pelos sujeitos: a composição do texto com presença ‘obrigatória’ de imagem com texto em todos os slides da composição e a inclusão de imagem apenas quando há alguma relação com o texto verbal. As estratégias de coesão textual são adaptadas à condição de escrita em slides, com destaque para recursos visuais de cor e plano de fundo. É importante ressaltar que a distribuição do texto nos slides se assemelha a distribuição do texto em parágrafos. Assim, as relações de coesão são sequenciais e, para tanto, os alunos reveem os slides já escritos várias vezes, usam imagens que “conversam” entre si e mantêm o mesmo layout, como Kress e Van Leeuwen apontaram ao estudar como a coordenação de cores (incluindo o layout) contribuem para a coesão textual. Também foram identificados três critérios para seleção de imagens para compor o texto: beleza, “ilustração” e resumo. O primeiro critério, de ordem estética, não exclui os outros, é um dos mais evidentes nas entrevistas analisadas. O de “ilustração” também fica evidente nas entrevistas quando os sujeitos falam em “encaixar” ou “combinar” a imagem com o texto escrito, criando uma relação descritiva entre eles. Já o critério “resumo”, diz respeito à seleção de imagens que reúnem e sintetizam toda a composição. Esses critérios de composição estabelecem uma relação desigual entre texto e imagem, onde a imagem se subordina à escrita.

2) Semelhanças, ou diferenças, identificadas entre as operações redacionais envolvidas na composição de narrativas digitais e na composição de textos convencionais em papel.

Encontramos semelhanças entre os modelos de Hayes e Flower (1980) e Hayes (2000) e as análises dos componentes redacionais dos sujeitos que participaram deste estudo. Destacamos aqui a questão da representação verbo-visual (STEIN, 1972 apud HAYES, 2000). Os estímulos visuais e verbais acontecem de forma diferente, portanto, ao compor um texto multimodal, temos que lidar com duas memórias, com lados diferentes do cérebro.

Além dos processos redacionais sobre os quais dissertamos neste trabalho e que retomamos nas considerações sobre a questão anterior, também encontramos, ou melhor, confirmamos a recursividade, o dinamismo entre os processos no momento da produção, que comentaremos na próxima questão.

3) O fato de as operações mentais apresentarem-se de forma recursiva ficou evidenciado nos momentos de produção observados nas duas oficinas e nas entrevistas realizadas na segunda oficina. Nossas análises confirmam que o processo de “leitura” traz esse dinamismo à produção multimodal e aos processos nela envolvidos. Relendo, pode-se planejar a produção do texto e a revisão do que já foi escrito. É como um tecido que se interliga, e cada fio é trançado de acordo com a necessidade do redator face às diferentes metas em jogo no texto. (Ressaltamos que quando falamos de releitura do texto, estamos pensando no texto verbo-visual.)

4) Os redatores não recorreram a esquemas em papel. Essa questão não deixou dúvidas e foi observada já na primeira oficina, quando entregamos aos alunos *storyboards* e explicamos sua utilização. Os *storyboards* foram descartados, assim como a lista de links de bancos de imagens e de som. Os alunos passavam direto para tela do computador, abriam a ferramenta de produção (Br.Office), o Google imagens e começavam a produzir direto nos slides. Pela unanimidade em não usar o instrumento para o planejamento, não o levamos para a segunda oficina, considerando que a reação observada logo na primeira oficina já respondera ao nosso questionamento.

5) Outros gêneros influenciaram a composição das narrativas multimodais: a “carta-corrente digital” e a “mensagem motivacional”. Os dois gêneros são divulgados em e-mails e redes sociais e também em sites de auto-

ajuda. Geralmente, esses textos possuem imagens com plano de fundo e fontes coloridas, tratando os temas de forma genérica e em tom motivacional.

Algumas limitações

Além dessas questões, gostaríamos de apresentar algumas limitações da investigação, que percebemos durante a análise dos dados, levando-nos a repensar atitudes e decisões tomadas durante o estudo.

1) Propostas de produção

As propostas aplicadas na primeira oficina estão muito ligadas à produção em papel, dificultando e limitando as primeiras produções, assim como o detalhamento do tema. Na segunda oficina, talvez tivéssemos facilitado a análise e percebido mais sobre os processos dos redatores, se os temas fossem os mesmos para todas as produções individuais e outro diferente para as produções em duplas. Apresentar duas propostas que induziam à produção de gênero diferente da narrativa, apesar de ter confirmado a influência dos gêneros prévios, dificultou o andamento da oficina. Além disso, não recomendamos induzir os alunos ao erro.

2) Entrevistas semi-estruturadas

Pretendíamos, no projeto de pesquisa, que os alunos fizessem autorrelatos sobre suas produções, mas isso exigiria um treinamento dos sujeitos e não tínhamos tempo no cronograma de aplicação para fazê-lo. Substituímos os autorrelatos por entrevistas semi-estruturadas, baseadas em observações e notas sobre o texto, que eram realizadas logo após as produções. As entrevistas atenderam às nossas perspectivas, mas ainda acreditamos que utilizar protocolos verbais poderia mostrar mais sobre os processos de composição.

A forma como conduzimos as entrevistas percebemos, agora, como outra limitação. Ao nos dirigir aos sujeitos nas entrevistas, tratávamos mais dos slides do que do texto como um todo. Isso aconteceu porque nos baseávamos em nossas observações que eram organizadas de acordo com a produção dos sujeitos, que acontecia slide por slide e assim também visualizávamos o texto durante a entrevista.

Assim, esperamos que este trabalho traga outro olhar sobre as

composições digitais partindo do conhecimento dos processos redacionais, abrindo caminho para outros estudos sobre a composição multimodal e auxiliando professores no ensino da escrita em português e em outras línguas. Ao explicitar as limitações percebidas, também pretendemos contribuir com investigações futuras, mostrando outras formas de conduzir pesquisas dessa natureza.

Por fim, não podemos esquecer que a aplicação pedagógica das oficinas e a integração com a realidade escolar nos rendeu muita experiência, principalmente por possibilitar um contato maior com os alunos que foram sujeitos desse estudo, criando uma relação afetiva que os motivou a participar das duas oficinas. Tudo isso nos revela a importância da interação madura com a escola, com os alunos e com a comunidade, para a realização de um bom trabalho, lingüístico e educativo.

Referências

ALEXANDER, B.; LEVINE, A. Storytelling: Emergence of a new genre. **Educause Review**, p. 40 – 56, 2008. < <http://net.educause.edu/ir/library/pdf/ERM0865.pdf>>
Data de acesso: 18/09/2010.

ALMEIDA, L. P. Carta-corrente por e-mail: evidências do meio digital no gênero. In: Araújo, Júlio Cesar; Dieb, Messias. (Org.). **Letramentos na web: gêneros, interação e ensino**. Fortaleza: Edições UFC, 2009, p. 13-282.

APPLEBEE, A.N. Looking at writing. **Educational leadership**, p. 458-462, 1981.

BARTHES, R. **Image-Music-Text**. Londres: Fontana, 1977.

BEESON, I.; MISKELLY, C. Digital Stories of Community: mobilization, coherence and continuity. **School of Information Systems, Faculty of Computing, Engineering & Mathematical Sciences**. University of the West of England, Bristol, UK. Disponível em: < <http://web.mit.edu/comm-forum/mit4/papers/beeson%20miskelly.pdf>>. Acesso em: 18/09/2010.

CAMPS, A. Miradas diversas a la enseñanza y el aprendizaje de la composición escrita. **Lectura y vida – Revista Latinoamericana de Lectura**. Año XXIV, nº 4, diciembre 2003. p. 14-23.

CASSANY, D. Enfoques didácticos para la enseñanza de la expresión escrita. **Comunicación, lenguaje y educación**. Madrid, nº 6, 1990. p. 63-80. Disponível em: <www.upf.edu/dtf/personal/danielcass/enfoques.htm>. Data de acesso: 06/10/2010.

COTTON, K. Teaching Composition: research on effective. **Topical Synthesis**, nº. 2. School Improvement Research Series II. 1988. Disponível em: < http://www.hawaii.edu/mauienglish/department/pages/Teaching_composition.pdf>
Data de acesso: 27/01/2011.

DÖRNYEI, Z. Research methods in applied linguistics: quantitative, qualitative, and mixed methodologies. Londres: Oxford, 2010.

DUKE, N.K.; MARTIN, N.M. 10 Things Every Literacy Educator Should Know About Research. **The Reading Teacher**, v. 65, p. 9-22, 2011.

FLEWITT, R. et. al. What are multimodal data and transcription? In: JEWITT, C. (Editor). **The Routledge Handbook of Multimodal Analysis**. Londres e Nova Iorque: Routledge, 2009.

FLOWER, L.; HAYES, J. R. A cognitive process theory of writing. **College Composition and Communication**, v. 32, nº 4, p. 365-387, 1981. Disponível em: <<http://www.jstor.org/pss/356600>>. Acesso em: 22/09/2011.

GANCHO, C.V. **Como analisar narrativas**. 7.ed. São Paulo: Ática, 2001.

GOCCIOLA, V. A linguagem audiovisual do hipertexto. In: FERRARI (org.). **Hipertexto, hipermídia: as novas ferramentas da comunicação digital**. São Paulo: Contexto, 2007. p. 107-119.

GOMES, L.F. **Hipertextos multimodais: leitura e escrita na era digital**. Jundiaí: Paco Editorial, 2010.

GRIFFITH, P.E. Graphic Novels in the Secondary Classroom and School Libraries. **Journal of Adolescent & Adult Literacy**, v. 54(3), p. 181–189, 2010.

HAYES, J.R. A new framework for understanding cognition and affect in writing. In: INDRISANO, R.; SQUIRE, J.R. **Perspectives on writing: research, theory, and practice**. Newark, USA: International Reading Association, 2000. p. 6-44.

JENKINS, H. et al. **Confronting the challenges of participatory culture: media education for the 21st Century**. Chicago, Illinois: The MacArthur Foundation, 2006. Disponível em: <http://digitalllearning.macfound.org/atf/cf/%7B7E45C7E0-A3E0-4B89-AC9C-E807E1B0AE4%7D/JENKINS_WHITE_PAPER.PDF>. Acesso em: 18/09/2010.

KATO, M.A. **No mundo da escrita: uma perspectiva psicolingüística**. São Paulo: Ática, 1986.

_____. **No mundo da escrita: uma perspectiva psicolingüística**. 7.ed. São Paulo: Ática, 2000.

KOCH, I.G.V. **Introdução à lingüística textual: trajetória e grandes temas**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

KRESS, G; LEEUWEN, T. V. **Multimodal Discourse: the modes and media of contemporary communication**. Londres: Arnold, 2001.

KRESS, G; LEEUWEN, T. V. **Reading Images**. Londres: Routledge, 1996.

KRESS, G; LEEUWEN, T.V. Colour as a semiotic mode: notes for a grammar of colour. **Visual Communication**, v. 1, nº 3, p. 343-368, 2002.

LAMBERT, J. **Digital Storytelling Cookbook**. Berkley, CA, USA: Digital Diner, 2010.

LEMKE, J. Multiplying meaning: visual and verbal semiotics in scientific text. In: MARTIN, J.R.; VEEL, R. (Eds). **Reading science**. Londres: Routledge, 1998.

MARTINEC, R.; SALWAY, A. A system for imagem-text relations in new (and old) media. **Visual Communication**, v. 4, p. 339-374, 2005.

MENEZES, V; SILVA, M.M.; GOMES, I.F. Sessenta anos de Linguística aplicada: de onde viemos e para onde vamos. **Linguística Aplicada – um caminho com diferentes acessos**. PEREIRA; R.C.; ROCA, P. (Orgs.). São Paulo: Editora Contexto, 2008, p. 25-50.

MOLITOR-LÜBBERT, S. A escrita como um processo mental e lingüístico. In: WIESER, H. P.; KOCH, I.G.V (Org.). **Linguística textual**: perspectivas alemãs. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009. 121-162.

OLSON, M.V.; HOMAN, S.P. **Teacher to teacher** – strategies for the elementary classroom. Newark, USA: International Reading Association, 1993.

PARDAL, E.C.C.R. **A competência da escrita em manuais do 10º ano de Português**. 2009. 160f. Dissertação de Mestrado em Ciências da Educação (Área de Especialização de Psicologia da Educação). Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação – Universidade de Coimbra, Coimbra, 2009.

PAUL, N. Elementos das narrativas digitais. In: FERRARI (org.). **Hipertexto, hipermídia**: as novas ferramentas da comunicação digital. São Paulo : Contexto, 2007. p. 121-139.

PERRONI, M.C. **Desenvolvimento do discurso narrativo**. São Paulo : Martins Fontes, 1992.

ROBIN, B.R. **The Educational Uses of Digital Storytelling**. University of Houston. < <http://digitalliteracyintheclassroom.pbworks.com/f/Educ-Uses-DS.pdf>> Data de acesso: 18/09/2010.

SÁNCHEZ, J.G.; MARBÁN, J.M. **Instrucción estratégica en la composición escrita**. Provença, España : Editorial Ariel, 2002.

SERAFINI, M.T. **Como escrever textos**. MATOS, M.A.B.(trad.) – 12.ed. – São Paulo : Globo, 2004.

SERRANO, G.P. **Investigación cualitativa**. Retos e interrogantes (I). 3 ed. Madrid: La Muralla, 2000.

Seven things you should know about Digital Storytelling. **Educause/ELI**. Disponível em: < <http://www.educause.edu/ir/library/pdf/ELI7021.pdf> >. Data de acesso: 23/09/2010.

SILVESTER, R.; GREENIDGE, W. Digital Storytelling: extending the potential for struggling writers. **The Reading Teacher** – International Reading Association, vol. 63, nº 4, p. 284-295, 2010.

THE NEW LONDON GROUP. A pedagogy of multiliteracies: designing social futures. **Harvard Educational Review**, v. 66, nº1, p. 60-92, 1996. Disponível em: < http://wwwstatic.kern.org/filer/blogWrite44ManilaWebsite/paul/articles/A_Pedagogy_of_Multiliteracies_Designing_Social_Futures.htm>. Acesso em: 13/07/2011.

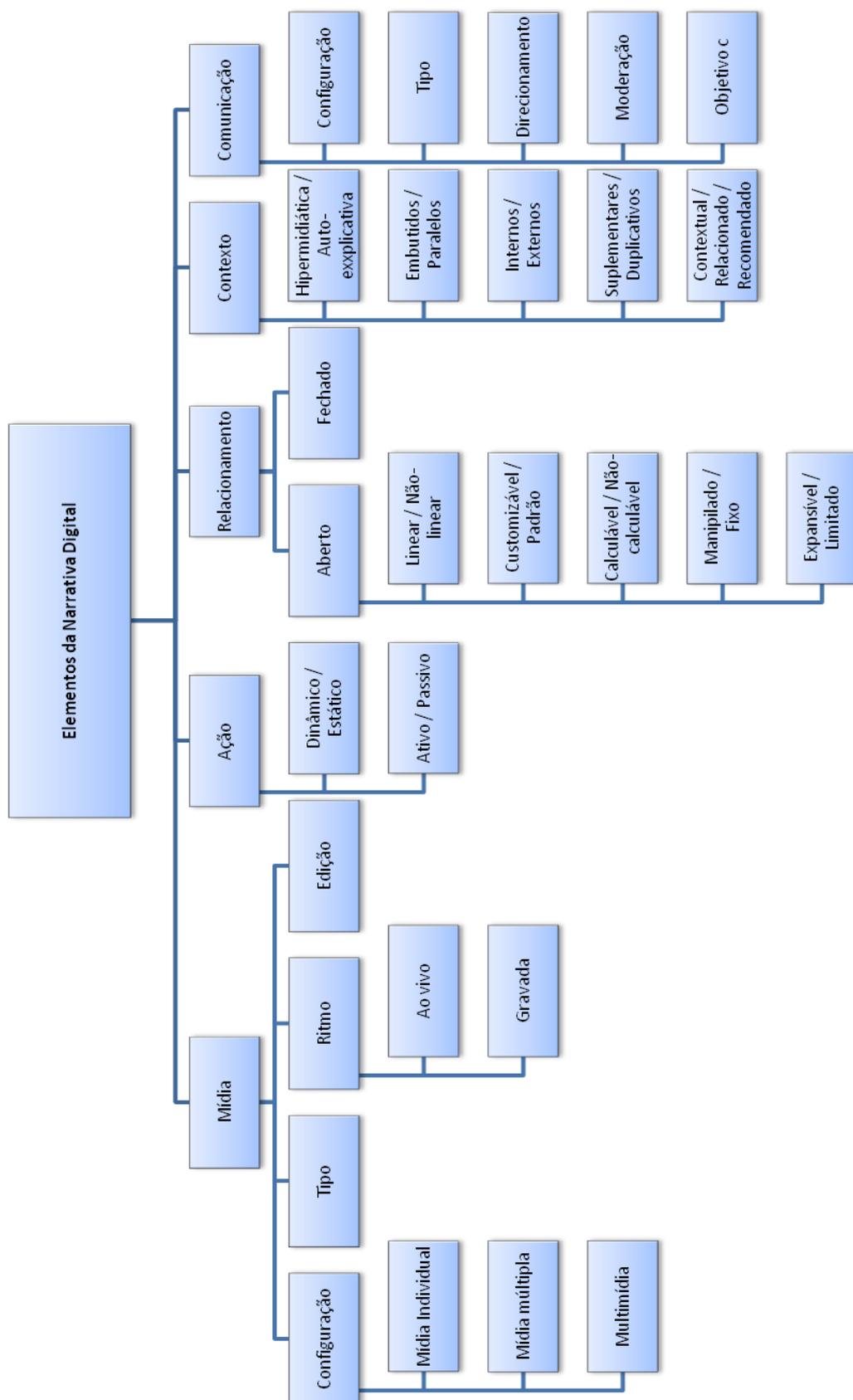
VIEIRA, A. G. Do Conceito de Estrutura Narrativa à sua Crítica. **Psicologia Reflexão e Crítica**, Porto Alegre, v. 14, n. 3, 2001 . Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102797220010003000151ng=en&nrm=iso>. Acesso em 20 Dec. 2010.

VIEIRA, I.L. **Aquisição da pontuação**: usos e saberes de crianças na escrita de narrativas. 1994. 330f. Tese de Doutorado em Linguística Aplicada ao Ensino de Línguas (LAEL) – PUC - São Paulo, São Paulo, 1994.

_____. **Escrita, para que te quero?** Fortaleza: Edições Demócrito Rocha; UECE, 2005.

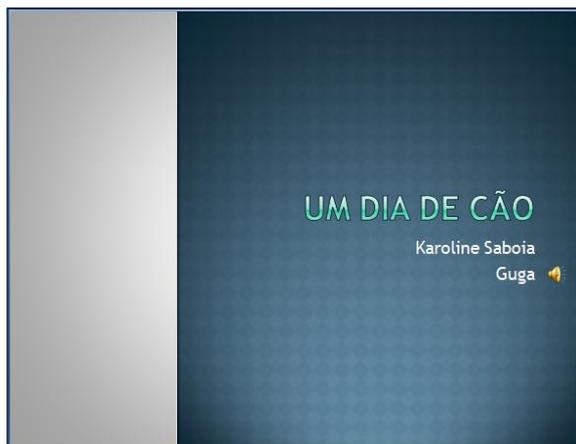
YOUNGS, S.; SERAFINI, F. Comprehension Strategies for Reading Historical Fiction Picturebooks. **The Reading Teacher**, v.65, p. 115-124, 2011.

Anexo A – Esquema da taxonomia de PAUL(2007) para os elementos das narrativas digitais.

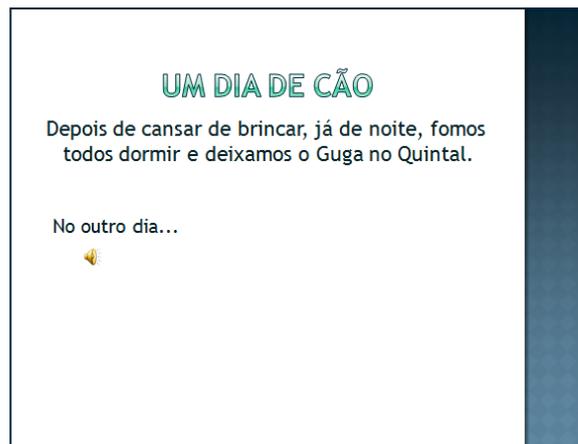


Anexo B – Resolução da atividade proposta no trabalho final da disciplina “Avaliação e Produção de Material Didático”, ministrada pela Profa. Dra. Lúta Lerche Vieira – PosLA-UECE – Experiência de criação de uma Digital Storytelling.

Slide 1



Slide 4



Slide 2



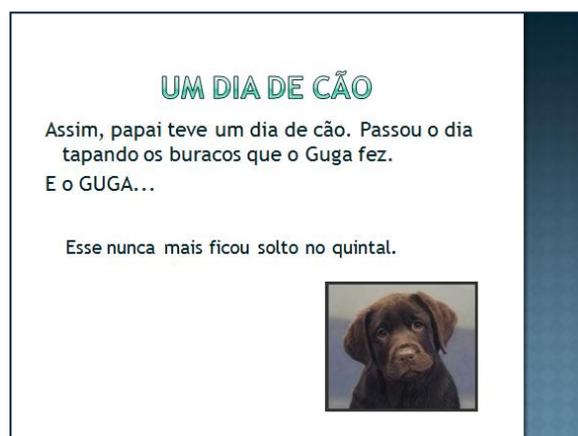
Slide 5



Slide 3



Slide 6



Anexo C – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, exigido pelo Comitê de Ética da UECE, entre aos participantes da oficina.

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

O (A) Sr.(a.) está sendo convidado (a) a participar da pesquisa “Composição de narrativas digitais: um estudo sobre processos e componentes de redatores” que tem como objetivo analisar, a partir da visão da escrita como processo, as operações envolvidas na composição de narrativas digitais.

Serão utilizados para a coleta de dados os seguintes instrumentos: questionário (para coleta de dados dos sujeitos), protocolo verbal dos sujeitos (gravados e redigidos) e observação anotada do pesquisador.

Dessa forma, pedimos a sua colaboração nesta pesquisa, fornecendo os dados sobre o tema acima proposto que serão gravados se o (a) Sr.(a.) concordar. Garantimos que a pesquisa não trará nenhuma forma de prejuízo, dano ou transtorno para aqueles que participarem. Todas as informações obtidas neste estudo serão mantidas em sigilo e sua identidade não será revelada. Vale ressaltar, que sua participação é voluntária e o (a) Sr.(a.) poderá a qualquer momento deixar de participar deste, sem qualquer prejuízo ou dano. Comprometemo-nos a utilizar os dados coletados somente para a pesquisa e os resultados poderão ser veiculados através de artigos científicos e revistas especializadas e/ou encontros científicos e congressos, sempre resguardando sua identificação.

Todos os participantes poderão receber quaisquer esclarecimentos acerca da pesquisa e, ressaltando novamente, terão liberdade para não participarem quando assim não acharem mais conveniente. Contatos com a mestrandia Ana Karoline Saboia de Albuquerque (telefones: (85)8720-6667/(85)9988-7332)/(85)3276-2064; e-mail: karolinesaboia@gmail.com).

O Comitê de Ética em Pesquisa da UECE encontra-se disponível para esclarecimentos pelo telefone: (85) 3101-9890 – Endereço: Av. Paranjana, 1700 – Campus do Itaperi- Fortaleza – Ceará.

Este termo está elaborado em duas vias, sendo uma para o sujeito participante da pesquisa e outro para o arquivo do pesquisador.

Fortaleza, ____ de _____ de _____.

Assinatura do(a) participante

Assinatura do(a) Pesquisador(a)

Anexo D – Questionário simplificado aplicado no momento da inscrição dos sujeitos nas oficinas.



Universidade Estadual do Ceará

Programa de Pós-Graduação em Lingüística Aplicada

Pesquisador (a): Karoline Saboia



O presente questionário tem por objetivo colher dados pessoais para confirmar os requisitos para participação na pesquisa que será realizada durante a oficina de produção de narrativas digitais. Ressaltamos que os dados fornecidos neste questionário são sigilosos e em nenhuma hipótese serão divulgados. Agradecemos a disponibilidade em responder o questionário e, desde já, a participação na pesquisa.

Nome: _____

Escola: _____

Endereço: _____

Telefones: _____

e-mail: _____

Idade: _____

Sexo: () Masculino () Feminino

1. Deseja participar da pesquisa sobre os componentes redacionais na composição de narrativas digitais?

() Sim

() Não

2. Possui disponibilidade duas vezes na semana no horário contrário ao das aulas regulares?

() Sim

() Não

3. Frequenta o laboratório de informática da escola?
- () Sim
- () Não
4. Utiliza frequentemente computadores com acesso a Internet na escola, em casa ou em outros ambientes?
- () Sim
- () Não
5. Faz pesquisa de textos, imagens e músicas na Internet?
- () Sim
- () Não
6. Já utilizou o programa *Br.Office Impress* ou qualquer outro programa do aplicativo *Br.Office*?
- () Sim
- () Não
7. Costuma escrever textos ou compor vídeos para publicar na Internet?
- () Sim
- () Não

Anexo E – Programação de atividade da primeira oficina.

Oficina de criação de narrativas digitais

Profa. Karoline Saboia

Proposta:

- sensibilização da ferramenta de criação e apresentação de slides do pacote Br. Office;
- apresentação de narrativas digitais multimodais;
- criação de narrativas multimodais.

Objetivos:

Possibilitar a experiência de criação de narrativas digitais multimodais, ampliando o conhecimento acerca da estrutura da narrativa e do estudo da imagem como elemento de composição semântica dos textos.

Roteiro da oficina

1º DIA

1. Apresentação dos participantes e da professora;
2. Exemplificação e apresentação de narrativas digitais;
3. Iniciar a demonstração da ferramenta de criação de slides para reconhecimento dos recursos.

2º DIA

1. Exibição de narrativas digitais multimodais;
2. Autoria da narrativa;
3. Percepção da estrutura de uma narrativa no meio digital;
4. Prática livre (storyboard).

3º DIA

1. Apresentação e discussão das ND feitas.
2. Delimitação do tema e gênero da ND a ser composta;
3. Prática dirigida: criação de uma narrativa digital multimodal.

4º DIA

- 1 – Criação de uma narrativa digital multimodal sobre uma personalidade (atividade em dupla livre)

5º. DIA

- 1 - Apresentação e discussão das ND feitas;
- 2 – Apreciação sobre as atividades realizadas (por escrito);
- 3 – Distribuição dos encontros para a coleta de dados posterior à oficina (06-10/06 e 13-17/06).

Anexo F – Propostas e temas da primeira oficina para os dias de produção.

PROPOSTAS PARA OFICINA DE CRIAÇÃO DE ND

2º dia

Tema: livre

3º dia

Tema: Invenções (Individual)

PROPOSTA (S) :

- 1) Imagine sua vida sem a invenção que escolheu e narre como seu dia modificado;
- 2) Imagine-se como o inventor de uma das maravilhas do mundo moderno. Narre como você construiu a invenção, como descobriu os efeitos, quando inventou, onde inventou e com que finalidade;
- 3) Pense em uma descoberta ou um invento (ainda não existe). Conte a situação de descoberta (de criação e como ela pode modificar a vida das pessoas).

4º dia

Tema: Biografia de personalidade (Em dupla)

Proposta:

Pensem juntos em uma personalidade (cantor, ator, celebridade, inventor, escritor, cientista etc.) e narre sua história. A biografia pode ser real ou fictícia.

- Obs: O primeiro e o quinto de oficina não foram programados para produção de narrativas digitais.

Anexo G – Propostas e temas da segunda oficina.

PROPOSTAS PARA A SEGUNDA OFICINA DE CRIAÇÃO DE ND

1 – Você ganhou uma passagem para visitar qualquer lugar do mundo. Que país gostaria de visitar? Narra a visita ao país que escolheu. Conte os detalhes.

2 – Se você ganhasse uma grane quantia de dinheiro, o que faria? Narra como você recebeu este prêmio e o que fez com ele. Seja criativo!

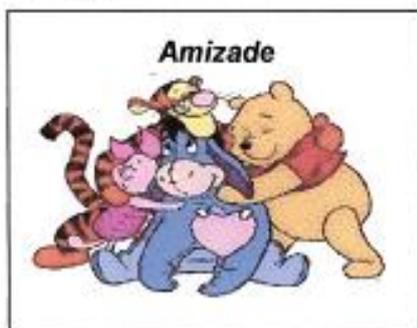
3 – O homem tem a possibilidade de mudar, de conquistar e de superar. Narre a história de uma pessoa que teve de superar seus limites. Pode ser uma história real ou uma ficção.

4 – “A amizade é uma alma com dois corpos”. Esta frase de Aristóteles tenta conceituar a união e o envolvimento em uma relação de amizade. Narre uma situação em que o vínculo de amizade foi importante para superar ou enfrentar alguma situação. Pode ser sua história com seus amigos, como também pode ser uma ficção.

5 – A família é parte importante da história de cada um de nós. Conte-nos acerca de uma história, na qual a união familiar tenha sido importante para as ações do(a) protagonista. Você pode contar uma história real (sua, inclusive) ou fictícia.

Anexo H – Narrativas produzidas pelos participantes na primeira e na segunda oficina.

OI-S1-T1



1



2



3

OI-S1-T2



1



2



3



4



5



6



OI-S1-T3

Celular: uma invenção importante na minha vida.



Um dia, estava conversando com minha amiga, sobre a invenção do celular. Sabe, eu amo o meu celular, não vivo sem ele.

1

Começamos a recordar dos velhos tempos. Comentei do meu primeiro celular, que ganhei quando eu tinha apenas 10 anos de idade. Ele era a coisinha mais fofo, em preto, com detalhes da Be-bé.



2

Bruna, minha amiga que eu contava todos os meus segredos, também comentava que amava seu celular. Eu já tinha ganhado quatro celulares.



3

Foi com 15 anos que ganhei o celular que marcou uma fase importante em minha vida, foi por ele que conheci meu noivo.



4

Começamos a marcar os primeiros encontros, eu passava todos meus momentos livres falando com ele pelo celular ou mandando mensagens.



5

Já estava no fim da tarde, terminamos de conversar e ficamos pensando, como viveriam sem o celular? Seria sem graça, talvez eu não teria conhecido meu noivo, pior, não suportaria passar horas, dias sem se comunicar com ele, já que moramos distantes.



6

OI-S2-T4

O celular

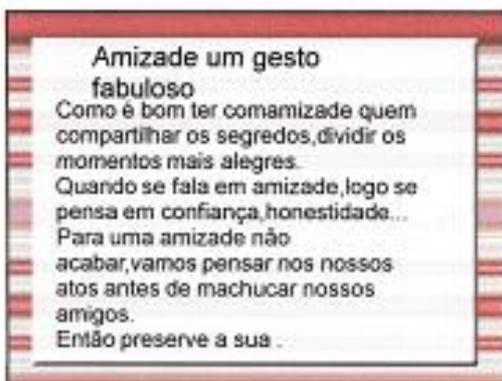
O inventor do celular não sou eu, mas uma pessoa que fez isso com objetivo de mudar o mundo. Muitas pessoas não podem ficar sem um ele faz parte da vida do empresário, do financeiro, comerciante, professor, enfim todo mundo.

Imagine o mundo de hoje sem o celular? Seria muito difícil, pois não como haveria comunicação entre pais e filhos, chefe e empregado, professor e aluno. Bem que eu queria ter sido o inventor desse pequeno objeto mas que é tão valioso para milhões de pessoas.

Mas sabe quem sou? A inventora da internet, uma das coisas mais importantes do mundo que bom ser privilegiada com uma das minhas criações. Sabe como eu inventei:

Em um belo dia, estava conversando com os meus pais, sobre o que fazer para mudar o mundo, eles me disseram que uma invenção que fosse desejada por todos, seria a melhor opção, então fui para meu quarto e fiz a melhor coisa do mundo. Hoje me lembro daquele dia.

OI-S2-T5



OI-S3-T6

115



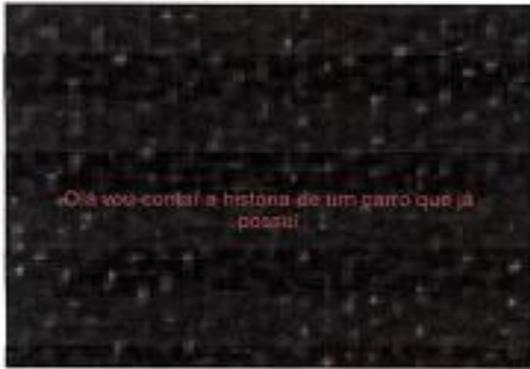
1



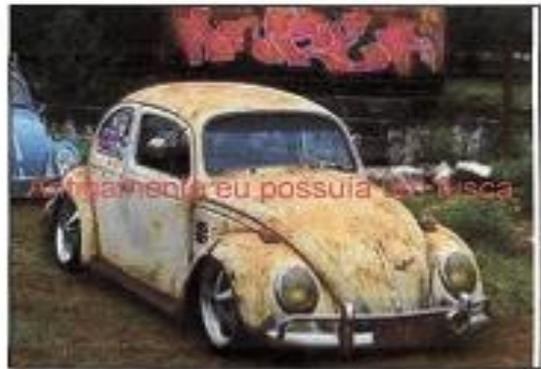
2

OI-S4-T7

115



1



2



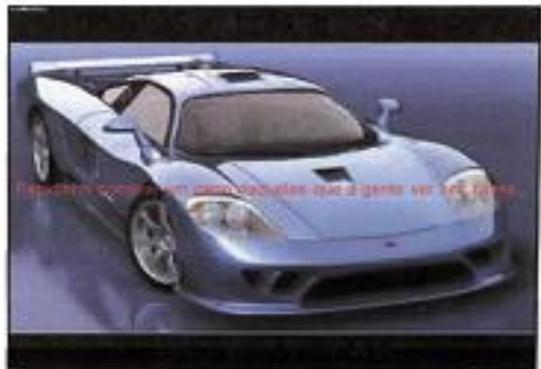
3



4



5



6



7



8



9

OI-S4-T8

118



1



2



3



4



5



6

OI-S5-T9

Transtorno bipolar

- O transtorno em si passou a ser estudado somente sob a visão da psicologia já não é mais tratado como um problema social, embora a sociedade ainda sofra com esse problema.



1

Como é feito o diagnóstico?

- O diagnóstico pode ser feito por qualquer pessoa, e é percebido quando ocorre uma mudança muito rápida no humor expresso por uma pessoa, pela manhã por exemplo a pessoa pode aparentar estar alegre, no início da tarde seu humor muda, e a mesma parece estar muito triste, essa aparente tristeza ocorre sem nenhum motivo aparente.

2

O problema na sociedade atual:

- Se passássemos um pontinho na sociedade contemporânea seria possível fazer um diagnóstico completo de nossos milhões de habitantes. No entanto a falta de informação sobre o transtorno bipolar do humor, a falta de interesse na busca por saúde mental dentro dos parâmetros impostos pela psicologia, agravam a incidência desse bipolaridade do humor.



3

A ajuda da família:

- A família, principalmente os pais devem desempenhar um papel de extrema importância tanto no diagnóstico, quanto na ajuda do tratamento de seus filhos, muitas vezes através de uma simples conversa já se é possível obter grandes resultados.



4

Tratamento:

- Dependendo o diagnóstico, deve-se iniciar o tratamento, com muita calma e com a ajuda da psicologia e dos drogas, mas também com a ajuda dos familiares independentemente em todo o processo, além de garantir o acompanhamento de estar constantemente visitando o psicólogo tomar remédios prescritos, assim que isso não impede a participação no trabalho.



5

História real :

- Já passei por isso, não cheguei a procurar ajuda psicológica, pois meus amigos me ajudaram e muito nesse processo, tenho muito a agradecer a todos eles, pois sem sua ajuda não teria me curado.



6

OI-S5-T10



1



2



3



4



5



6



7

OI-S6-T11



1



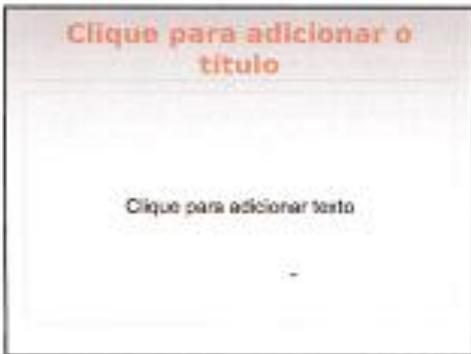
2



3



4



5



6



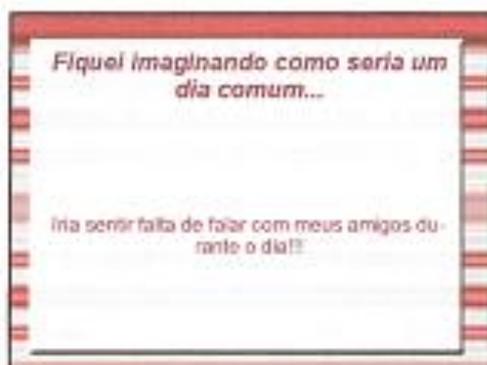
OI-S6-T12



1



2



3



4



5



6



7

OI-S8-T14

Amigos

- Existem brigas, porém, a força do amor é maior



1

Amizade



2

Não importa a raça ou a cor

- Um gesto de carinho e amor
- Respeitando a diferença de cada um



3

- Há momentos na vida que nos sentimos só, necessitando de alguém para desabafar
- É a onde os amigos entram em ação para nos ajudar



4

- Amigos tornam momentos tristes em momentos alegres



5

- Hoje tenho amigos que me dão valor
- Tenho amigos que tem defeitos mais acima de tudo eles tem qualidades



6

• Amigos, amigos, amigos a
melhor coisa que existe!

7

0

OI-S8-T15

Um dia sem internet

Imaginem um dia sem internet.
Imaginarão?
Pois é, é horrível



1

- O dia para mim seria uma eternidade sem internet
- Digamos que ele seria chato



2

- Já parou para pensar um dia sem okut,man, twitter?
- Tá admito que sou viciado na internet,mas, fazer o que se a sociedade nos obriga cada dia mais.
- A cada dia o mundo se moderniza mais, todo de apenas uma novidade no mundo digital, todo dia precisa nos ficar atualizados



3

- A cada dia nos tornamos mais dependentes dela tanto para trabalhos da escola, pesquisas, bat e-papo, fazer downloads



4

- Por isso, não se viciem na internet como eu
- Estou tentando me desligar dela, não ligar pra ela



5

**Querem um conselho?
Viva a sua vida, e use a internet o mínimo possível**

6

OI-S9-T16

O que fazer na prova?

Nossa, como a semana passou rápido. Já é quarta-feira, dia de prova e eu não sei o que fazer.



1

É tanto conteúdo, tanta coisa pra fazer, que eu já estou ficando desesperado.



2

Clique para adicionar o título

Durante toda a semana eu brinquei, passei e me diverti muito com os meus amigos.



3

Clique para adicionar o título

Em todo esse tempo nem estudei, afinal, pensei que já sabia de tudo mesmo. Mas agora eu vejo que eu não sei praticamente nada.

Clique duas vezes para adicionar figura



4

Clique para adicionar o título

Agora vejo que essa prova vai ser um fracasso. Mas o que é tem, uma notazinha baixa no boletim não vai fazer diferença.

Clique duas vezes para adicionar figura



5

Clique para adicionar o título

Alguns anos depois...

Clique duas vezes para adicionar figura



6

Clique para adicionar o título

Aqui estou eu de novo, agora já terminei meus estudos e estou em busca de um trabalho, mas...

Clique duas vezes para adicionar figura



7

Clique para adicionar o título

Agora eu vejo que aquela nota baixa fez muita diferença sim.

Clique duas vezes para adicionar figura



8

Clique para adicionar o título

Além de eu não ter aprendido nada, hoje eu estou desempregado.

Clique duas vezes para adicionar figura



9

Clique para adicionar o título

Infelizmente não dar mais para voltar no tempo...

Clique duas vezes para adicionar figura



10

Clique para adicionar o título

E agora só me resta lamentar.

Clique duas vezes para adicionar figura



11

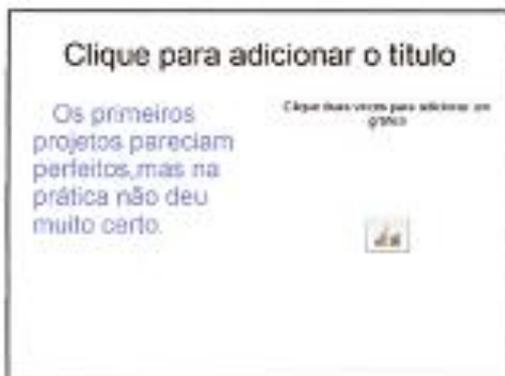
OI-S9-T17



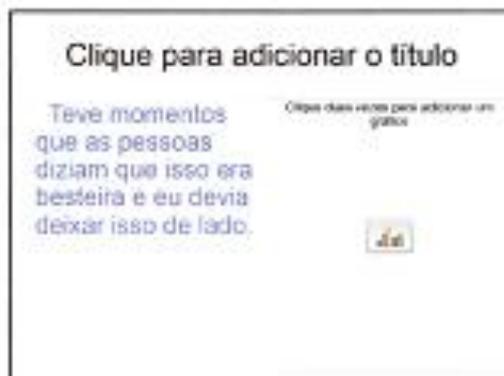
1



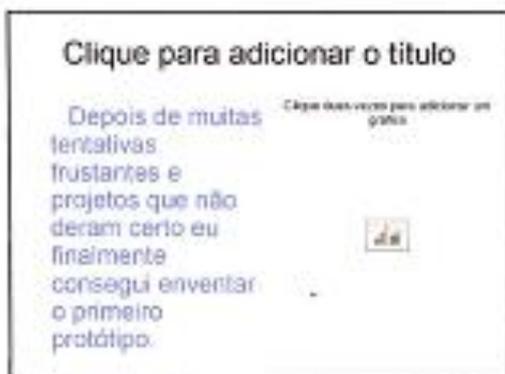
2



3



4



5



6

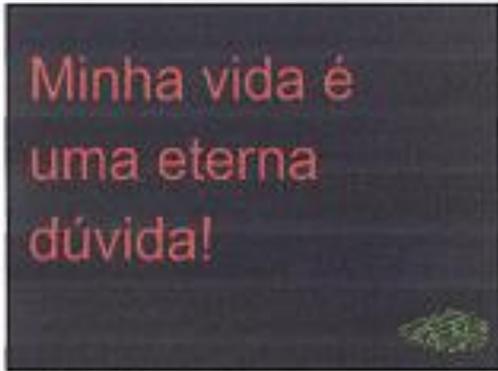
Clique para adicionar o título

Até que eu pensei, já que essa invenção tem duas rodas pode começar com "BI", e como ela tem pedais que rodam em ciclos pensei no nome "CICLETA". E assim ficou BICKLETA.

Clique duas vezes para adicionar um gráfico



OI-S11-T18



1



Que aterrorizam meus

2



Dúvidas no amor

3



Na escola

4



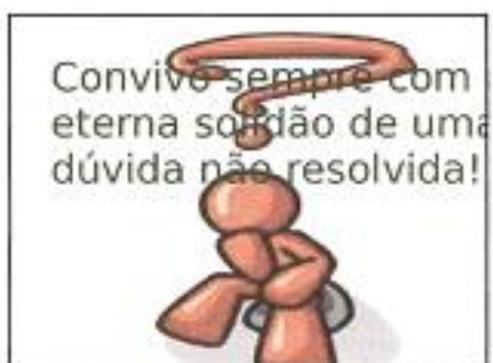
Em casa

5



Apenas dúvidas rodam em minha cabeça.

6



OI-S11-T19



1



2



3



4



5

OI-S12-T20

137



1



2



3



4



5



6



7



8

OI-S12-T21

139



1



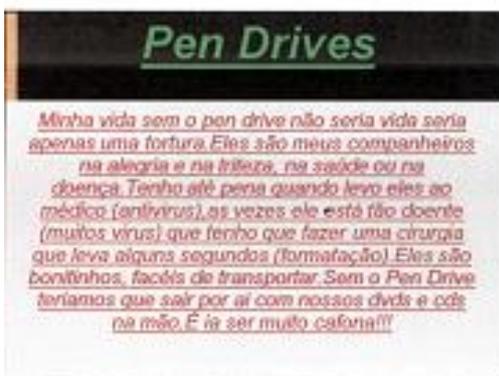
2



3



4



5



6

Algumas Informações Complementares

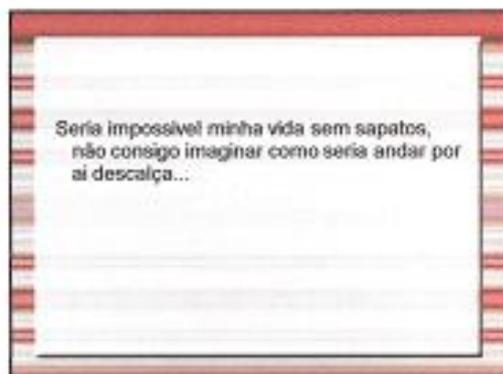
Capacidade De Armazenamento

Disquetes: De 160 Kb à 5,76 Mb
Cds: 740 Mb
Dvds: 4,7 Gb
Pen Drives: De 1 Até 256 Gb

OI-S13-T22



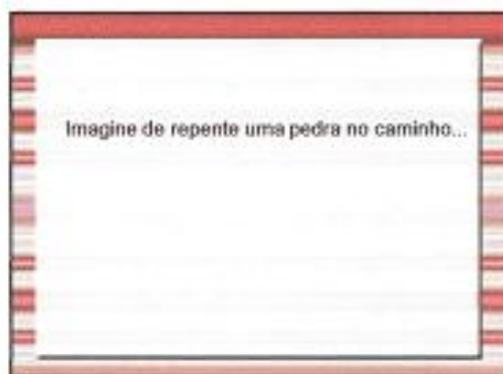
1



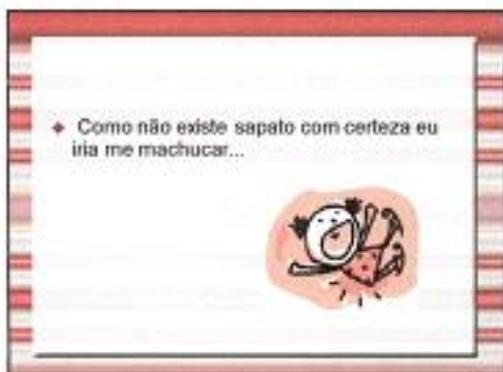
2



3



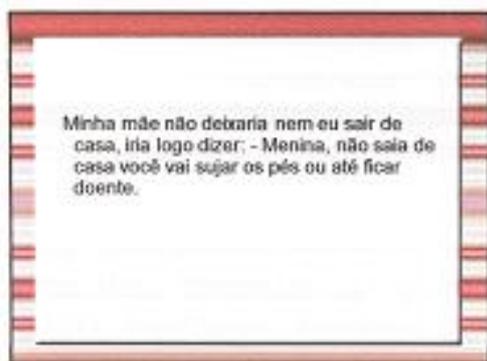
4



5



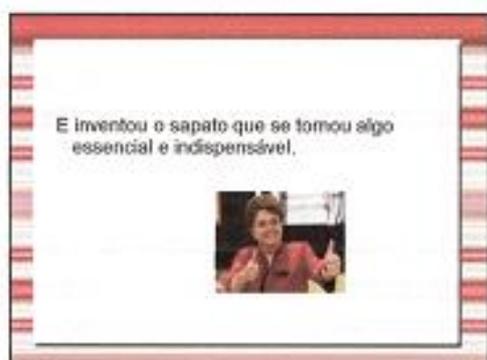
6



7



8



9

OI-S14-T23

143



1



2



3



4



5



6



7



8



9



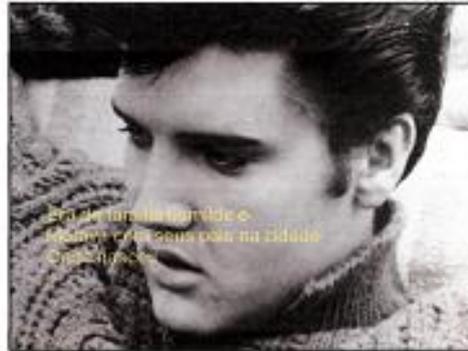
10

OI-S3/14-T24

140



1



2



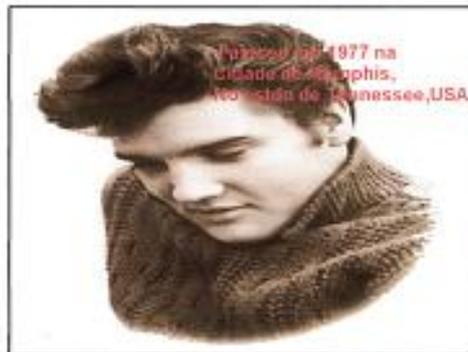
3



4

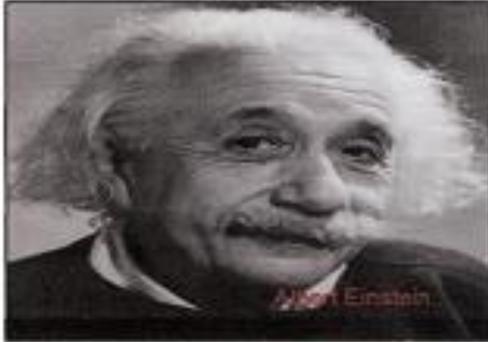


5



6

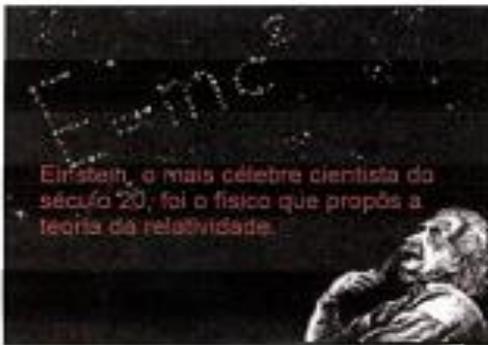
OI-S6/10-T25



1

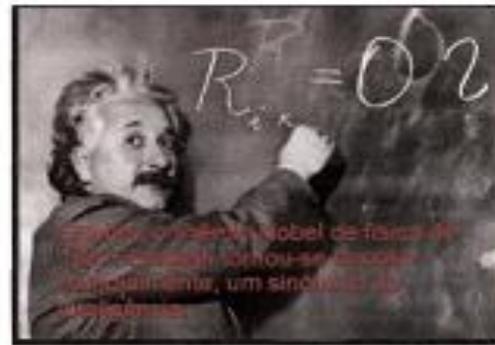


2



Einstein, o mais célebre cientista do século 20, foi o físico que propôs a teoria da relatividade.

3



Em 1921, recebeu o Nobel de Física por ter descoberto o efeito fotoelétrico, um fenômeno da física quântica.

4



Mais do que um cientista, Einstein amava a vida e seus princípios. Descobriu a relatividade para ajudar a Humanidade e usou o seu nome para ajudar.

5



6



7



8

OI-S1/9-T26

A vida de Luan Santana



A história de Luan Santana é emocionante, ele nasceu numa favela do Rio de Janeiro, em uma família pobre, com muitos sonhos a ser realizados.

1

Um dia ele sonhou em ser um cantor famoso. Aos 13 anos de idade, ele já sabia tocar vários instrumentos musicais.



2

Quando ele já tocava em bares e festas de aniversários. Depois de um ano, em um desses bares, seus colegas gravaram um vídeo dele cantando e tocando. Todos seus amigos e familiares começaram a assistir no youtube.



3

Dois tempos depois, o vídeo chegou a mais de milhões de acessos no youtube. Luan se tornou famoso entre os seus amigos.



4

Foi nessa fase que se apaixonou por uma garota que apoiou todo seu sucesso. E hoje ele já gravou 2 DVDs e 4 CDs. Com isso ele é um dos cantores mais famosos do Brasil.



5

OI-S4/8-T27

149

Paramore

Paramore é uma banda de rock norte americana

Que é composta por halley williams (vocal e teclado), Jeremy Davis (baixo) e Taylor York (guitarra)

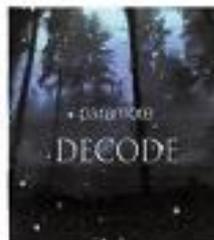
A banda foi formada em 2004



1

paramore

- Paramore vem de "paramour" que significa amante secreto.
- A banda fez sucesso realmente com a musica tema do filme crepúsculo "decode"



2

- Até agora são três álbuns:
- All we know is failinem em 2005 com o single pressure



3

- Riot em 2007 com o single misery business



4

- E brand new yes em 2009 com o single ignorance



5

- Suas músicas que fazem mais sucessos são:
- Pressure, emergency, all we know, misery business, crushcrushcrush, that's you get, ignorance e muitas outras



6



7



8

- Morreu em 09 de julho de 1980, mas nem em seu últimos momentos, deixou de ser poeta e uma de suas últimas frases ao seu filho foi...

- "Não, meu filho. Eu não estou com medo da morte. Estou é com saudades de vida".

7

Amor de amigo

Deixo depois de tanto amor passado
 Tempo entristecido, sem julgar
 De que sempre dentro e fora amigo
 Como sempre, sempre em liberdade

É isso mesmo, não quero ser mais
 Com filhos que pediram a vida antiga
 Sempre consigo um pouco diferente
 E não sei mais onde sempre

Amor não é igual a mim, sempre o mesmo
 Sabendo eu, não é o mesmo
 E eu não sei como me sinto agora

Contar, não sei que mais de nada
 Quando eu não sei mais nada
 E quando eu não sei mais nada



8

OII-S10-T30

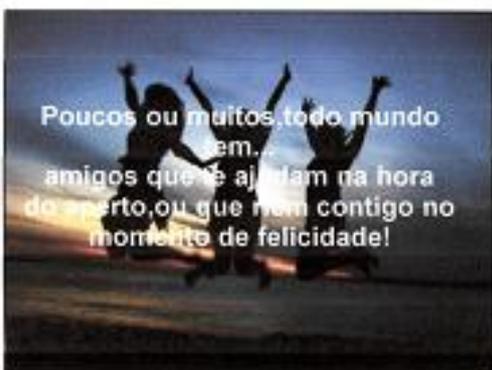
134



1



2



134

3



4



5

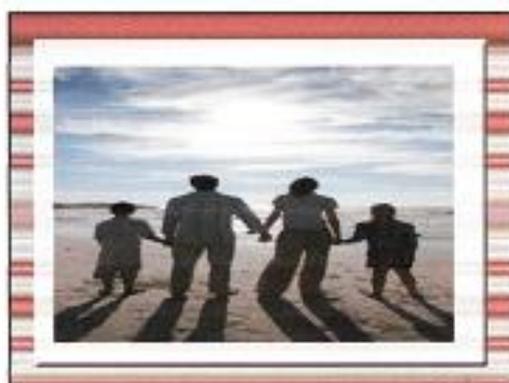
OII-S7-T31

155

Família

Temos necessidade de amar, de compartilhar bons momentos e ter pessoas especiais ao nosso redor. Tudo isso se resume em uma só palavra: família. É ela quem nos apoia, nos motiva e nos inspira quando precisamos.

1



2

- ◆ Quando falamos aprendemos sobre respeito, sobre sentimentos e sobre confiança. Essa confiança é a base de tudo e é na nossa casa com nossos pais, irmãos, primos que aprendemos a lidar com esse bem tão precioso.
- ◆ Temos alegria em nossos idas e voltas e ensinamos a compartilhar e quando conseguimos alcançar nossos metas como família isto preserva, porém quando não conseguimos nossa família também está lá para nos confortar.

3

Família

- ◆ Lealdade
- ◆ Amor
- ◆ Compromisso
- ◆ Respeito
- ◆ Confiança
- ◆ Felicidade

◆ É por isso que sempre vamos estar em nossas famílias até o fim.

4

Nossa Família

"Família é tudo aquilo que se tem quando, achamos, que não se tem mais nada. É também a única razão pela qual lutamos mesmo quando achamos que não temos mais forças"

5



6

OII-S8-T32

156

Às vezes pensamos que vamos encontrar uma pessoa perfeita, porém, a perfeição não existe mais sim qualidades. Qualidades como companheirismo, honestidade, humildade e acima de tudo a amizade.

1

- Para mim a amizade mais bonita de todas é a de pais e filhos onde podemos confiar inteiramente sem desconfiar.



2

- Às vezes nos momentos difíceis que passamos na vida nos sentimos só.
- E nesses momentos os nossos pais estão do nosso lado para nos apoiar, mesmo se estivermos errados eles estão do nosso lado para nos apoiar.



3

- São eles a minha inspiração.
- Meus pais são as pessoas onde encontrei mais qualidades.
- Qualidades essas que me fazem querer ser uma pessoa melhor.
- Não estar nesse mundo para ser só mais um.

4



5

OII-S12-T33

História de superação

Um homem muito pobre queria vencer na vida, mas ele não tinha nada apenas o estudo.



1

Um dia com sua inteligência, ele chamou atenção de uma pessoa muito famosa que tinha uma empresa de informática, essa pessoa apesar da aparência do homem não teve preconceitos e o levou para sua empresa.



2



Ele era muitas vezes chamado de louco por seus familiares e amigos, pois não saía de casa ficava só estudando e não saía para nenhum lugar ficava só em casa.

3



No começo ficou com cargos pequenos mas depois foi subindo cada vez mais e mais. Até que ele ficou em um dos mais altos cargos da empresa.

4



Apesar de ser chamado muitas vezes de louco ele nunca desistiu.

5

Aqueles que antes riam daquele homem agora sentiam inveja de onde ele chegou.

Moral: É melhor ser chamado de louco e se dedicar para melhorar sua vida, do que apenas julgar e não fazer nada.

6

OII-S7-T34

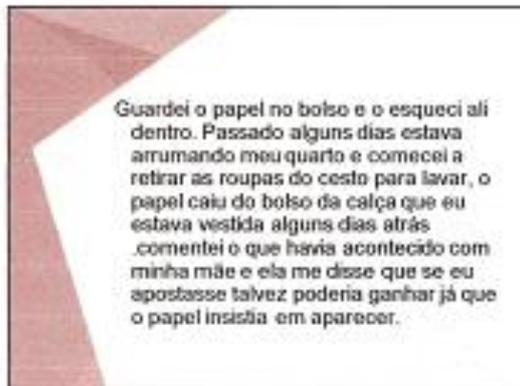
158



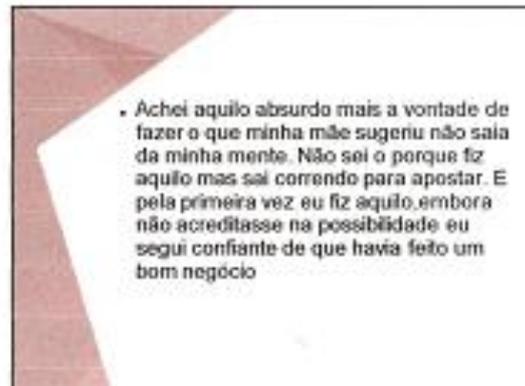
1



2



3



4



5



6

OII-S8-T35

Era um dia muito bonito
Me lembro como se
fosse hoje.



1

Resolvi apostar na
loteria, apostar na
sorte pelo menos
uma vez



2

E de repente, da noite
para o dia, minha vida
mudou
completamente, fiquei
rico, foi uma
surpresa.



3

Primeiramente vou
ajudar minha família e
os necessitados,
depois vou comprar
tudo que quero

4

Primeiramente vou
fazer uma longa
viagem pelo Estados
Unidos da América
Fazer novas
amizades, conhecer
pessoas diferentes.



5

Hoje levo uma vida
tranquila, sem
estresse, tenho tudo
que quero na hora
que quero.



6

OII-S10-T36



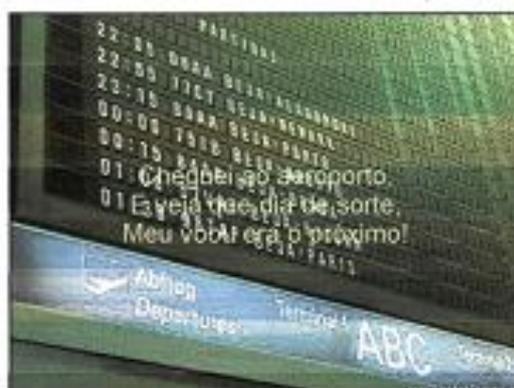
1



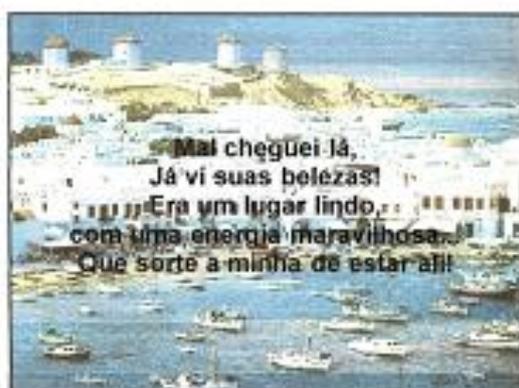
2



3



4



5



6



OII-S8/10-T37

ADG



1



2



3



4



5

OII-S7/12-T38

Uma viagem incrível

"No final do ano passado viajei para conhecer os Estados Unidos, foi a viagem mais emocionante da minha vida"

1



2

Fui até lá para estudar, mas acabei me encantando e ficando no país.

HARVARD
SCHOOL OF
DENTAL MEDICINE



3

- Descobri que além de muito bonito o país tem uma educação excelente e pontos turísticos maravilhosos. Cada passo que dava na rua descobria coisas curiosas e fantásticas.



4

- E a comida, deliciosa, mas não muito diferente da que comia em minha cidade natal as mesmas coisas: refrigerante, batata frita entre outros...



5

- É foi fantástico mesmo. Espero voltar lá mais vezes. Um país riquíssimo cheio de novidades e belezas foi um prazer imenso conhecer um lugar tão famoso e cheio de maravilhas.
- Foi muito emocionante.

6



7

Anexo I – Apreciações dos sujeitos sobre a primeira oficina e a experiência de composição de ND.

SUJEITO 1

Adorei participar da oficina, desenvolvi minhas habilidades que pensei que não tinha. Foi uma nova experiência, que pesa que durou pouco tempo. Quando eu ia fazer os slides, a primeira coisa que pensei foi nas imagens, conforme eu ia vendo as imagens já ia imaginando nas histórias. As narrativas digitais que eu fiz, coloquei imagens que deram coesão à história. Gostei de tudo na oficina, conheci a professora Karol que super legal. Serviu também para conhecer melhor alunos de outras turmas, além disso vimos disretores do SPAECE. O que eu tenho a dizer que amei, amei.

SUJEITO 3

Ter participado da oficina de ND, foi uma grande experiência, porque eu não era de utilizar o computador para escrever redações, histórias em geral, e com a oficina aprendi a desenvolver a minha criatividade e a utilizar o programa do computador.

Na construção dos slides, tive um pouco de dificuldade, mas um colega me ajudou. Fiquei bastante indecisa em relação ao que iria escrever, mas enfim encontrei. Foi bastante divertido, me expressei.

Adorei essa experiência e foi maravilhoso.

SUJEITO 4

Gostei da oficina de criação, pois ajudou-me a ganhar experiência par criar textos.

Na 1ª criação procurei ideias nas imagens, quando vi a imagem logo pensei no que fazer.

Já na segunda procurei primeiramente uma coisa na qual eu uso com muita frequência, ou seja, internet.

Na terceira, sinceramente, não conhecia o grupo escolhido por meu parceiro de dupla, então deixei ele ficar a vontade para fazer mas dei ideias para inserir imagens.

SUJEITO 5

Em um primeiro momento só me interessei pela oficina porque com isso ganharia experiência em produção de textos, no entanto comecei a me interessar e no fim acabava me divertindo com minhas produções.

Enquanto produzia minhas narrativas, simultaneamente buscava fotos que de encaixassem com tudo o que escrevia, e a medida que ia escrevendo, as idéias brotavam na minha mente.

A experiência que ganhei foi gigantesca, poucas vezes me diverti enquanto construía narrativas, foi realmente grande mina evolução, tanto nas idéias como na composição estrutural de um texto.

SUJEITO 6

Adorei participar da oficina, pois nesta semana aprendi várias coisas sobre narrativas, foi uma semana bem proveitosa para mim, acredito que neste pouco tempo que passamos juntos tive (fiz) muitas descobertas, para compor meus slides primeiro escrevia o teto e depois procurava uma imagem que encaixava-se em meu texto, no primeiro dia falei um pouco sobre a minha família, no segundo dia narrei como seria minha vida sem celular , e na última vez eu e minha amiga Lanay narramos a história de Albert Einstein, nesta semana também trabalhamos alguns descritores do SPAECE. Todos os dias nossas narrativas se tornavam melhores, evoluímos com certeza como os dias, espero que tenhamos contribuído o trabalho desempenhado pela professora Karol.

Amei, Amei participar!!!

SUJEITO 7

A oficina de narrativas digitais foi muito importante para o meu conhecimento e crescimento pessoal.

Comecei com coisas que eu tinha curiosidade de conhecer mais, de me aprofundar no assunto. Falei sobre o Cristo Redentor, uma das sete maravilhas do mundo que nós brasileiros temos o privilégio de possuir. E sobre um dos maiores autores e compositores da literatura brasileira: Vinícius de Moraes.

A escolha dos temas, fontes e tamanho do texto foram escolhidos com muita dedicação, afinal, o assunto era maravilhoso e pedia empenho.

Gostei muito de participar e tomei conhecimento de muitas coisas. Foi maravilhoso.

Espero que este momento não tenha servido só como lazer, mais como fonte de ajuda e aprendizado. Foi muito gratificante.

SUJEITO 8

A experiência de participar deste projeto foi muito boa, no início não sabia como era, como fazer digamos que fiquei assustado mais vi que é bem legal e interessante, de repente as idéias foram surgindo a cada slide, os termos foram surgindo na minha mente porque sempre vinha mis de um, no slide, escrevia meu pensamento e procurava uma imagem que se encaixasse com o pensamento.

SUJEITO 9

No primeiro dia da oficina de narrativas digitais eu fiquei um pouco assustado, pois eu não sabia bem o que eu iria fazer. Mas no decorrer dos dias comecei a gostar da oficina.

Normalmente nos meus textos eu escolhi primeiro o que eu ia escrever e depois as imagens. O primeiro texto não saiu muito bom em relação a história do teto e eu não consegui colocar todas as imagens. O segundo saiu melhor em relação a parte textual, apesar de eu não ter conseguido colocar todas as imagens. O terceiro saiu bem melhor, pois foi feito em dupla, apesar de que eu queria escrever sobre o Restart.

Eu gostei muito da experiência e aprendi ainda mais como fazer textos digitados.

SUJEITO 10

Minha experiência na oficina, foi maravilhosa, sabemos que quando a aula é dinâmica aprendemos mais.

Achei que seria proveitoso, mais não sabia que ia ser tanto assim, pois no momento que você vai fazer uma narrativa, seja ela no papel ou digital, nos preocupamos com a escrita da palavra,, então procuramos informações e aprendemos.

O procedimento que eu usei pra fazer os slides, foi primeiro procurar as imagens, escolher, colar, para então fazer minha narativa.

SUJEITO 11

No curso de narrativas digitais, eu vi e aprendi como fazer uma narrativa, todo uma base de como estruturar uma redação, tendo o tempo, o espaço, os personagens e o enredo, e por consequência aprendi como fazer slade, para me ajudar nos trabalhos escolares.

As narrativas que fiz, foram surgindo na minha mente e eu fui estruturando, para colocá-las em prática, e ao mesmo tempo que a história vinha na minha mente, eu procurava a imagem que melhor se encaixava no trecho da narrativa, me preocupando com a cor da letra que ficaria sobre a imagem, para ficar com uma boa visualização.

SUJEITO 12

A experiência das narrativas digitais foi bastante proveitosa, pois ganhamos experiência tanto nas narrativas quando no desenvolvimento no programa Br Office. Eu me inspirei na hora de fazer as narrativas no cotidiano, no fictício e na atualidade; exemplos: Naruto, pendrive e Restart. Eu

fazia os slides pensando em um tema bem moderno ai eu escolhia um tópico exemplo: história, e escolhia uma imagem que tinha bem haver.

SUJEITO 13

Foi uma experiência muito boa durante toda essa semana do projeto, aprendi algumas coisas que ainda não sabia, como que poderia produzir uma narrativa por meio de slides e deixá-los mais divertidos.

É algo bem diferente, por estou acostumada a fazer apenas narrações escritas e agora posso fazer num programa de computador deixa a produção mais divertida. O primeiro que fiz para produzir o slide foi pensar em um tema diferente, depois escrevia um pouco e escolhia uma imagem que combinasse.

Foi muito legal, adorei conhecer outra professora de português e participar desse projeto.

SUJEITO 14

Eu achei bem legal essa experiência que tivemos essa semana sobre as narrativas digitais. Estava meio receioso antes de começar, pois não sabia do que se tratava e também porque não tenho muita criatividade para fazer. Mas foi totalmente diferente do que eu pensava, foi interessante o modo como foram produzidas as NDs com personagens, artistas, bandas coisas que nós jovens gostamos. Tivemos que respeitar os pontos básicos da narrativa: enredo, personagem, tempo, espaço e narrador.

As minhas NDs fiz elaborando primeiro o texto e em seguida escolhendo a imagem que mais se identificaria com a frase feita. Na de dupla foi mais fácil pois duas cabeças pensam melhor que uma.

Acho que depois dessa semana fiquei com mais vontade ainda de produzir textos.

Anexo J – Levantamento das observações da pesquisadora acerca das operações predominantes na produção de ND na primeira oficina.

REFLEXÃO

Auxiliado pela imagem	3
Auxiliado por plano escrito em papel	0
Auxiliado pela escrita do texto diretamente na tela	26

PRODUÇÃO DE TEXTO

Texto escrito nos slides e posterior inclusão de imagens	14
Texto e imagem compondo simultaneamente slide por slide	14
Escolha de imagens para posterior inclusão do texto escrito	1

SIMULTANEIDADE DA CRIAÇÃO DOS SLIDES

Texto + imagem	10
Imagem + texto	4

REVISÃO

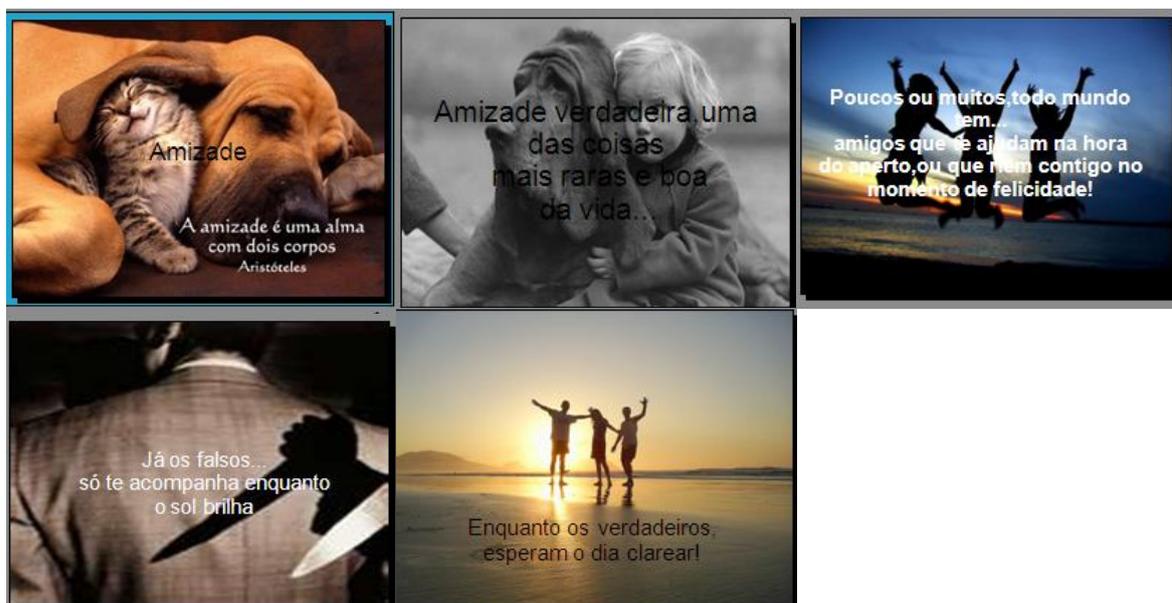
Antes de compor o próximo slide	5
Depois de compor todos os slides	4
Retorna a diferentes slides durante a composição	8
Não há ação indicando revisão	12

O QUE FOI REVISADO?

Texto superficial	12
Mudança de Imagem	5
Mudança de layout	4
Alterações profundas no texto	3

Anexo K – Transcrição das entrevistas realizadas com os sujeitos após a composição das NDs na segunda oficina.

OII-S10-T30



P: Eu só quero saber como você fez?[...] Eu notei que você abriu o primeiro slide e foi logo para internet?

S10: Humrrum [...]

P: E você foi atrás de que?

S10: Imagem.

P: Isso... E como você pensou para fazer isso?

S10: Pensando... A gente aqui na escola faz vários amigos [...] o que eu pensei foi isso [...] A gente vai primeiro na internet [...] deixo no slide, coloca o texto escrito [...] ajuda com a imagem.

P: Então [...] Você foi primeiro atrás da imagem porque você acha que a imagem pode dizer, pode dar um mote para você escrever?

S10: Sem dúvida! Dá uma noção, dá uma [...] direção.

P: Certo... Escolheu a imagem do cachorro, demorou um pouquinho para colocar a imagem, acontece, problema técnico [...] coloca a imagem e eu percebi que você preenche o slide todo, tem um motivo? Por que é?

S10: Eu acho que fica mais bonito, melhora, fica mais visível. Eu acho que sim, porque quando você coloca no centro a imagem, fica aquele espaço nas bordas e eu acho que fica melhor assim. Dá um efeito melhor...

P: Qual é esse efeito?

S10: É [...] depende de como você está vendo, porque, assim [...], na tela do computador, enfim, dá mais uma realidade mais ampla, uma coisa assim maior.

P: Quando você abre o slide na tela toda, você acha melhor ver a imagem cobrindo toda a tela?

S10: Eu sempre procuro, às vezes não encontro, quando as imagens são pequenas, quando estica fica embaçada, eu procuro papel de parede que já é no formato grande.

P: Você coloca a imagem e o texto centralizado, no primeiro slide você colocou o título e nos outros slides o texto também...

S10: Eu acho que é o costume, eu sempre faço assim, às vezes, quando a imagem, eu quero aquela cor de letra, aquela fonte e não dá para destacar no slide eu coloco no ladinho, ou para cima, o lugar que está destacando mais a letra.

P: Você terminou o 1º slide. Foi para o segundo, e diferente do primeiro, você não colocou a imagem, colocou logo a frase. Por quê? O que estava planejando [...] na sua cabeça?

S10: Porque é assim, no outro eu pensei em fazer amizade, quando eu dei uma busca na internet eu já (vi ela) e achei muito fofa, depois agente mudou e fez de Albert Einstein, fiquei com aquela imagem na minha cabeça, achei muito linda, qualquer outra oportunidade de colocar no slide, eu vou colocar ela, fui logo direto para o cachorrinho e o gatinho.

P: E essa frase surgiu de onde? Como foi?

S10: Assim, quando eu penso, eu escrevo. Eu sempre faço isso quando eu rabisco minha produção, eu escrevo tudo que vem, depois eu aproveito elas e monto. Guardei aí porque sou muito esquecida [...] eu guardo.

P: Você coloca bem destacado o texto [...] Por que disso?

S10: Porque, assim, um grande texto deveria deixar médio, mas como é uma frase muito pequena, gosto bem de destaque.

P: Você faz frases mais curtas [...]

S10: Curta, isso!

P: Tem um motivo?

S10: Eu acho que às vezes falar demais fica muito [...] sai de foco do que você tem que falar, repete muita coisa. Quando eu vou trabalho de escola, seminário, alguém tem que falar muito, eu prefiro falar pouco e falar resumidamente tudo que eu quero.

P: O slide três você faz do mesmo jeito [...] O slide quatro [...] adaptou, mexeu na letra, mexeu na cor. É uma preocupação sua? Por quê?

S10: Eu sempre, desde quando aprendi a fazer slide, eu sempre, eu sou muito detalhista. Eu acho que a perfeição está nos detalhes. Então, sempre a cor, tudo perfeito, juntando estiver ruim, então o trabalho vai ficar ruim. Então, eu acho que, esse slide não esteja bom, mas está organizado, letrinha bonitinha, tudo assim... uniforme, acho que fica mais legal.

P: Quando você foi fazer o slide 4, você foi procurar a imagem do 2 [...]

S10: É verdade...

P: Por que isso?

S10: Porque assim, diferentemente de [...] amizade rara [...] é uma coisa assim, sentimento abstrato, é uma coisa assim, de dentro pra fora, então eu achei que a imagem eu não encontraria com facilidade, eu fui primeiro procurar a imagem para poder adaptar o texto a ela. Eu vou variar muito, primeiro o texto depois a imagem, imagem depois o texto, para justamente fazer uma relação para não ficar nada a ver com o outro.

P: [...] No slide 5 você procedeu da mesma forma [...] colocou o texto, procurou a imagem e adaptou o texto à imagem. Por que você fez isso?

S10: Eu vi [...] porque na internet você não acha o que quer exatamente, têm inúmeras, às vezes aparece imagem que não era para estar nesse bloco, então, internet é assim, então [...] eu fui fazendo para ver se eu achava neste bloco de amizade, porque [...] uma das que eu mais gostei foi a [...] eu já tinha utilizado antes, fiquei com medo de não ter outra que eu gostasse então eu fui e fiz primeiro para tentar depois um pôr-do-sol, clarear, alguma coisa a ver e eu achei, coloquei os amigos andando na praia.

P: Quando você termina, foi olhar a apresentação em “tela cheia” [...] por quê?

S10: Dá um diferencial e você, na “tela cheia”, você vê erros que você não percebe [...] Eu fiz um slide de Educação Física, seminário que a gente vai apresentar daqui a pouco, e na hora, quando apresentei o slide, vi erros que não tinha percebido antes, estava pequena, a letra andou mais, ficou fora do quadrinho [...] e também é como as outras pessoas vão ver. Então tem que ver não só a sua visão, a visão dos outros também.

P: Então você está pensando também na pessoa que vai ler o que você está escrevendo?

S10: Também.

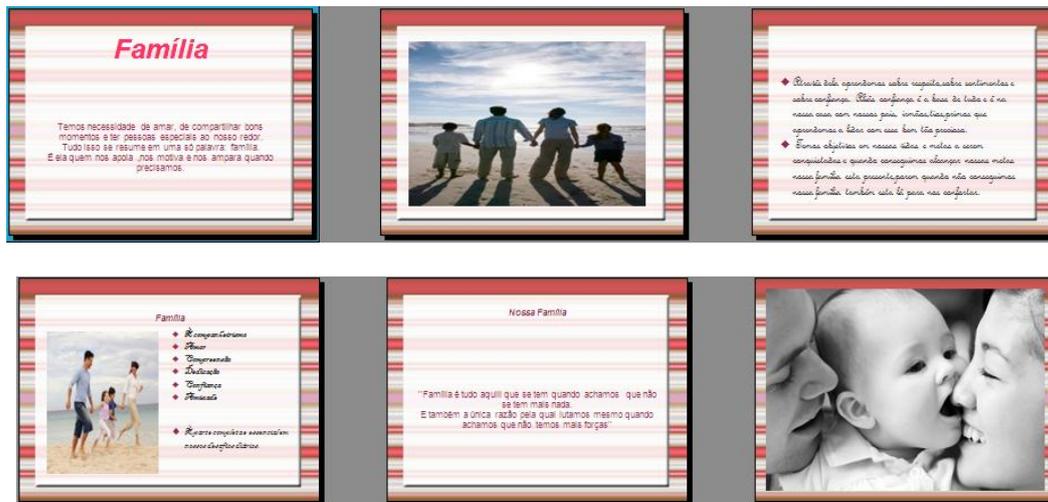
P: Por quê?

S10: Porque você nunca faz nada só para você. Você quer que alguma pessoa vá ver, vai ouvir então [...] slide é uma coisa que eu gosto de fazer, legal.

P: A dificuldade com o programa atrapalha na hora de fazer?

S10: Não, assim, só mais o costume, porque acostuada com o outro em casa, quando é outro, mas assim, vai se adaptando, então deu certo.

OII-S7-T31



P: Quando você escolheu o tema família, o que você pensou? Por que foi primeiro nas imagens?

S7: Porque, assim, para mim existe muito aquele símbolo família. A família é uma base daquilo que a gente quer ser. É um espelho, porque primeiro eu fui nas imagens? Porque a imagem iria fluir alguma coisa na minha mente. É porque eu sou muito assim eu entendo o que eu vejo, eu sou muito de interpretar imagens. Então eu acho que se eu visse a foto primeiro faria uma coisa bem mais elaborada com bem mais amor.

P: Você tirou do Ask para procurar no Google. Tem algum motivo?

S7: Tem! É porque eu prefiro as imagens do Google. Eu acho ele muito, sei lá [...] como eu posso dizer, ele não vai tão direto ao ponto, ele é mais rápido.

P: Você escolheu um layout, como plano de fundo? Por que você escolheu logo, antes de escrever?

S7: Porque é uma coisa mais singela, mais meiga, lembra amor, família, tem toda uma ligação.

P: Quando você escreveu a primeira vez “família”, você foi lá e consertou, corrigiu.

S7: Eu sou muito cobrada na acentuação pelos professores. E um slide com erro ortográfico não dá, né.

P: E preocupação com tamanho e estilo de letra? Você mudou as letras, a cor, o tamanho. Tem algum motivo específico para isso?

S7: Geralmente eu gosto das letras cursivas, acho mais bonito, mais elegante. Também é uma forma de chamar mais a atenção para o que eu estou escrevendo. Tem muito a ver.

P: O primeiro slide foi só texto escrito. Você tem alguma preferência com imagem, sem imagem?

S7: Primeiro o conceito de família, porque não adianta nada eu colocar só imagens e quem vai ler, ver, o meu slide, não entender o que eu quero passar para ele. Então eu coloco primeiro o que eu estou sentindo, primeiro o que eu acho que deve ser colocado para depois colocar as imagens e comentar.

P: Como é que você pensa antes de escrever, como é que você elabora isso que você vai escrever? O momento antes de digitar aqui, como é a elaboração?

S7: Eu poderia dizer que é inspiração...

P: Certo [...] No segundo slide, você colocou só a imagem. Tem algum motivo? Por que foi?

S7: É só para a pessoa que vai ver entender o que eu tinha falado primeiro só com palavras.

P: O primeiro só texto, no segundo só imagem [...] mas você estava tentando causar o que no leitor?

S7: É assim tanto ansiedade pelo que viria quanto emoção.

P: No terceiro slide, você mudou novamente a letra, se preocupou também com a localização desse texto. Por que mudar o espaço em que o texto está?

S7: É porque no 3º slide eu dei mais a minha definição sobre família. Então o que acontece? A família é o centro de tudo, o que eu queria era mostrar que a família está no centro, que a família é o centro das nossas escolhas.

P: Então você fez isso com uma intenção, foi proposital [...] Aqui você coloca e apago um slide vazio. Por que foi?

S7: Não sei. Não vou saber te explicar. Foi mais questão de “ah! Se eu escrever, não fica legal, deleta tudo” e começa de novo.

P: No 4º slide, você primeiro repetiu a palavra família, colocou a imagem e o texto na lateral da imagem. Alguma idéia de por que você fez isso?

S7: Na verdade, eu quis completar o que tinha dito primeiramente. Botei a imagem e logo depois eu escrevi o que eu acho em relação à família, o que é família, o que acontece nela, porque nós sabemos que nem toda família é um mar de rosas. Então é mais para focalizar essa questão do amor ao próximo de união (criançinhas com as mãos dadas).

P: Quer dizer que essas imagens de crianças segurando a mão dois pais teve uma motivação?

S7: Sim! Mostrar o companheirismo e a união da família.

P: No slide 5, você coloca “nossa família”, não é mais “família” [...], teve de novo a preocupação com a correção ortográfica? Conta como foi que você fez o slide 5?

S7: Assim [...] tudo aqui foi sentimental mesmo, foi um lado bem específico, minha família, o apoio, tudo aquilo.

P: Então a mudança de família para nossa família foi específico?

S7: Foi específico! Foi para mostrar que sempre que eu falar da minha família, como para as pessoas sentirem como é família que eu realmente sei o que é uma família e que a nossa família significa para nós.

P: No 6º slide, você coloca uma imagem de um pai, uma mãe e uma criança a imagem está centralizada tomando quase todo o slide, por quê?

S7: É porque nós temos uma base que é família tradicional (papai, mamãe e filho) e pode perceber que na imagem que é uma família feliz, para mostrar às pessoas que a família, além de estar viva, tem de estar feliz com o que ela está fazendo, com o modo que ela convive.

OII-S8-T32

1

2

3

4

5

P: Antes de começar o 1º slide, vi que você ficou olhando para a tela imóvel [...] pensando em que?

S8: Pensando nas pessoas que eu gosto, já que eu vou falar sobre elas e no que eu vou escrever

P: Você estava pensativo, olhou as imagens no Google

S8: Eu tenho que encaixar uma imagem com o que eu escrevi

P: E esse pano de fundo branco, você gosta dele assim?

S8: Eu gosto.

P: Fundo branco com letras pretas [...] eu reparei que você sempre usa. Quando você começa a escrever, para um tempo, dá a impressão de que você lê o que escreveu para continuar escrevendo. Como é esse processo? Quando você está escrevendo, como é?

S8: Eu paro assim para ver se eu fiz alguma coisa errada para corrigir.

P: só com o objetivo de corrigir?

S8: E ver se ficou bom o que eu escrevi mesmo.

P: Você só escreveu no slide 1? Não quis colocar imagem por quê?

S8: Porque eu não achei nenhuma imagem que se encaixasse no slide. Eu queria deixar bem assim para enfatizar o que eu queria mostrar.

P: No 2º slide, você escreveu no modelo do slide mesmo e colocou essa imagem. Conta como foi fazer esse slide.

S8: Eu escrevi aqui [...] e fui lá no Google, vi essa imagem, achei bonita, uma família unida e coloquei.

P: Colocou para ilustrar o que você estava dizendo? E o slide 3, diz como foi?

S8: Eu escrevi [...] aí catei a imagem onde tem uma menina triste, mas que o pai está do lado dela.

P: Aqui também você parou, ficou pensando, olhou as imagens e voltou, por quê?

S8: Eu vi as imagens, mas não achava muito combinação com o que eu escrevi, aí eu achei essa e achei que combinou, achei que deu para encaixar.

P: Tanto a imagem anterior, como essa, você colocou abaixo do texto. Tem alguma razão?

S8: é porque eu sempre gosto de colocar a imagem assim.

P: Mas, pense um pouquinho, por quê?

S8: Porque [...] eu acho que complementa melhor quando você termina de ler, vê a imagem, você lê, entende, quando vê a imagem compreende melhor.

P: No 4º slide você escreveu em tópicos [...] eu vi que você apagou alguns, escreveu de novo. Explica aí como você fez?

S8: Eu apaguei porque não ia dar certo o que eu estava pensando.

P: Como assim “não ia dar certo”?

S8: Não ia dar certo, porque o que eu pensei em princípio, eu escrevi, aí quando eu pensei outra coisa para encaixar não deu, não se encaixava. Aí eu resolvi colocar em tópicos porque eu achei bem interessante assim os motivos porque eu pensei isso.

P: No próximo slide, só a imagem, diferente de todos os outros [...] por quê?

S8: Porque é o momento de final do slide, onde vai enfatizar tudo que eu escrevi. Aí eu vou demonstrar o que eu escrevi pela imagem.

P: Deixa eu perguntar uma coisa, quando você escolheu o tema, o que você pensou no começo é o mesmo que está aqui ou você mudou alguma coisa?

S8: No princípio eu pensei sobre meus amigos, os meus irmãos, aí depois veio a idéia de falar sobre os meus pais porque eles fazem muito por mim e [...] como eles fazem muito por mim aí eu não demonstro muito isso todos os dias. Aí eu resolvi fazer slides em homenagem.

P: E quando você pensou nos slides, em fazer slides, você já tinha um texto assim pronto, ou você vai fazendo na hora ou vai fazendo de acordo com a imagem? Como é?

S8: Eu penso, escrevo o que eu acho, o que eu estou pensando, aí depois corrijo, se ficar legal eu deixo, se não eu elaboro outra frase.

OII-S12-T33



P: A partir da escolha do tema, como foi que você fez?

S12: Eu pensei, assim, no caso do meu amigo. Ele é tipo desse jeito. Ele é pobre, mas ele se dedica aos estudos muito. Eu fui pegando as imagens e fui fazendo o texto.

P: Você escreveu primeiro o título, depois você escreveu o texto, centralizado na página, você mudou a cor, a fonte, deslocou o texto para esquerda e foi atrás da imagem. Explica como foi feito esse primeiro slide.

S12: Eu só pensei tipo, numa introdução e peguei uma imagem, a partir dela.

P: A partir da história você escolheu a imagem [...]

S12: Aí mudei o design para ficar mais bonito.

P: E sobre o pano de fundo que você escolheu, azul e preto, por que você escolheu ele?

S12: Vou só aleatório mesmo.

P: Foi aleatório e as imagens?

S12: A imagem tem a ver com o texto mesmo.

P: Você colocou o segundo e já começou a escrever [...] Já tinha a história na cabeça?

S12: Já por causa do meu amigo que eu já tinha planejado isso antes.

P: Aí escreveu, deslocou o texto para a direita, foi atrás da imagem e colocou para a esquerda. Porque você fez essa configuração diferente da primeira?

S12: Para modificar mesmo para ficar mais estruturado mesmo.

P: E essa imagem, por que foi que você escolheu?

S12: Tem a ver também com o texto, que ele estudava muito.

P: Foi para ilustrar então? O 3º slide você fez um pouquinho diferente, escreveu um pouco, deslocou o texto para baixo, buscou uma imagem e colocou ela bem grande na tela. Explica como foi feito isso.

S12: É porque o texto diz que ele nunca desistiu, aí coloquei a imagem de alpinismo, para superar as barreiras.

P: Por que você colocou essa imagem maior na tela?

S12: Eu fiz só, também, não tem nenhuma lógica, não.

P: Por que você escolheu essa imagem? Como você escreveu esse texto? Explica como você fez esse.

S12: Porque a partir daí, com o estudo dele, ele já conseguiu chamar a atenção de outras pessoas. No caso, o dono de uma empresa de informática. Eu coloquei aqui uma imagem que tem a ver com informática.

P: E como foi que você escreveu isso aí? Você não para muito para ler o que está escrevendo. Às vezes levanta a cabeça para ver se está tudo escrito...

S12: Eu já, até na escolha mesmo da imagem, estou pensando no próximo [...]

P: Você vai se adiantando, então. No slide 5 do mesmo jeito [...] Explica para mim, como foi que você escreveu esse texto, escolheu essa imagem.

S12: A partir daí, foi mesmo o avanço do homem, por meio dos estudos. Ele ficou no 2º maior cargo da empresa, que é o diretor. Desloquei o texto para esquerda, a imagem para direita.

P: No último slide, você não colocou imagem, e acrescenta uma moral. Pense aí o que é esse slide, como você fez?

S12: Eu achei assim que o final dá um impacto aí eu coloquei uma moral e não coloquei imagem, porque não tinha como expressar isso.

P: Como é que você planejou o texto? Por que você disse que tinha a história do seu amigo e você só parava para ler o texto quando o corretor ortográfico marca uma palavra [...] Como é que você faz?

S12: Eu escrevo e depois olho e acho melhor assim, aí vejo alguns erros.

P: Sobre a escolha das imagens. Você fez tudo muito rápido, como é que você faz esse processo de ir lá nas imagens e escolher essas imagens?

S12: Eu vou no Google Imagens, aí eu tento colocar a mais parecida com a situação.

P: E como é esse processo de escolha? Você chega no Google Imagens, e aí?

S12: Eu pego a imagem que tem muito a ver, por exemplo “homem pobre”, aí eu vou lá no Google e boto homem pobre, olho as imagens e escolho uma melhor.

P: E você acha que é importante mudar a cor de letra, alterar o espaço do texto, ou você faz aleatoriamente?

S12: Acho que é importante, além de dar uma aparência melhor ao slide, é importante para dar a impressão de destacar, você pode colocar em negrito, pode aumentar o tamanho da fonte. Eu acho que é bem importante.

P: Quer dizer que essas alterações, você fez para melhorar a aparência. Você acha que o texto na tela tem que ter uma aparência legal?

S12: Porque só o fundo branco, com uma letrazinha qualquer, eu acho que não produz um slide tão interessante.

OII-S7-T34



P: Vamos ver o 1º slide. Quando foi escolhido o tema, a primeira coisa que você fez foi mudar o plano de fundo, por quê?

S7: Assim, eu acho que é o começo de tudo, como eu já tinha dito, é o que me faz pensar que flui quando daí de dentro do tema.

P: E a escolha do plano de fundo?

S7: É o que eu acho que tem muito a ver, tem mais alegria, até mesmo a questão de ter alguma afinidade com o tema.

P: Em todos os slides, você primeiro escreveu para depois colocar os slides. Explica o porquê disso aí.

S7: É porque eu não tinha nada [...] nenhuma experiência em relação a ganhar na loteria. Eu fui deixando a imaginação fluir para depois escolher uma imagem de acordo com o que eu tinha escrito.

P: Você escreveu e apagou e pensou e re-escreveu. Conta para mim, como é esse processo de escrever... você estava escrevendo, aí o que aconteceu?

S7: É porque, assim, eu não vou ter uma imagem inspiração nem parecida. Eu me imaginei várias vezes, como agiria, como teria acontecido. E eu vi que não tinha ficado legal, ou que era muito especial, aí eu pagava e fazia de novo [...] até ficar uma coisa realista, mais interessante.

P: Então você estava tentando incrementar a narrativa? Explica em poucas palavras como é o teu processo de escrever. Quando fala o tema, o que vem na cabeça? O que você pensa?

S7: Eu li o tema e achei até um pouco inusitado, mas a questão da imaginação. Você se imaginar naquele contexto, embora eu não tenha vivido, mas gente vê as experiências, vê as pessoas, como elas reagem, e você já sabe mais ou menos como você reagiria [...] para escrever é assim, você sente, você acha [...] por exemplo, como eu me comportaria nesta situação e vou escrevendo como eu acho que reagiria [...] as palavras elas vão saindo. Na verdade, quando você escreve, elas saem, não tem um porquê, mais ou menos como eu acho que seria, como eu agiria.

OII-S8-T35

<p>Era um dia muito bonito Me lembro como se fosse hoje.</p> 	<p>Resolvi apostar na loteria, apostar na sorte pelo menos uma vez.</p> 	<p>E de repente, da noite para o dia, minha vida mudou completamente, fiquei rico, foi uma surpresa.</p> 
<p>Primeiramente vou ajudar minha família e os necessitados, depois vou comprar tudo que quero.</p>	<p>Primeiramente vou fazer uma longa viagem pelo Estados Unidos da América Fazer novas amizades, conhecer pessoas diferentes.</p> 	<p>Hoje levo uma vida tranquila, sem estresse, tenho tudo que quero na hora que quero.</p> 

P: Você abriu o programa e ficou olhando a tela. Depois de escolher a proposta, como foi na sua cabeça?

S8: Hoje meio que estava tudo esquematizado na minha cabeça, mas eu não sabia a forma como eu ia escrever, passar o texto para a tela.

P: Hoje você mudou o layout. Colocou a imagem na direita e o texto na esquerda. Por quê?

S8: Para diferenciar um pouco dos outros.

P: Conta para mim como foi que você escreveu esse texto, escolheu essa imagem. Como foi que você escreveu esse primeiro slide...

S8: No começo foi um dia bonito, aí eu escrevi que era um dia muito bonito e fui lá na internet e peguei uma imagem no Google.

P: Essa imagem, você primeiro colocou, escreveu o texto para depois colocar a imagem. E essa imagem está servindo para quê?

S8: Para complementar o que eu escrevi, que era o dia bonito.

P: No slide 2, você voltou, leu o slide 1, para depois voltar para o 2 em branco e começar a escrever. Por que você leu o anterior?

S8: Para tentar dar um encaixe do segundo com o primeiro, aí eu peguei esse dia bonito, o dia que apostei na loteria, como se fosse um divertimento, sem a mínima intenção de ganhar, só para apostar.

P: Então você quis passar a impressão de que era [...]

S8: Uma brincadeira, apostar, pensar que não ia ganhar.

P: Você escreveu o texto e foi atrás da imagem, como foi esta relação neste slide 2? Qual a relação dessa imagem que você procurou com o texto que você escreveu?

S8: É megasena, apostar, meio que complementa. Aí eu peguei essa imagem de um homem apostando na megasena.

P: No slide 3, você escreveu, parou, leu, parou de novo, escreveu. O que são essas pausas que você faz para ler?

S8: Para testar como anda o texto, olhar a ortografia para ver se não tem alguma coisa errada e ler para caçar uma imagem que combine com o texto.

P: No slide anterior você pegou uma imagem com uma mão e neste aqui também. Você quis fazer uma relação?

S8: Digamos que não. A mão era apostando e encontrei o que tinha mais a ver com o dinheiro.

P: Na maioria das procuras que fez de imagens é "homem fazendo alguma coisa". Por que você sempre coloca isso?

S8: Acho que é meio que homem relacionado a tudo, porque a maioria que aposta é homem [...]

P: Então você fez a relação com uma atividade masculina.

S8: E por ser um slide contando a minha história.

P: Nesse aqui você fez muita coisa: escreveu a esquerda, apagou, escreveu de novo, foi atrás da imagem, procurou, mudou o tema da pesquisa, procurou de novo e preferiu deixar ele assim. Por quê?

S8: Porque eu não achei nenhuma imagem que se encaixasse com o texto.

P: Conta como foi fazer esse slide 4.

S8: Foi pensar no que faria com o dinheiro que eu ganhar. O que eu faria era ajudar uma instituição de caridade.

P: Foi nisso que você pensou, então, a primeira coisa que você ia fazer e já começou escrevendo. No próximo slide, você diz que vai fazer uma longa viagem, primeiro ia conhecer todo o mundo, depois só a América do Norte, foi pesquisar, voltou, apagou América do Norte, escreveu Estados Unidos e acrescentou fazer novas amizades e conhecer pessoas diferentes. Foi lá na pesquisa, escolheu a imagem. Por que essa mudança?

S8: Eu coloquei Estados Unidos, mas não achei imagens muito legais para se encaixar com o slide, mas peguei Estados Unidos porque tinha muita vontade de conhecer.

P: Eu vi que você parou muito, leu, apagou, escreveu de novo, por quê?

S8: Eu faço se tiver uma boa aparência, uma boa ortografia, eu deixo, se eu ver que não está muito complementando, eu apago e refaço.

P: Mas desta vez você não apagou só por causa da ortografia, você trocou América do Norte por Estados Unidos [...]

S8: Porque sempre tem, nem sempre tem uma imagem que complementa com o texto.

P: [...] Como foi a criação deste slide. Eu vi que antes de você fazer este, você leu os outros...

S8: É por causa que o último eu queria dar uma ênfase na história. Aí eu voltei desde o princípio, aí no último eu ia escrever o que está acontecendo hoje. Uma vida tranqüila, sem estresse, de paz.

P: Então você estava fazendo uma retrospectiva do que tinha feito com o dinheiro e no último você queria dizer a situação hoje. E essa imagem por que você escolheu ela?

S8: Porque retrata uma vida tranqüila e tal, o mar [...]

P: Por quê?

S8: Porque essas praias assim trazem tranqüilidade, você se esquece dos problemas, das situações, aí eu logo pensei em colocar a imagem de uma praia.

OII-S10-T36



P: Eu quero que você vá dizendo como fez cada um...

S10: É [...] primeiro era uma viagem, para fazer uma narrativa. Então eu fui logo numa loja que a maioria dessas viagens que a gente faz, que é planejada, tem que ter dinheiro é concurso de loja e promoção. Aí eu vi a imagem de uma loja e coloquei que eu comprei o produto. Aí eu já estava esperando [...] aí eu peguei a foto de uma pessoa muito alegre, por ter ganhado a viagem, que é quando o texto fala do resultado da promoção [...] aqui no aeroporto, já que eu tinha falado em escala nada melhor do que a foto de uma escala, coloquei para ficar mais diferente. Quando a gente fala em aeroporto já coloca a foto de um avião, então achei melhor assim. Um dos lugares, peguei das imagens mais bonitas assim [...] da Grécia e coloquei [...] E depois botei os pontos turísticos da Grécia, superconhecido. E aí já para finalizar coloquei a foto já com o intuito de já ir finalizando e [...] e por último as fotos das lembranças, com a foto, que lembrança fica na memória, mas fica também o registro nas fotos.

P: Quando escolheu a proposta, você mesmo falou que foi logo escolhendo as imagens. Por quê?

S10: É [...] porque uma história, essa história eu achei que ia ser muito difícil encontrar imagens de acordo com o texto, então eu fui colocando as imagens para depois o texto se aderir às imagens, não as imagens ao texto porque o texto você pode mudar as palavras para adequar às imagens, agora a imagem é difícil você achar uma imagem que você quer

P: Todas as imagens você amplia para o tamanho todo do slide, por que você faz isso?

S10: Eu tenho esse costume já. Eu acho mais bacana, mais legal. Uma coisa maior quando a gente abre o slide. Acho mais interessante, mas até [...] dá um destaque maior ao outro.

P: Eu vi também que em todos você aumentou a letra, botou negrito e até mudou a cor em várias vezes, por quê?

S10: Para destacar com a imagem, porque na hora da leitura, porque às vezes a imagem tem uma cor e a fonte na mesma cor e impossibilita a leitura. Então, sempre, dessa vez eu não coloquei uma cor uniforme em todas uma cor só, porque eu fui variando de acordo com a imagem, a cor que destacava mais eu ia colocando.

P: Você antes de fazer alguns slides vai voltando para ler os anteriores...

S10: É porque é uma narrativa. Então é toda uma história, uma sequência de fatos. Eu voltava sempre para tentar ligar, fazer uma coesão entre os dois slides, para não ficar uma coisa diferente.

P: Acho que foi no slide 6, você tinha colocado outra imagem, leu o slide anterior, voltou e foi escolher outra imagem.

S10: É como eu falei, aquela outra, é uma imagem bem conhecida da Grécia. Eu queria com essa imagem mostrar também, não só as do templo grego, mas também tem outras belíssimas, é um lugar totalmente mágico, que não é só um ponto turístico, porque essa é a outra, já para finalizar, para ser a conhecida, entendeu?

P: Antes de você dizer que terminou, você leu todo em tela cheia, por quê?

S10: Para ver como é que ficou. Vê se tem algum erro de ortografia, que a gente só percebe quando amplia mesmo, quando a gente faz uma releitura. Na hora que a gente escreve, nem percebe, às vezes. E os detalhes, o que ficou faltando. Só checar.

P: Eu sei que você já veio percebendo a combinação da imagem e do texto. Eu já vi você conversando com S8 uma vez. Você fez algo diferente, neste que você fez agora?

S10: Eu acho que nem todo que a gente escreve vai ter uma imagem adequada. Quando você põe a imagem que se aproxime e deixa o leitor, a pessoa que está lendo, imaginar a relação que tem o texto e a imagem, nem sempre colocar a imagem que o texto fala, para o leitor perceber mesmo que tem uma relação e fazer essa relação com o texto, às vezes a idéia que a gente quer passa é meio oculta.

P: Então a imagem que você coloca tem uma intenção, ela não é ocasional.

S10: Não. É sempre, vou no texto antes vou na internet para fazer uma ligação, para não ficar uma coisa totalmente sem sentido, sempre tentar ver a imagem para ficar, para dar esse sentido maior.

P: Diferente das outras vezes, você pensou bem mais antes de pesquisar a imagem. O que é que estava passando na sua mente?

S10: No início foi pior, tantos lugares lindos lá. Eu já tinha para mim essa escolha. Eu acho a Grécia magnífica. Na narrativa que seja curta, interessante, que fique com aquela, parar no meio e fique querendo saber o final, criar uma expectativa. Então uma coisa curta e ao mesmo tempo interessante. Tem que caprichar bem na escolha das palavras, para dar maior sentido, para justamente não ficar uma coisa repetitiva [...] cada slide uma coisa [...] a imagem, o que eu posso falar delas e vai ter uma ligação [...] interessante porque eu sempre coloco a imagem e depois escrevo, mas antes de procurar eu já sei o que eu vou escrever, justamente essa ligação para dar um sentido.

OII-S8/10-T37



P: Vocês podem comentar como fizeram o texto?

S10 e S8: Uma história de sucesso...

S8: Aí foi o que a gente colocou não foi?

S10: Sucesso para gente é conseguir os objetivos principalmente esse cara, porque a gente ainda tem a oportunidade de estudar, já tem toda uma estrutura. Quando a gente chega em uma fase da nossa vida, mas esse cara que estava na pior, todo trabalho é digno, mas trabalho que não dá para sustentar a família e através do estudo, do esforço, conseguiu o Banco do Brasil, economia [...] é uma realização para ele

OII-S7/12-T38



P: S7 pensou em Alemanha, você pensou em Estados Unidos, por que decidiram fazer Estados Unidos?

S7: Porque é uma cultura bem mais próxima da nossa. Além de ser um pólo industrial, é bem mais famoso.

S12: Tem bem mais imagem para o texto.

P: Vocês acham que é mais próximo. Vocês não interagiram muito. Um escrevia um, o outro escrevia outro. Raras foram as interferências quando o outro estava escrevendo. Vocês recordam por que foram?

S7: Ele falou para mudar o final. Acho que foi uma falta de interação, mas a gente conseguiu concluir.

S12: Foi só mesmo para destacar alguns pontos do texto e quanto à imagem principalmente

P: Fazer e, dupla é diferente, é melhor do que fazer sozinho?

S7: É diferente e interessante, porque você interage com outra pessoa, pega opiniões, trocar opiniões para fazer uma coisa mais interessante.

P: Interfere na hora que você escreve?

S7: Interferi até que interfere, você vê o jeito do outro,, como ele deu opinião e estava melhor que a minha.

P: O que você acha S12?

S12: Eu também acho que as ideias se completam, mais interessante.